

Revista

*PERcursos Linguísticos*

Volume 12

Edição N. 32

Ano 2022

**DIALOGANDO SOBRE OS ASPECTOS DA TRADUÇÃO E  
INTERPRETAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Organizadoras: Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES), Vânia de Aquino Albres Santiago (PUC-SP/Instituto Singularidades) e Neiva de Aquino Albres (UFSC)

PPGEL- UFES

# PERcursos Linguísticos

VITÓRIA  
2022 / 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**DIALOGANDO SOBRE OS ASPECTOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS  
LÍNGUAS DE SINAIS**

Organizadoras: Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES), Vânia de Aquino Albres Santiago (PUC-SP/Instituto Singularidades) e Neiva de Aquino Albres (UFSC)

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

---

PERcursos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 12, n. 32 (2022)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: UFES, 2011-

Quadrimestral.

ISSN: 2236-2592

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: < <http://periodicos.ufes.br/percursos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

---

Ficha catalográfica elaborada por:  
Saulo de Jesus Peres  
CRB6 – Reg. 676/ES

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Av. Fernando Ferrari, nº 514  
Campus Universitário – Goiabeiras  
CEP 29075-910  
Vitória – ES  
Tel: 027 4009-280

***PERcursos Linguísticos***

Esta revista é um periódico quadrimestral.

**Reitoria**

Reitor: Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-Reitor: Roney Pignaton da Silva

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Jr.

**Centro de Ciências Humanas e Naturais**

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Vice-Diretor: Ricardo Correa de Araújo

**Departamento de Línguas e Letras**

Chefe: Mário Cláudio Simões

Sub-chefe: Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan.

**Programa de Pós-Graduação em Linguística Mestrado em Estudos Linguísticos**

Coordenadora: Flávia Machado

Coordenador Adjunto: Fabio Malini

**EQUIPE EDITORIAL**

Patrick Rezende (Editor-gerente)

Guilherme Brambila

Elaine Cristina Borges Souza

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira

Micheline Mattedi Tomazi

Maria da Penha Pereira Lins

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Cristina Carmelino (UNIFESP)

Anna Olga Prudente (PUC-RIO)

Adriana Baptista (UFRJ)

Alexandre Timbane (ACIPOL)

Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES)

Bernardo Limberger (PUC- RS)

Bruno Deusdará (UERJ)

Daniel Ferraz (USP)  
Davi Borges Albuquerque (UNB)  
Daniervelin Renata Marques Pereira (UFTM)  
Edenize Ponzó Peres (UFES)  
Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP)  
Elena Godoy (UFPR)  
Fernanda Mussalim (UFU)  
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)  
Guilherme Brambila Manso (Sedu-ES)  
Isadora Machado (UFBA)  
Janice Helena Chaves Marinho (UFMG)  
José Olímpio de Magalhães (FALE/UFMG)  
Júlia Maria da Costa de Almeida (UFES)  
Júlio Araújo (UFC)  
Junia Mattos Zaidan (UFES)  
Juscelino Pernambuco, (UNESP/UNIFRAN)  
Karylleila Santos Andrade (UFT)  
Kyria Finardi (UFES)  
Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)  
Lillian V. F. DePaula (UFES)  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)  
Luciano Vidon (UFES)  
Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)  
Luiz Antonio Ferreira (PUC/SP)  
Maria Cristina Giorgi (CEFET- RJ)  
Maria da Penha Pereira Lins (UFES)  
Maria Flavia de Figueiredo (UNIFRAN)  
Maria Luiza Braga (UFRJ)  
Maria Silvia Cintra Martins (UFSCAR)  
Marina Célia Mendonça (UNESP)  
Marta Scherre (UNB/UFES)  
Mayara Oliveira Nogueira (PUC-RIO)

Mayelli Caldas de Castro (IFES)

Michele Freire Schiffler (UFES)

Micheline Mattedi Tomazi (UFES)

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (UECE)

Patrick de Rezende Ribeiro (Sedu-ES)

Roberto Perobelli Oliveira (UFES)

Renata Martins Amaral (PUC-RIO)

Rita Maria Ribeiro Bessa (UFBA/UEFS)

Rivaldo Capistrano Souza Júnior (UFES)

Sandra Mara Moraes Lima (UNIFESP)

Tatiany Pertel Sabaini Dalben (UESC)

Vanda Elias (UNIFESP)

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

**A revista está indexada em:**

LATINDEX, Diadorim, JOURNALSEEKER,  
SEER, SUMÁRIOS.ORG, Journals4free, SHERPA/ROMEO, Google  
Scholar, LIVRE, WorldCat.org, EZB-Elektronische  
Zeitschriftenbibliothek, WZB, ERIHplus, CIRC, CCG / IBT - UNAM, Vésila-Biblioteca  
Digital, REDIB, SEER, ZDB, JURN, DOAJ, Periódicos.Capes, The Linguist  
List, BASE, I2OR, Europub, MLA - Modern Language Association

## SUMÁRIO

<b>Algumas Palavras dos Editores</b>	8
Guilherme Brambila Patrick Rezende	
<b>Apresentação</b>	9 - 11
Flávia Machado, Vânia de Aquino Albres Santiago, Neiva de Aquino Albres	
Modelos Cognitivos Idealizados: Uma Reflexão Sobre A Atividade Semântica Cognitiva No Contexto Jurídico	12-31
Elizabeth Martins dos Reis, Flávia Medeiros Álvaro Machado	
Tradutores-Intérpretes De Libras No Contexto Da Educação De Surdos: Relação Entre A Conduta Do Profissional E Aspectos Linguísticos E Extralinguísticos	32-54
Gildete da S. Amorim Mendes Francisco, Juveirce Christiane Medeiros Ramos, Gláucio de Castro Junior	
História Recente Da Tradução E Da Interpretação De Libras E Língua Portuguesa Na Universidade Federal Do Espírito Santo (2006–2021)	55-76
Andrew Victor Thomé Bizzo, Pedro Henrique Witches	
Bacharelado Em Letras: Tradução E Interpretação De Libras/Português Da Ufg: Concepções Dos Concluintes E Egressos Sobre O Curso	77-92
Lívia Alves Duarte, Juliana Guimarães Faria, Diego Maurício Barbosa	
Modos De Resistir: Quando As Narrativas Dos Tradutores E Intérpretes De Libras E Português Nos Contam As Histórias	93-103
Lucyenne Vieira-Machado, Josué Rego da Silva	
A Tradução De Termos Técnico-Científicos Do Campo Dos Estudos Da Tradução Para A Libras Em Processo De Ensino-Aprendizagem	104-126
Neiva Albres, Elaine Aparecida de Oliveira da Silva, Vânia Santiago, Carlos Magno Leonel Terrazas	
Efeitos De Modalidade Na Interpretação Intermodal De Fábulas No Par Linguístico Libras-Português: Recorte De Uma Pesquisa Empírico-Experimental	127-143
Vitória Tassara, Carlos Henrique Rodrigues, Norma Barbosa de Lima Fonseca	
Entrevista com Ricardo Ernani Sander	144- 148
<b>POLÍTICA EDITORIAL</b>	149-155

## ALGUMAS PALAVRAS DOS EDITORES

É com grande alegria que anunciamos a publicação de mais um volume temático da *Revista PERcursos Linguísticos*. O presente dossiê reitera o compromisso do periódico com a produção acadêmica de alto nível nos estudos da linguagem e com a diversidade de pesquisas nessa área. Neste volume, temos a satisfação de apresentar uma compilação de artigos organizados pelas professoras Flávia Machado, Neiva Albres e Vânia Santiago. Foram diversos trabalhos submetidos e 07 foram aprovados para compor o dossiê *Dialogando sobre os Aspectos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais*. É parte também desta edição uma entrevista com Ricardo Ernani Sander, tradutor e intérprete de línguas de sinais.

Compreendendo a linguagem como um instrumento de interação social e forma de constituição dos sujeitos, os presentes trabalhos fornecem reflexões sobre a área da tradução e interpretação das línguas de sinais em interface com diferentes searas, sobretudo a educação, demonstrando a fertilidade das pesquisas nesse campo.

Esperamos, assim, que este dossiê seja uma boa contribuição para os interessados em questões relacionados às línguas de sinais. Aproveitamos e agradecemos aos autores e às organizadoras pela contribuição.

Desejamos uma ótima leitura e um excelente 2023!

Vitória, Espírito Santo, dezembro de 2022.

Patrick Rezende  
Guilherme Brambila  
Editores

## APRESENTAÇÃO

O dossiê “DIALOGANDO SOBRE OS ASPECTOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS” foi organizado pela *Revista PERcursos* em parceria com as professoras doutoras Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES), Vânia de Aquino Albres Santiago (PUC-SP e Instituto Singularidades) e Neiva de Aquino Albres (UFSC), com a finalidade de refletir sobre os processos de tradução e de interpretação em relação aos fenômenos comunicacionais, especialmente, na complexidade do uso das línguas de modalidade gestual-visual e vocal-auditiva nas sociedades contemporâneas. As pesquisas aqui compiladas apresentaram múltiplos olhares, advindos de distintas áreas do conhecimento e inseridos em perspectivas teóricas e metodológicas diversas.

Nessa proposta, a finalidade do dossiê consiste em reunir pesquisas concluídas ou em andamento com resultados parciais voltadas a Estudos relativos à Linguística, à Tradução e/ou à Interpretação, especialmente, baseadas na Filosofia da Linguagem, na Semiótica e na Comunicação Social, com redobrado interesse por trabalhos com viés inter/transdisciplinar.

O texto das autoras Elizabeth Martins Reis e Flávia Medeiros Álvaro Machado destaca os Modelos Cognitivos Idealizados - uma reflexão sobre a atividade Semântica Cognitiva no Contexto Jurídico. As autoras dialogam sobre a concepção do significado que depende de um conjunto de estímulos, resultado de uma infinidade de motivações, adquiridas na interação com a sociedade.

O texto de Gildete Amorim, Juveirce Christiane Medeiros Ramos Condi, Gláucio de Castro Júnior apresenta estudos sobre a atuação de tradutores-intérpretes de Libras, aspectos de conduta ética do profissional e suas contribuições para a comunidade surda. Os autores levantam questionamentos importantes que se relacionam com essa profissão e os desdobramentos para as pessoas surdas.

O texto dos autores Andrew Victor Thomé Bizzo e Pedro Henrique Witschs procura documentar sobre a história recente da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa na Universidade Federal do Espírito Santo (2006–2021). Os autores

demarcaram o movimento e o desenvolvimento de uma política de tradução e interpretação no domínio institucional da UFES. O estudo permite evidenciar os desafios e os avanços das práticas de tradução e interpretação de línguas de sinais em contextos de serviços públicos.

O texto da autora Livia Alves Duarte, Juliana Guimarães Faria e Diego Maurício Barbosa discute o Bacharelado em Letras: Tradução e Interpretação de Libras/Português da Universidade Federal de Goiás e as concepções dos concluintes e egressos. A autora apresenta dados coletados de uma pesquisa qualitativa que identifica a visão dos egressos e dos concluintes sobre a formação recebida, discutindo suas percepções sobre o curso.

O texto dos autores Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado e Josué Rego da Silva problematiza a emergência e a institucionalização sobre os modos de resistir, a partir das narrativas de tradutores e intérpretes de Libras-Português que contam as histórias. Os autores analisaram as narrativas de pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e português de diferentes estados da federação, observando o percurso histórico desses sujeitos que repercutiram em suas práticas, como diferentes modos de resistência surda, tanto utópicas quanto infames.

O texto de Neiva Albres Aquino, Elaine Aparecida de Oliveira da Silva, Vânia de Aquino Albres Santiago e Carlos Magno Leonel Terrazas apresenta uma reflexão sobre a tradução para a Libras de termos técnico-científicos do campo dos Estudos da Tradução. Os autores analisaram as criações terminológicas coletivas para se referir às línguas envolvidas na tradução, como os termos “língua fonte” e “língua alvo” em Libras, criados em processo de elaboração conceitual em situações de aula. A partir de relatos retrospectivos produzidos pelos autores e professores formadores de tradutores, problematizam o emprego indiscriminado de sinais para se referir a esses termos que medeiam a aprendizagem, desenvolvendo uma proposição de sinais-termos para a área.

O texto dos autores Vitória Tassara, Carlos Henrique Rodrigues e Norma Barbosa de Lima Fonseca apresenta os resultados de um estudo piloto de uma pesquisa sobre os efeitos de modalidade na interpretação intermodal do par linguístico Libras-Português de fábulas (recorte de uma pesquisa empírico-experimental). Os autores investigaram como a direcionalidade da interpretação influencia na atuação do profissional. O estudo tem

como enfoque os possíveis efeitos de modalidade que ocorrem entre o par linguístico Libras-português na interpretação desse gênero textual.

O presente volume finaliza com uma entrevista com o professor universitário, intérprete e tradutor de língua de sinais, Ricardo Ernani Sander.

Este número oportuniza aos pesquisadores da área de Libras apresentarem as suas investigações e reflexões, assim como aos leitores interessados conhecerem as recentes pesquisas realizadas, fomentando o diálogo entre os pares no presente dossiê temático da Revista *PERcursos Linguísticos*.

Agradecemos aos editores do periódico, por tornarem esse espaço relevante de compartilhamento de conhecimentos, aos pareceristas *ad hoc*, pela colaboração essencial, bem como aos autores, por nos presentear com seus artigos.

Desejamos uma excelente leitura deste dossiê.

Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES)

Vânia de Aquino Albres Santiago (PUC-SP e Instituto Singularidades)

Neiva Albres Aquino (UFSC)

## MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A ATIVIDADE SEMÂNTICA COGNITIVA NO CONTEXTO JURÍDICO

### IDEALIZED COGNITIVE MODELS: A REFLECTION ON COGNITIVE SEMANTIC ACTIVITY IN THE LEGAL CONTEXT

Elizabeth Martins dos Reis<sup>1</sup>

Flávia Medeiros Álvaro Machado<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente proposta tem como base abordagem cognitivista (LAKOFF, 1987), que traz como reflexão a atividade semântica cognitiva do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) no contexto jurídico. A partir das questões semânticas que têm como um ponto de partida o processo da categorização humana, em que se observa a semântica cognitiva, desenvolvido na integração da capacidade de comunicação humana em diferentes contextos sociais. Com isso, o objetivo desse artigo é de dialogar sobre os Modelos Cognitivos Idealizados, a qual fundamenta que todo o significado depende de um conjunto de estímulos que são resultados de uma infinidade de motivações, cujas fontes podem ser as mais diversas, ou seja, podem ser àquelas que adquiridas na interação com a sociedade (LAKOFF, 1987; FELTES, 1992). Na tarefa do TILS, o desenvolvimento da compreensão do texto de partida para o texto de chegada requer habilidades para a tarefa da interpretação simultânea diante de termos-conceitos-jurídicos (MACHADDO, 2017). Os resultados apresentam que o TILS necessita se apropriar de repertório linguístico especializado, para efeito e eficiência da tarefa da interpretação simultânea no contexto jurídico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modelos Cognitivos Idealizados. Linguística Cognitiva. Interpretação Simultânea. Contexto Jurídico. Libras/Português.

**ABSTRACT:** The present proposal is based on a cognitive approach (LAKOFF, 1987), which reflects on the cognitive semantic activity of the Sign Language Translator and Interpreter (TILS) in the legal context. From the semantic issues that have as a starting point the process of human categorization, in which cognitive semantics is observed, developed in the integration of human communication capacity in different social contexts. With this, the objective of this article is to dialogue about the Idealized Cognitive Models, which is based on the fact that all meaning depends on a set of stimuli that are the result of an infinity of motivations, whose sources can be the most diverse, that is, they can be those acquired in interaction with society (LAKOFF, 1987; FELTES, 1992). In the TILS task, the development of comprehension from the source text to the target text requires skills for the task of simultaneous interpretation in the face of legal-

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística (PPGEL/UFES). Contato: [elizabethmartinsreis@gmail.com](mailto:elizabethmartinsreis@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora permanente no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/PRPPG) Contato: [flavia.m.machado@ufes.br](mailto:flavia.m.machado@ufes.br)

term-concepts (MACHADO, 2017). The results show that the TILS needs to appropriate a specialized linguistic repertoire, for the effect and efficiency of the task of simultaneous interpretation in the legal context.

**KEYWORDS:** Idealized Cognitive Models. Cognitive Linguistics. Simultaneous Interpretation. Legal Context. Pounds/Portuguese.

## Introdução

O contexto jurídico é extenso e muito diversificado, conhecido por seus protocolos peculiares, pela linguagem sofisticada e altamente técnica e pelas vestimentas. Dependendo do espaço que possui, é apontado por alguns pesquisadores como lugar de excessivo formalismo, com regras de condutas e vocabulários próprios, dos quais o Direito não abre mão para a condução dos trabalhos no sistema judiciário.

Todavia, o Poder Judiciário, bem como todas as esferas que o circundam, possui muitas terminologias de uso técnico e com inúmeras expressões em latim, as quais muitas são consideradas incompreensíveis para grande parte da população. Nesse sentido, Fröhlich (2015) define como “juridiquês”:

hábito linguístico (jurídico), por sua vez, é caracterizado como sendo o uso ordinário da linguagem culta, terminológica, de sentenças extensas e complexas, redundâncias, latinismos, construções impessoais, além de outros mecanismos de persuasão linguística. (FRÖHLICH, 2015, p. 39).

Assim, no contexto jurídico, as expressões são utilizadas por magistrados, advogados, promotores, defensores e operadores do Direito<sup>3</sup>, sendo geralmente de difícil compreensão para as pessoas que não convivem nesse meio.

Entre uma audiência e outra, comumente os Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) são convocados, quando há a presença de surdos, que normalmente necessitam desses profissionais nesses espaços. Contudo, o TILS atua em diversos outros contextos, podendo variar seu trabalho com temas que sejam de conhecimento comum, ou até mesmo desconhecidos por eles e por grande parte da sociedade.

As garantias constitucionais no Direito em relação a uma ação judicial, seja por reivindicações ou por acusações da outra parte, podem ser comprometidas, quando o

---

<sup>3</sup> O operador do Direito é um servidor que pode atuar direta ou indiretamente no sistema judiciário, cumprindo protocolos inerentes à área forense. Sua função é intervir (operar) de forma que o Direito seja plenamente exercido pelo magistrado (POSSENTI, 2019).

cidadão surdo que faz parte do processo não é assistido comunicativamente, ou seja, quando não há TILS preparados para mediar a comunicação. De acordo com Ginezi (2012), a convocação de um intérprete no tribunal tem o propósito de garantir uma comunicação entre as partes envolvidas no processo, e, quando há profissionais despreparados para mediá-lo “[...]; mesmo que ele cometa erros, pouco será compreendido por todos, e o processo jurídico será julgado de acordo com seus erros, tomados como verdades” (GINEZI, 2012, p. 38).

Nessa linha de raciocínio, toda interpretação simultânea do português para Libras envolve vários processos cognitivos, que requerem conhecimentos enciclopédicos e exigem domínio do enunciado, para compreender a finalidade da comunicação da língua de partida para a língua de chegada. Dessa forma, o TILS, quando ouve o enunciado, inicia uma atividade cognitiva em que precisa analisar, processar a mensagem recebida e escolher os lexemas para a língua de chegada, reorganizando a informação, como o “efeito cognitivo”.

O TILS que atua no contexto jurídico é um profissional com habilidades e competências que envolvem a leitura e a compreensão de particularidades que seguem princípios únicos em que o espaço estabelece. De acordo com Nordin (2018, p. 76), todo intérprete parte da baliza em “obedecer às regras específicas de atuação que podem não se fazer necessário em outros campos da interpretação”. No entanto, há algumas concepções específicas para o TILS que estiver habilitado a desempenhar uma atividade tradutória e/ou interpretativa no contexto jurídico, quando for convocado pelo sistema judiciário a realizar uma interpretação simultânea/consecutiva em fóruns, audiências, delegacias, entre outros. Nesta direção, Novais (2009, p. 29) afirma que os “[...] juízes que presidem audiências com estrangeiros afirmam categoricamente que o intérprete está à disposição, a serviço da justiça”, ou seja, o magistrado entende que todo “[...] intérprete trabalha para a justiça”. Em outras palavras, o intérprete “atua em benefício da justiça, da verdade”. Entretanto, não há atenção às especificidades da tarefa cognitiva do TILS, quando se trata de comunicação acessível aos grupos de minorias linguísticas, como os surdos. Frequentemente, o Poder Judiciário convoca pessoas usuárias da Libras, ou seja, pessoas que sabem a língua de sinais, mas não possuem qualquer formação no campo da tradução e da interpretação. São pessoas que desconhecem completamente a responsabilidade civil e penal diante da complexidade do trabalho em uma interpretação jurídica.

A atividade de interpretação não pode ser presumida como um exercício voluntariado, como já ocorreu em outros momentos da prática do TILS. É necessário ressaltar que se trata de uma tarefa que demanda o exercício profissional, pois não é qualquer usuário de uma segunda língua que poderá mediar a comunicação. Para isso, Nordin (2018) endossa que a interpretação deve ser realizada por um profissional de qualidade, pois o intérprete necessita ter segurança e preparo para tudo que ocorre na esfera jurídica na qual estiver mediando uma comunicação. A autora sublinha que a “[...] atividade profissional específica dos intérpretes que atuam em audiências judiciais, cíveis ou criminais” são tarefas que exigem não apenas o conhecimento gramatical das línguas interpretantes, mas necessitam de “[...] pleno domínio das línguas que se vai interpretar e das técnicas de interpretação (formação genérica), como intimidade e desenvoltura com a terminologia técnico-jurídica”. Dessa forma, todo profissional que medeia a comunicação deve ter conhecimento semântico-pragmático e dos “[...] os ritos e procedimentos judiciais (formação específica), além de um controle emocional e psicológico em nível invejável pelas situações que venham a surgir no decorrer das audiências” (NORDIN, 2018, p. 3).

Para tanto, em todo trabalho de interpretação é exigido o nível de processamento cognitivo máximo do TILS, além de muita cautela com as escolhas lexemáticas das línguas envolvidas no contexto jurídico (MACHADO, 2017). Qualquer erro ou compreensão divergente do texto original poderá ocasionar danos ou resultados irreparáveis, afinal, não se pode revogar uma decisão jurídica, senão por robustos e inquestionáveis elementos comprobatórios elencados ao Código de Processo Civil (BRASIL, 2002).

O profissional que se dedica a cumprir o papel de intérprete em determinado contexto deve manter cada informação existente na língua de partida o mais próxima possível do contexto na língua de chegada, preservando, assim, a sintaxe e a compreensão semântica, numa relação direta e pragmática.

A tarefa interpretativa, mais do que envolver duas línguas distintas, requer um nível elevadíssimo de concentração e armazenamento mental proporcional ao contexto proposto, exigindo do profissional tanto a parte física quanto a cognitiva, como pontua Gile (1999, p. 159, tradução livre):

[a] interpretação requer algum tipo de “energia mental” que só está disponível numa reserva limitada. [...] A interpretação consome quase toda essa energia

mental e, às vezes, requer mais do que está disponível; neste caso, o desempenho do intérprete se deteriora.

Estar diante de um conceito desconhecido ou de difícil compressão eleva ainda mais o grau de dificuldade e de responsabilidade do intérprete. Ao estar no contexto jurídico mediando línguas, será creditado como verdade tudo o que ele interpretar. Conforme Colares (2003), as instituições jurídicas tratam o depoimento como um produto linguístico e espontaneamente produzido, sendo esse de total responsabilidade do depoente. Observando essa afirmação, a tomada de decisões em relação às equivalências linguísticas e conceituais durante o ato interpretativo no contexto jurídico, que em sua própria circunstância não permite qualquer revisão da interpretação, inquieta e provoca reflexões sobre a categoria profissional dos TILS que atualmente vêm prestando serviços especializados ao sistema judiciário. Compreender e interpretar léxicos e conceitos dos quais nunca se teve contato antes é tarefa complexa e, sem acesso aos autos, a responsabilidade interpretativa torna-se um desafio que transcende o simples uso da língua.

Os processos mentais e cognitivos exigidos numa interpretação simultânea são demasiadamente complexos e exigem enormes níveis de habilidade e experiência do intérprete, ao passo que este ainda deve lidar contra o tempo, a fim de entregar todos os enunciados sem perder o contexto das informações.

Machado (2017, p. 124) destaca que, quanto mais preparado o intérprete estiver para atuar, melhor será o resultado, pois “[h]avendo a possibilidade, o preparo técnico [que] envolve a leitura do texto a ser interpretado, tanto [em] nível linguístico, conceitual, tradutório e entre outros mecanismos que refinam a atividade de interpretação simultânea”, e mais refinado será o trabalho do TILS.

Nesta direção, Machado (2017, p. 49) ainda ressalta que é fundamental ao TILS, de antemão, conhecer o texto, e, com base em sua memória (repertório linguístico), e no domínio do conteúdo, saber quais serão as escolhas a serem realizadas. Considera-se, assim, o alcance de “[...] um nível de habilidade e capacidade de desempenhos satisfatórios”, cujo preparo técnico e o conhecimento prévio das informações a serem interpretadas são elementos basilares para a tarefa interpretativa.

A presença de um intérprete em um espaço no qual a língua dominante não é utilizada por uma das partes é um direito fundamental e constitucional, como na tradução juramentada. Todavia, esse direito deve ser plenamente satisfeito, não somente com um

profissional fluente em duas línguas, mas, imperativamente, por aquele que tenha ciência e consciência da necessidade de se dominar o campo semântico no contexto jurídico.

### **Interpretação Simultânea e a Terminologia Jurídica**

Cada área que os seres humanos escolhem ocupar possui seu conjunto de léxicos relacionados à linguagem específica e do qual utilizam neste determinado espaço. Mencionar terminologia é adentrar um vasto encadeamento de concepções que a palavra sugere. Nesse sentido, Lara (2004) define terminologia como

uma área interdisciplinar que dá suporte a várias disciplinas no estudo dos conceitos e sua representação em linguagens de especialidade. Termo polissêmico terminologia se refere tanto à teórica e metodológica como à terminologia concreta. [...] Terminologia fornece metodologia para a descrição, ordenamento e transferência do conhecimento, indicando princípios que regem a compilação, formação dos termos, estruturação de campos conceituais, uso e administração de terminologias (LARA, 2004, p. 235).

Neste caminho, Tuxi (2015), em inúmeras contribuições em estudos sobre o tema, afirma que a terminologia tem referência na história, antes mesmo do início da abordagem desse campo de estudo no espaço acadêmico. A autora apresenta a terminologia da seguinte forma:

[á]rea de estudo que analisa e descreve o léxico, que utilizado em um contexto específico, ou seja, diverso da língua comum, passa a ter um valor conceitual diferenciado. Essa mudança de léxico para termo ocorre a partir da posição que ocupa em um determinado contexto semântico de uso. A partir deste local é que a palavra deixa de ser um léxico comum e passa a ser um léxico especializado. (TUXI, 2015, p. 566).

Segundo Tuxi (2015, p. 25), inicialmente a terminologia tinha por objetivo “nomear objetos, elementos e ideias de uma determinada área”. Com o desenvolvimento de volumes maiores de pesquisas voltadas ao conhecimento mais especializado sobre o léxico, a terminologia se consolida como disciplina nos estudos sobre “descrição e análise de termos em contextos sociais de diversas línguas”.

Segundo os Estudos de Sager (1990, p. 564), o papel da terminologia trata de “[...] um conjunto de práticas que envolvem a criação, a coleta, a explicação e a apresentação de repertórios em vários meios eletrônicos e impressos”. Observamos que os estudos sobre a terminologia, em linhas gerais, preconizam, por meio da socioterminologia,

aprimorar discussões acerca dos discursos especializados, abordando essencialmente as conexões entre terminologia e sociedade.

No campo da terminologia, palavras equivalem aos termos que estão sempre incorporados nos discursos pertencentes. Abordar questões sobre terminologias proporciona reflexões acerca dos procedimentos e do manejo sobre as palavras e seus significados. Segundo Novo (2019), o Direito teve início no Brasil pré-colonial, que compreende o período entre 1500 a 1532, portanto, antes da efetiva exploração e colonização do solo brasileiro por Portugal. Vigoravam leis genéricas, interpretadas de forma generalizada e aplicadas em todo o território nacional

O texto-jurídico, desde seus primórdios, seja em qual área estiver presente, carrega em sua essência uma linguagem técnica e de difícil compreensão por quem não faz parte desse universo. Com isso, o Direito e a linguagem possuem conexão de dependência mútua. Falar em Direito é, inevitavelmente, evocar a linguagem, pois é por meio dela que tudo se movimenta e se efetiva no mundo.

Ridd (2018, p. 355) afirma que o tradutor necessita de conhecimentos jurídicos, pois, “[n]ão se traduz entre línguas e sim entre sistemas jurídicos”. Esses conhecimentos devem ultrapassar o habitual conhecimento linguístico. Por essa razão, os elementos que orbitam o campo jurídico exigem do TILS competências específicas, além da formação e da perspicácia para alcançar êxito nessa área.

[...] O discurso jurídico é, ao mesmo tempo, técnico e antitécnico, eivado de jargões com uma fraseologia rebuscada e antiquada – quando não anacrônica. Ele busca uma sofisticação por vezes contraproducente do ponto de vista da clareza e da precisão. Requer, portanto, domínio discursivo que mescele precisão técnica com arroubos estilísticos quase literários. (RIDD, 2018, p. 355).

Existe no Brasil uma demanda crescente por profissionais TILS que tenham plenas condições de atuar no contexto jurídico. Porém, a interpretação nesse meio revela o quanto o profissional está sujeito às múltiplas pressões e responsabilidades, pois o TILS emprega seus conhecimentos linguísticos com a realidade extratextual do seu repertório, para ser compreendido pelo surdo de forma clara e objetiva.

Nessa perspectiva, podemos retomar Lakoff (1987), quando afirma que cada indivíduo possui um acervo mental único, pois as experiências individuais se constituem no uso do léxico de cada língua, como também ao raciocínio da compreensão linguística e cultural do enunciado, ou seja, o fazer sentido em uma experiência coletiva do escritor

para o leitor. Os surdos, como qualquer outra pessoa ouvinte, possuem direitos e deveres, como qualquer cidadão. Com isso, compreende-se que não apenas a sociedade precisa estar preparada para atender a pessoa surda, mas o poder judiciário, que por si, estabelecem as leis à sociedade, obedecendo ao princípio da isonomia ao que se refere ao direito brasileiro. Para isso, a atuação de TILS com habilitação especializada para atuar no contexto jurídico é indiscutível e totalmente urgente.

Nesse viés, o TILS que atua na esfera jurídica tem a obrigatoriedade de conhecer o direito brasileiro, as aplicações e as implicações do jurisdiquês, bem como se comprometer a interpretar de forma a observar os aspectos morfosintáticos e semântico-pragmáticos. E, para obter tais habilidades, o curso de formação especializada é a maneira que, no momento, é considerada a chave para garantir a eficácia da tarefa interpretativa no contexto jurídico.

A obrigatoriedade do profissional TILS em ter formação especializada e conhecer os protocolos jurídicos, além de ser necessária pelo princípio ético, deve mover a justiça brasileira para que cidadãos surdos sejam, de fato, contemplados por profissionais com prática no contexto, desempenho e capacidade para a atuação. Desse modo, faz-se necessário discutir os aspectos cognitivos envolvidos no processo de interpretação e a sua importância no trabalho do TILS em contextos de alta complexidade linguística.

### **Modelos cognitivos idealizados na tarefa interpretativa**

A Linguística Cognitiva surgiu a partir de um momento de insatisfação acerca dos modelos tradicionais que não preenchiam as lacunas e os questionamentos sobre o padrão humano comportamental. Há uma oposição radical aos modelos lógicos e tradicionais relacionados à semântica das línguas naturais, rompendo totalmente com a linguística gerativista chomskiana, ao trazer um novo paradigma para a linguística enquanto ciência cognitiva (FELTES, 1992).

As questões semânticas tiveram como ponto de partida o processo de categorização humana, incluindo em seu escopo a semântica da comunicação e a linguística experiencial que traz em seu bojo a teoria geral da cognição, o desenvolvimento humano e a interação social.

O significado do todo não é necessariamente função do significado das partes, podendo depender, por exemplo, de nossa percepção, de nosso conhecimento de mundo ou de nossa maneira de ver o mundo. (FELTES, 1992, p. 50).

Segundo Salomão (1999), significados surgem a partir de processos mentais e, naturalmente, o ser humano compreende o enunciado conforme se dá o processo de categorização em suas experiências de mundo e na interação social. Afinal, segundo Feltes (1992), a “análise semântica é um processo humano e está sujeita a princípios de análises gestálticas”, ou seja, ao categorizar os léxicos e os conceitos do contexto jurídico, antes é necessária a compreensão total do texto. Caso contrário, qualquer categorização diversa do conceito poderá levá-lo a resultados distantes da proposta do enunciado original.

Naturalmente, qualquer indivíduo possui alicerçado em sua natureza um sistema multifacetado de significação e “as experiências, propósitos e valores constroem um significado público compartilhado através de interações sociais complexas” (JOHNSON, 1988, p. 783). Mediante isso, parte importantíssima no processamento cognitivo é a categorização, que são representações mentais de todo conteúdo que cada ser humano possui em seu sistema intelectual.

Para Lakoff (1987), a categorização permite aos seres humanos a capacidade de racionalizar tudo que diz respeito ao campo metafísico. Ao categorizar, cada indivíduo organiza todas as informações que possui, utilizando três habilidades conforme Feltes (1992, p. 53):

- (a) Habilidade para formar estruturas simbólicas e diretamente significativas;
- (b) Habilidade para projetar metaforicamente as estruturas do domínio físico para o abstrato;
- (c) Habilidade para formar conceitos complexos e categorias gerais usando esquema de imagens e mecanismos estruturantes [...].

Não é suficiente que haja a garantia de acessibilidade se esta não estiver acompanhada de qualificação adequada. Quadros (2004), ao tratar sobre o processo de aprendizagem dos surdos nas escolas, afirma que, quando os TILS ocupam determinado espaço sem preparo especializado, comprometem a qualidade e

[...] assumem a função de intérprete sem a devida qualificação comprometendo a qualidade da interpretação. Os surdos agradecem o fato de terem intérpretes, mas sofrem com a qualidade da interpretação tendo, muitas vezes, o seu processo de aprendizagem prejudicado” (QUADROS, 2004, p. 65).

Por conseguinte, o mesmo ocorre no contexto jurídico de forma mais preocupante, quando o surdo não compreende a interpretação motivada pela falta de preparo do TILS para estar naquele espaço.

O TILS, ao se deparar com terminologias e conceitos estritamente jurídicos, deve possuir representações mentais e referências de determinada matéria nesse campo. Nessa direção, Machado (2017) complementa, ao afirmar que os profissionais “fazem escolhas de lexemas manuais considerados, naquele momento, os mais apropriados para sua interpretação” (MACHADO, 2017, p. 44) e essas escolhas têm por base o que o TILS tem como experiência cotidiana e repertório linguístico.

Dessa maneira, sem formação específica de um contexto tão singular como o jurídico, e quando o TILS não possui referência ou significado de determinado conceito, ele encontra demasiadamente inúmeras dificuldades em categorizar e fazer as conexões necessárias para entregar o texto na íntegra para a língua de chegada.

Diante desses desafios que o TILS vivencia em espaços jurídicos, onde faz uso de terminologias jurídicas, necessita que o profissional tenha estudo prévio para realizar as escolhas interpretativas da língua de partida para a língua de chegada. Ainda, com pouco tempo para processar a informação desconhecida e sem poder questionar o significado de determinada terminologia, o TILS recorre ao uso da datilologia que é tão somente a representação do léxico de uma língua, podendo, mesmo assim, afetar diretamente o enunciado, causando, não por intenção, o distanciamento das informações da língua de partida para a língua de chegada, pois

[n]ão se trata tão simplesmente de tentar “dizer a mesma coisa em outra língua”, mas se trata da tentativa de dizer “quase a mesma coisa”. E, nessa vertente, o tradutor e intérprete necessita vivenciar práticas tradutórias, no intuito de aprimorar suas escolhas semântico-pragmáticas, evidenciando suas habilidades e competências linguísticas para o processo de interpretação e tradução. (MACHADO, 2017, p. 47).

Ao ouvir determinado léxico jurídico, o profissional, em sua decodificação, pode, sem perceber, alterar sensivelmente o significado da terminologia, conforme a visão de mundo que possuir. Sua interpretação e compreensão estão diretamente ligadas aos aspectos empíricos e não somente técnicos do conteúdo que está ouvindo, bem como à habilidade em formar conceitos complexos ou em categorizar, utilizando representações em imagens, ligando-se diretamente à capacidade geral de formar os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) de origem gestáltica e responsáveis em organizar nossa visão e interpretação de mundo, tanto no campo físico quanto no abstrato (FELTES, 1992). Conforme Lakoff (1987):

[o] sistema conceitual humano é produto da experiência humana, e esta experiência vem através do corpo. Não há conexão direta entre a linguagem humana e o mundo como se ele existisse fora da experiência humana. A linguagem humana está baseada em conceitos humanos, que são, por seu turno, motivados pela experiência humana. (LAKOFF, 1987, p. 206).

Rosch (1973), por meio de ensaios, conclui não haver possibilidade de determinar uma fronteira específica e determinante quando se trata de categorizar tudo que orbita o ser humano. As categorias podem ser de clara percepção como cores, linhas, formatos, ou se apresentar de forma sinestésica, como aquelas não tão evidentes à primeira vista de forma mais generalizada, como aves, peixes e frutas:

[...] as categorias são compostas de um ‘significado nuclear’ que consiste dos casos mais claros (melhores exemplos) da categoria, ‘circuncidados’ por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear. (ROSH, 1973, p. 112).

Rosch e Mervis (1975), em suas investigações, propõem analisar a estruturação do processo de categorização e como a prototipicidade orbita e se organiza em cada categoria. As autoras, tratando da estruturação prototípica, abordaram o quesito “semelhanças de família” como meio de conectar as estruturas semânticas para alcançar o objetivo primário de compreender a estruturação dessas categorias e adequá-las em seus respectivos significados (ROSCH e MERVIS, 1975, p. 574).

O processo de categorização envolve um complexo conjunto de elementos que o ser humano gradativamente armazenou em sua existência. Além disso, é por meio dessa estrutura de informações que ele é conduzido à percepção do significado e “a natureza das categorias e de seus atributos dependem da interação entre sujeito-conhecedor e a realidade”. (FELTES, 1992, p. 56).

O processamento cognitivo, na tarefa interpretativa, envolve uma gama de fatores que devem estar precisamente encadeados, pois, quando o TILS não possui conhecimento sobre o contexto jurídico e o ambiente que possui linguajar e regras específicas praticadas com extrema rigidez, além da falta de interação nesse universo, categorizar determinado enunciado e fazer as inferências necessárias para entregar o texto na língua de chegada proporcional à língua de partida torna-se tarefa extenuante e passível de lacunas que possam causar distanciamento de compreensão do enunciado.

Lakoff (1987) afirma que o ser humano pensa de forma gestáltica, ou seja, ele vislumbra o todo e não por partes. Decodificar determinado conceito considera

compreender a estrutura do conceito reunindo-a em todas as partes, pois “o pensamento tem propriedades gestálticas, portanto, é atomístico; conceitos têm uma estrutura geral que vai além de simplesmente reunir 'blocos de construção' conceituais por meio de regras gerais” (LAKOFF, 1987, p. 14 - *tradução livre*).

A prototipicidade, conforme Lakoff (1987), tem sua conexão com a base de conhecimento de determinada matéria. Esse conhecimento é estruturado de forma específica cognitivamente, existindo “modelos cognitivos de variados tipos” (FELTES, 1992, p. 57).

A questão do significado das expressões linguísticas se já vinculada à natureza da categorização humana, que, por sua vez, é entendida, empiricamente a partir da ótica da prototipicidade, passa a depender de uma teoria dos modelos cognitivos, as quais são as fontes dos efeitos prototípicos. (FELTES, 1992, p. 57).

Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI's) dependem de um conjunto de estímulos que são resultados de uma infinidade de motivações cujas fontes podem ser as mais diversas, desde as que herdamos na mais tenra idade, como crenças, princípios, valores etc., àquelas adquiridas na interação em sociedade, como política, perspectivas sociais e visão de mundo (LAKOFF, 1987; FELTES, 1992).

As construções de conceito no processo de categorização de cada indivíduo perpassam os MCI's. Toda estrutura na categorização, desde o ponto central até o modelo mais distante na significação, necessita de elementos relacionados entre si, a fim de que haja sentido em determinado léxico. Feltes (1992), quando fundamenta que este caráter idealizado dos MCI's apresenta duas consequências, “permite que nem sempre os modelos se ajustem ao mundo com perfeição” e “pode fazer com que os modelos forneçam maneiras contraditórias (ou incompatíveis) de entender um mesmo domínio de experiência”. (FELTES, 1992, p. 58).

O conceito MCI's de Lakoff (1987) é alicerçado na teoria de *frame* ou de enquadramento de Fillmore (1982). Ambos os autores tratam sobre estrutura conceitual de determinado léxico e como são vinculadas diretamente sobre o tipo de categoria à qual o léxico corresponde, isto é, os fatos ou as situações é quem conduzirão à melhor definição de significação do enunciado.

Lakoff (1987) trata das questões semânticas tendo como ponto de partida o processo de categorização. Consoante a Fillmore (1982), a prototipicidade considera o

“*background*”<sup>4</sup> predeterminado, para que o conceito seja encaixado à maneira como interpretamos cada categoria conforme os elementos que possuímos baseados em experiências pessoais (FILLMORE, 1982, p. 117-119).

De acordo com Lakoff (1987), o melhor método para explicar os Modelos Cognitivos Idealizados é utilizando exemplos que ratificam, na prática, essa estruturação. Para isso, o autor utiliza o exemplo da palavra *Tuesday* (terça-feira), como descreve a seguir:

[p]egue do inglês a palavra terça-feira. Terça-feira pode ser definida apenas em relação a um modelo idealizado que inclui o ciclo natural definido pelo movimento do sol, o meio padrão de caracterizar o final de um dia, o início do próximo e um ciclo de calendário maior de sete dias – a semana. No modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e o terceiro é terça-feira. (LAKOFF, 1987, p. 68 - *Tradução livre*).

Conforme o exemplo de Lakoff (1987), observa-se que não é possível observarmos todas as coisas apenas de forma gestáltica, numa visão generalizada, esperando obter o significado completo pela contextualização das partes existentes. Cada parte é de suma importância para a compreensão dos enunciados e o significado no fenômeno do processamento cognitivo só passa a fazer sentido quando o conceito está em sua completude. Para isso, todas as partes devem estar em seus devidos lugares.

Os MCI's ou *frames* é que determinam como cada indivíduo compreende determinado léxico ou conceito. *Frames*, por analogia, equivalem ao *pixel* quando visualizamos uma imagem digital altamente aproximada em um monitor. Ao ampliar essa imagem, detectamos pequenos pontos quadrados que são chamados de *pixels*. Esses pontos aglutinados, em sua totalidade, formam o desenho completo (DOEFFINGER, 2006, p. 24) e a quantidade de *pixel* numa imagem digital é determinante para revelar o desenho representado na figura do monitor ou na fotografia (CLARK, 2009).

Conforme Lakoff e Johnson (1980, p. 158), seres humanos organizam suas experiências em “blocos estruturados”, sendo a soma desses blocos a totalidade do significado. Comparando com o conceito de *pixel*, cada indivíduo possui uma espécie de caixa de arquivos, que seriam os modelos cognitivos idealizados em sua memória. Sua resposta diante de cada enunciado dependerá do quanto de material relacionado àquele

---

<sup>4</sup> Conjunto do que influencia o modo como alguém se porta, vive; meio, educação, base, formação, experiência: atos influenciados pelo seu *background*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/background/>.

discurso ele absorveu durante sua existência. Esses modelos provêm da interação sociocultural que cada ser humano possui.

A linguagem é um instrumento cognitivo de organização, processamento e transmissão da informação semântico-pragmática. Tudo que o ser humano armazena e projeta ocorre conforme as experiências nos campos físico e emocional vividos por ele. O significado, portanto, é uma construção mental e sua estruturação depende de interação cultural (FERRARI, 2011, p. 15).

Diante de determinado léxico ou discurso, imediatamente a função cognitiva é ativada de modo a buscar elementos armazenados na memória, nas buscas confluentes e compatíveis das partes até o significado e, posteriormente, à construção do sentido. Nesse processo, emerge a categorização, que funciona como uma estrutura organizacional de sentidos em cada indivíduo que funciona para compreender o mundo e todo o seu sistema, sendo, antes de tudo, necessário categorizá-lo.

A categorização linguística ocorre por protótipos relacionados às referências linguísticas e culturais, ou a representações, sejam elas abstratas ou materiais que cada ser humano possui, logo

[...] a questão do significado das expressões linguísticas vincula-se à natureza da categorização humana e é entendida empiricamente a partir da ótica da prototipicalidade passando a depender da teoria dos modelos cognitivos. (RIZZATTI, 2001, p. 20).

Compreender o significado das expressões linguísticas do contexto social em que o indivíduo faz parte está inerentemente vinculado aos modelos cognitivos idealizados que esse sujeito possui. Para Lakoff (1987), existem mecanismos cognitivos que o ser humano utiliza para que cada fragmento de conhecimento sobre algo que ele possui em sua memória e que está separada por elementos distintos, sejam somadas e resulte na construção de sentido onde lhe está proposto e para esse processamento ele realiza o processo de categorização, como argumenta Fillmore (1982).

Percebemos, portanto, que categorizar o que estiver diante do intérprete depende diretamente dos MCI's que esse indivíduo armazenou durante toda a sua vida. Sendo assim, compreender e categorizar as terminologias ou conceitos jurídicos demanda aprendizado sobre o conteúdo anterior ao ato interpretativo do qual ele é convocado.

Machado (2017) traz uma importante reflexão do quanto é imprescindível o preparo e a capacitação que o TILS deve ter, bem como sobre o indispensável entendimento acerca da profissionalização do intérprete

[m]esmo com o crescente investimento na formação de intérpretes de língua de sinais, persiste uma grande confusão sobre o seu real papel. Muitas pessoas ainda consideram a interpretação de língua de sinais como um serviço caritativo ou uma habilidade simples, comparável à mímica. Outros tantos se autodenominam (pseudônimos) intérpretes sem nunca terem passado por qualquer formação, que os capacitem e os habilitem para a atividade tradutória que media a comunicação. (MACHADO, 2017, p. 50).

O papel e a função do TILS no contexto jurídico devem estar muito bem definidos e o Poder Judiciário necessita fomentar a compreensão, a importância e a seriedade que envolvem o trabalho do intérprete, promovendo a verdadeira justiça e equidade que, como tanto se zela, deve ser promovida pelas leis.

### **Considerações**

Os processos mentais e cognitivos exigidos numa interpretação simultânea são demasiadamente complexos e exigem significativos níveis de habilidade e de experiência do TILS que ainda enfrenta as circunstâncias do tempo para entregar o que está proposto.

A prática de interpretação simultânea é explicada pela proposta do Modelo de Esforços, que serve para colaborar com os intérpretes no sentido de compreenderem as reais dificuldades da interpretação simultânea, bem como selecionar estratégias e táticas que são mais adequadas para conduzir o processo” (MACHADO, 2017, p. 45).

A interpretação simultânea não é um processo automático que envolve somente a mediação entre duas línguas simultaneamente, mais que isso, ela implica o condicionamento mental do intérprete, que deve ser capaz de não apenas compreender o significado e o sentido do enunciado como também de processar todas as informações e, conseqüentemente, entregar o texto na língua de chegada de forma adequada sem alterar o sentido do texto proposto na língua de partida.

Consoante a essa conjuntura, Gile (1999), ao analisar o processamento cognitivo na interpretação simultânea, estabelece que o ponto de partida para uma interpretação simultânea envolve especificamente três esforços específicos, os quais ele chamou de: (a) esforço de audição e análise; (b) esforço de produção; (c) esforço de memória de curto prazo.

Gile (1999), ao definir o esforço de audição e análise, salienta que não é suficiente somente ouvir o texto e transportá-lo para a língua de chegada mecanicamente. O subconsciente, ao ouvir a mensagem, deve analisar e decodificar as palavras decidindo os equivalentes na língua de chegada.

O ato interpretativo naturalmente impõe um nível transcendental de energia mental, demandando concentração máxima e exigindo do profissional a parte física e ainda mais os aspectos cognitivos do intérprete. Ter de interpretar um conceito desconhecido, de linguajar próprio e de difícil compressão eleva ainda mais o grau de tensão e complexidade, colocando em xeque o resultado da interpretação.

Em seus estudos, Gile (1999, p. 162) destaca os elementos necessários e indispensáveis no processo interpretativo nas línguas orais e oferece uma perspectiva específica sobre a interpretação simultânea. Semelhantemente, intérpretes de línguas de sinais também perpassam esse caminho e o modelo de esforços de Gile (1995) corresponde ao que estes experienciam na prática.

Os intérpretes, quando convocados, geralmente dispõem de um prazo curto de preparo, não têm acesso à integralidade da peça processual e tampouco dispõem de materiais que os auxiliem na melhor versão da língua de partida para a língua de chegada, como ocorre, por exemplo, com os tradutores de línguas orais. Machado (2017) traz essa sequência de elementos que o TILS deve dispor, ao afirmar:

[...] compreende-se que o intérprete numa situação de interpretação simultânea necessita assimilar o discurso da língua de partida, apresentada pelo locutor e escolher em frações de segundo os lexemas que sejam equivalentes de nível sintagmático e semântico-pragmático para a língua de chegada. (MACHADO, 2017, p. 45).

Machado (2017) afirma que, se os elementos necessários no Modelo de Esforços citados por Gile (1999) não estiverem presentes, inevitavelmente o intérprete enfrentará um processo de saturação mental e seu desempenho será drasticamente afetado.

O processo de interpretação simultânea não se limita a ouvir o discurso e, conforme o intérprete possui armazenado em sua memória, instintivamente reproduzi-lo na língua de chegada. Gile (1995, p. 163) destaca sobre o esforço que o intérprete engendra, consistindo numa gama de fatores que envolvem a mensagem do início ao fim, ao que ele chama de esforço de produção.

Concomitante ao esforço de produção, destaca-se o esforço de coordenação, mencionado por Machado (2017). Esse esforço diz respeito ao gerenciamento sobre o próprio ato interpretativo e todos os elementos que o envolvem, em que o profissional constantemente autoadministra o trabalho físico e o processamento cognitivo, estabelecendo a perfeita conexão entre ambos:

[a]ssim como ocorre com o controlador de tráfego aéreo, a interpretação simultânea requer que se gerencie a atenção entre a tarefa (ação) de escutar e o processamento analítico, monitorando constantemente o seu desempenho. Uma vez que os intérpretes alcançam esse ponto de coordenação dos esforços interpretativos, eles são capazes de realizar o trabalho de interpretação nas condições mais ideais, evidenciando as competências e habilidades que se tornam equilibradas durante a atuação. (MACHADO, 2017, p. 46).

Machado (2017, p. 46) reitera que o esforço de coordenação é substancial e que todos os fatores envolvidos “tais como a audição e análise, memória de curto prazo, e produção sinalizada durante uma interpretação simultânea” devem estar em perfeita harmonia, para que a interpretação tenha fluidez e coerência.

Os esforços na tarefa interpretativa são uma operação não automática e a transferência de significado e de sentido de uma língua para outra requer que todas as características necessárias para o trabalho estejam em perfeita harmonia, possibilitando entregar o resultado na língua de chegada o mais próximo da língua de partida.

A transposição de uma língua para outra por si é tarefa complexa e, segundo Gile (1995) salienta, alcançar o objetivo final raramente não envolverá erros no caminho. Afinal, muitas vezes leva-se tempo para encontrar a melhor versão e decidir utilizá-la, portanto, é imprescindível que o TILS tenha familiaridade com o conteúdo e o contexto em que está exposto (GILE, 1999).

Na memória de curto prazo, o intérprete deve armazenar todas as informações recebidas durante a tarefa interpretativa sem se desconcentrar, observando o encadeamento sintático e semântico do texto. Nesse propósito, é imprescindível que a justiça tenha à sua disposição TILS para atenderem às diversas demandas e seus níveis de complexidade do judiciário. O preparo do TILS deve ir além do domínio de terminologias e conceitos jurídicos. Com isso, o profissional deve ser perspicaz de ter autocontrole e de saber gerenciar as diversas situações que lhe poderão ocorrer. Ele deve também ser sempre imparcial e neutro, sempre ciente do seu compromisso e da posição estratégica que ocupa.

## Referências

COLARES, V. Cilada Dialética: uma das Estratégias Linguístico Discursivas de Inquirição na Justiça. **Revista Symposium**. Ciências, Humanidades e Letras. Ano 7, nº 1 - janeiro-junho 2003. p. 5-17. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7553/7553.PDF>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

CLARK, R. N. Experiments with Pixels Per Inch (PPI) on Printed Image Sharpness. **Revista ClarkVisioncom** - agosto de 2009. Disponível em: <<https://clarkvision.com/imagetdetail/printer-ppi/>>. Acesso em: 10 out. 2021.

DOEFFINGER, D. **The Magic of Digital Printing: Great Prints from Shooting to Output** (A Lark Photography Book). Lark Books, Bensalem, PA, U.S.A. 2006.

FRÖHLICH, L. Redação jurídica objetiva: o jurisdiquês no banco dos réus. **Revista da ESMESC**, v. 22, n. 28, p. 211-236, 2015. Disponível em: <<https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/128/107>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FILLMORE, C. J. Ideal readers and real readers. In.: **Analyzing discourse: Text and talk**, p. 248-270, 1982. Disponível em: <[https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/555474/GURT\\_1981.pdf](https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/555474/GURT_1981.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FELTES, H. P. de M. **A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff**. In.: Revista Letras de Hoje, Porto Alegre. v. 27, n. 3, 1992. p. 49-71. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16070/10543>>. Acesso em: 30 abril. 2021.

GINEZI, L. L. A ética na interpretação de tribunal: o Brasil no banco dos réus. In.: **Revista Tradterm**. São Paulo - v. 20, p. 27-42, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49040/53111>>. Acesso em: 5 junh. 2021.

GILE, D. Fidelity assessment in consecutive interpretation: An experiment. In.: **Target - International Journal of Translation Studies** - Paris, v. 7, n. 1, p. 151-164, 1995. Disponível em: <https://benjamins.com/online/target/articles/target.7.1.12gil>. Acesso em: 5 de jun. 2021.

GILE, D. Testing the Effort Models' tightrope hypothesis in simultaneous interpreting: A contribution. In.: **HERMES - Journal of Language**, n. 23, p. 153-172, 1999. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/her/article/view/25553/22466>>. Acesso em: 11 out. 2021.

JOHNSON, M. Review. Psychosemantics: The Problem of Meaning in the Philosophy of Mind by Jerry A. Fodor. In.: Linguistic Society of America. [Vol. 64; Iss. 4, Dez. 1988](#). p. 781-785. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/414573>. Acesso em: 23 de agost. 2021.

LARA, M. L. G. de. Linguagem documentária e terminologia. In.: **Revista Transinformação**, v. 16, p. 231-240, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/f6BDPM7bxnQhvX78jDcGpdP/?format=html&lang=pt>>

Acesso em: 22 out. 2021.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M.. Conceptual metaphor in everyday language. In.: **JStor - The journal of Philosophy** - v. 77, n. 8, p. 453-486, 1980. Disponível em: <https://cse.buffalo.edu/~rapaport/575/F01/lakoff.johnson80.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

MACHADO, F. M. Á. **Conceitos abstratos**: escolhas interpretativas de português para Libras. 2. ed. Curitiba: Appris, 2017.

NOVO, B. N. A história do direito colonial brasileiro: direito colonial brasileiro. In.: **Direito colonial brasileiro**. 2019. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/76523/a-historia-do-direito-colonial-brasileiro>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

NORDIN, J. N. **Introdução à Interpretação Forense no Brasil**. Belford Roxo, RJ: Transitiva, 2018.

POSSENTI, S. **Mas afinal o que é esse tal Operador dO Direito?** Ou é dE Direito? É operador mesmo? Ou "exercitor" ou jurista ou...Descubra agora! In.: **Direito LinkedIn**. Publicado 15 de out. 2019. Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/mas-afinal-o-que-%C3%A9-esse-tal-operador-do-direito-ou-de-suzi-possenti>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

RIDD, M. Os Dilemas do Tradutor Jurídico Diante do Texto que se detona. In: FERREIRA, A. M. de A.; SOUSA, G. H. P. de; GOROVITZ, S. (Orgs.). **Tradução na sala de aula**: ensaios de teoria e prática de tradução. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018. p. 355-367. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34561/1/CAPITULO\\_DilemasTradutorJuridico.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34561/1/CAPITULO_DilemasTradutorJuridico.pdf)>. Acesso em: 17 mai 2021.

RIZZATTI, C. L. Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber. **Revista Língua&Literatura**, v. 3, n. 6 e 7, p. 11-26, 2001. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/24>>. Acesso em: 17 mai 2021.

ROSCH, E. Natural Categories. In.: **Cognitive Psychology**. V. 4, nº 3, mai. 1973, p. 328-350. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90017-0](http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285(73)90017-0)>. Acesso em: 28 agost. 2021.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B.. Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. In.: **Cognitive Psychology**. v. 7, nº 4, October 1975, p. 573-605. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0010-0285\(75\)90024-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(75)90024-9)>. Acesso em: 28 agost. 2021.

SAGER, J. C. **A Practical Course in Terminology Processing**. Editora J. Benjamins Publishing Company, 1990.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, Juiz de Fora, v. 1, n. 3, p. 61-79, 21 jul. 2016. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354>>. Acesso em: 27 set. 2021.

TUXI, P. D. S. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues-Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. In.: **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 557-588, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p557/30725>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

## **TRADUTORES-INTÉRPRETES DE LIBRAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: RELAÇÃO ENTRE A CONDUTA DO PROFISSIONAL E ASPECTOS LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS**

### **LIBRAS TRANSLATORS-INTERPRETERS IN THE CONTEXT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION: RELATIONSHIP BETWEEN PROFESSIONAL BEHAVIOR AND LINGUISTIC AND EXTRALINGUISTIC ASPECTS**

Gildete da S. Amorim Mendes Francisco<sup>1</sup>  
Juveirce Christiane Medeiros Ramos<sup>2</sup>  
Gláucio de Castro Junior<sup>3</sup>

**RESUMO:** Com o aumento expressivo da quantidade de profissionais tradutores e intérpretes da Língua de Sinais – Língua Portuguesa (TILSP), surgiram questionamentos importantes que integram a forma de atuação destes profissionais. Para que os TILSP consigam seu lugar no mercado de trabalho, alguns requisitos são recomendados a fim de consolidar o seu trabalho. Neste estudo, buscou-se discutir fatos importantes dessa profissão e os desdobramentos para as pessoas Surdas, especialmente sob a ótica dos recursos extralinguísticos pertencentes aos processos de tradução e interpretação. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico visando compreender o histórico da profissão, as normas e legislações associadas e características dos TILSP. Ao final, foi possível observar que os aspectos destacados e analisados demonstram que uma boa formação é fundamental para a construção do profissional e sua atuação em diversos âmbitos da sociedade. Adicionalmente, verifica-se a necessidade de que novos estudos, como este desenvolvido, sejam difundidos entre acadêmicos, pesquisadores e a Comunidade Surda, os mais variados meios de comunicação, sobretudo o audiovisual, e todos os agentes que participam da interação entre Surdos e não- surdos, para que seja possível melhorar, as condições de atuação dos profissionais TILSP.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Surdos. Tradução e interpretação. Libras. Linguística. Recursos extralinguísticos.

**ABSTRACT:** With the significant increase in the number of professional translators and interpreters of Sign Language – Portuguese Language (TILSP), important questions have arisen that are part of the way these professionals work. For TILSPs to get their place in the job market, some requirements are recommended in order to consolidate their work. In this study, we sought to discuss important questions that relate to this profession and the consequences for Deaf people, especially from the perspective of extralinguistic

---

<sup>1</sup> Professora permanente do departamento de letras clássicas e vernáculas do Instituto de Saúde Coletiva – Universidade Federal Fluminense. Contato: [gildeteamorim@id.uff.br](mailto:gildeteamorim@id.uff.br)

<sup>2</sup> Interprete de Libras - Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande. Contato: [juveirce@gmail.com](mailto:juveirce@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB. Contato: [librasunb@gmail.com](mailto:librasunb@gmail.com)

resources belonging to the translation and interpretation processes. As a methodology, a bibliographical survey was carried out in order to understand the history of the profession, the norms and associated legislation and characteristics of TILSP in several areas of activity. In the end, it was possible to observe that the aspects highlighted and analyzed demonstrate that good training is fundamental for the construction of the professional and his performance in different areas of society. Additionally, there is a need for new studies, such as this one developed, to be disseminated among academics, researchers and the Deaf Community, the most varied means of communication, especially audiovisual, and all agents who participate in the interaction between Deaf and non-Deaf people. deaf people, so that it is possible to improve, whenever possible, the working conditions of TILSP professionals.

**KEYWORDS:** Child education. Translation and interpretation. Libras. Linguistics. Extralinguistic resources.

### **Apresentação**

A partir da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio legal de comunicação e expressão no Brasil, a quantidade de profissionais Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais – Língua Portuguesa (TILSP) aumentou de forma expressiva. Isso ocorreu, principalmente, pela implementação de políticas públicas que visam à garantia dos direitos linguísticos, comunicacionais e de acessibilidade da Comunidade Surda.

A Declaração Universal de Direitos Linguísticos, assinada em Barcelona no ano de 1996, considera como direitos individuais inalienáveis, em seu Artigo 3º, “o direito a ser reconhecido como membro de uma comunidade linguística; o direito ao uso da língua em privado e em público; o direito ao uso do próprio nome”. (UNESCO, 1996). Mediante o exposto, para que profissionais da tradução e interpretação de Libras consigam seu lugar no mercado de trabalho, alguns requisitos são definidos a fim de consolidar a atuação dos TILSP e orientar como seu trabalho deve ser realizado.

Com a crescente demanda por TILSP nas mais diversas áreas – por exemplo em debates políticos, propagandas eleitorais, educação, pesquisa, empresas, hospitais, igrejas, e outras – esses profissionais precisaram se aperfeiçoar em determinados campos do conhecimento, utilizando metodologias específicas para melhor adequar seu trabalho às necessidades do público-alvo, buscando evoluir a qualidade da tradução/interpretação em sinais, sempre que possível.

Porém, mesmo que avanços tenham sido evidenciados no decorrer dos anos, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo levantar os principais aspectos que demonstram as formas de atuação dos TILSP, assim como

características que se desdobram em questionamentos cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade. Para isso, são trazidas as discussões:

- 1) O uso de roupas na cor preta é realmente indispensável para a tradução/interpretação de Libras, sobretudo na esfera audiovisual?
  - a) Em ocasiões onde o público-alvo é infanto-juvenil, é necessário o uso de roupas na cor preta?
  - b) E quanto aos ambientes informais, é obrigatório?
  - c) Existe uma norma/orientação/legislação para isso?
- 2) Os profissionais com cabelos médios ou longos devem mantê-los presos ou soltos?
- 3) Alguns desses apontamentos atrapalham a atuação dos TILSP?
- 4) Existe uma maneira eficaz de identificar o trabalho desempenhado pelo Tradutor e Intérprete que garanta o direito linguístico ao surdo? Se sim, qual(is)?

### **TILSP: legislação e regulamentação da profissão**

Em 19 de dezembro de 2000 foi promulgada a Lei 10.098 – também conhecida como Lei da Acessibilidade. A partir dela, foram estabelecidos os critérios para promover a acessibilidade das pessoas com deficiência, trazendo conceitos relacionados à comunicação das pessoas Surdas. Posteriormente, em 6 de julho de 2015, foi sancionada a Lei 13.146 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações; [...]. (BRASIL, 2015).

No ano de 2005 surge o Decreto 5.626, sendo apresentados aspectos associados à formação do tradutor e intérprete de Libras–Língua Portuguesa em seu Capítulo V. Já no Art. 18, o referido Decreto descreve a respeito da formação do TILSP em nível médio, que “deve ser realizada por meio de: I – cursos de educação profissional; II – cursos de extensão universitária; e III – cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação” (BRASIL, 2005), considerando o prazo de dez anos para a formação desses profissionais.

Promulgada em setembro de 2010, a Lei Federal 12.319 regulamenta a profissão do TILSP. Além das competências e atribuições, são apresentadas orientações para a formação deste profissional. Anos mais tarde, surge uma nova legislação destinada a assegurar e

promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência. Também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a Lei 13.146, de 2015, apresenta em seu Capítulo II – Do acesso à informação e à comunicação, Art. 63:

É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente. (BRASIL, 2015).

Por fim, é importante mencionar a NBR 15290:2016, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que fornece diretrizes gerais relacionadas aos seguintes aspectos que deverão ser observados para a acessibilidade em comunicação na televisão: legendagem, audiodescrição, língua de sinais e sistema de alerta de emergência.

### **O TILSP no contexto educacional**

Leite (2004, p. 12) destaca a importância da atuação dos TILSP em sala de aula quando diz que “o desconhecimento das habilidades necessárias para uma performance adequada do intérprete, no ensino, pode afetar negativamente a qualidade do processo de ensino e aprendizagem”.

Ainda que existam movimentos na direção de proporcionar melhores condições de ensino em ambientes escolares, é preciso ter em mente que a forma de transmitir determinados conteúdos deve ser previamente estudada e compreendida pelos TILSP, para que possam esclarecer da melhor maneira para os alunos. No que tange ao processo de educação em escolas, a autora explica que:

[...] o despreparo técnico e profissional, por si só, seria suficiente para suscitar projetos de pesquisas que forneçam subsídios teóricos para o exercício de uma prática profissional consciente e produtiva para aqueles que dela necessitam, a comunidade de pessoas surdas e as pessoas ouvintes, nos diversos cenários de interação na sociedade. (LEITE, 2004, p. 13).

Campos e Rodrigues (2009, p. 18) afirmam a necessidade da mediação dos diálogos entre interlocutores de línguas diferentes.

O intérprete realiza uma atividade que exige dele estratégias mentais na forma de transferir o contexto, a mensagem de um código linguístico para outro. Esse trabalho requer manter uma imparcialidade profissional e desenvolver uma relação de neutralidade com os surdos e o corpo docente em sala de aula, para que não haja interferência em sua atuação.

Segundo Oliveira (2018, p. 17) e sua perspectiva voltada para o ensino, é necessário refletir a respeito da qualidade dessa acessibilidade em todos os ambientes de atuação desse profissional. Portanto, é de fundamental importância que, no decorrer da capacitação de

TILSP para fins educacionais, sejam incorporadas metodologias que foram validadas pela Comunidade Surda, propiciando uma melhor compreensão do conteúdo abordado em sala.

Nesse sentido, a presente pesquisa aborda a relação que a linguística possui com a atuação profissional de TILSP no âmbito da educação infantil. De acordo com Castro Júnior (2014), a condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais contribui para os estudos da variação linguística em Libras.

No âmbito de estudo de léxico e terminologia, a compreensão das condições paramétricas traz no seu cerne a complexidade de sua análise, por isso é importante o estudo de sua ocorrência em cada parâmetro da Libras. A sinalização de um sinal-termo compõe uma cadeia paramétrica que se estende por todo o processo e define as condições paramétricas que depende das relações paramétricas existentes entre os componentes. Cada componente possui suas próprias características e atributos, que podem ser, de um modo geral, a forma, relações linguísticas, variações, restrições linguísticas, dentre outros, ou seja, devem se conhecer as condições que existem por trás da forma, para que na constituição dessa cadeia paramétrica não ocorram interpretações equivocadas, que certamente não possibilitarão a compreensão de todo o conjunto e não permitirão uma sistematização e registro do sinal-termo [...] para se organizar um sinal-termo em torno de uma condição paramétrica, é preciso entender que ele se articula a uma dupla rede de relações: uma rede referencial que articula a linguagem a tudo o que ela permite discernir com uma denominação dos signos linguísticos, e uma rede paradigmática que regula os significados lexicais intrassistêmicos do sinal-termo. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 87-88).

Nascimento (2016, p. 27) afirma que “para compreender como os sinais-termo são criados, antes é preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais, os mecanismos de criação e outros fenômenos presentes na criação dos sinais”. Dessa forma, é fundamental observar a dimensão linguística que existe nos fenômenos fonológico, morfológico, semântico, pragmático e sintático para a constituição das estruturas linguísticas, assim como sua percepção visual e articulação corporal.

Sob a ótica de Quadros (2007, p. 11), o profissional TILSP pode desempenhar sua função traduzindo determinado conteúdo verbalizado e/ou escrito. No entanto, a autora destaca as diferenças entre ambas as modalidades.

São duas práticas distintas num mesmo ofício, compartilham elementos em comuns na prática e que podem constituir-se justapostas na medida em que o tradutor-intérprete passa a ser entendido como um profissional que desempenha as duas atividades e as realiza em momentos e circunstâncias diferentes. (QUADROS, 2007, p. 11).

O item a seguir evidencia a interação das condições de TILSP com os recursos linguísticos citados. É preciso refletir quanto aos aspectos visuais nos quais estes profissionais são orientados a seguir e, quando possível, estabelecer vínculos que limitam/dificultam o pleno exercício de suas funções e da transmissão dos conteúdos que se voltam ao público infantil.

### **Vestimenta e cabelo no processo de tradução e interpretação**

A NBR 15290:2016 orienta sobre a atuação do tradutor e do intérprete de Libras e do uso da “janela de Libras” nos seguintes aspectos: captação, edição e exibição. De acordo com a referida norma, existem procedimentos que devem ser respeitados e executados para a garantia da qualidade e acessibilidade do público-alvo. Em relação ao primeiro aspecto (captação da imagem do tradutor ou do intérprete de Libras em estúdio), a norma prevê espaço suficiente para que o intérprete não fique colado ao fundo do estúdio, evitando o aparecimento de sombras.

Com relação ao segundo aspecto (edição), a norma apresenta o conceito de área de segurança que serve para “designar diversas margens utilizadas na edição de vídeo para que todos os aparelhos, independentemente de sua resolução, possam reproduzir os elementos sem haver cortes de informação na exibição” (ABNT, 2016, p. 2). Por fim, o aspecto de exibição é amplamente descrito na norma, e se apresenta com ênfase no item “Exibição das Informações”, onde se recomenda “evitar cobrir gráficos, os olhos ou os lábios dos personagens, ou áreas de ação durante exibição de programas com legendas”. (ABNT, 2016, p. 6).

Uma nota publicada pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils, explica: “[...] existem procedimentos que devem ser respeitados e executados para a qualidade da apresentação do texto em Libras e para a garantia da acessibilidade das pessoas surdas que fazem uso deste recurso”. (FEBRAPILS, 2016, p. 4).

O estudo de Vale (2020) trata a respeito dos recursos extralinguísticos no processo de interpretação simultânea de Língua Portuguesa para Libras, mais especificamente de um espetáculo artístico religioso. Sobre o TILSP, a autora explica que tal prática “requer ir além de simples conhecimentos superficiais da língua, tendo em vista que está atrelada também a modalidades tradutórias, a qual abraça inúmeras possibilidades de contextos de atuação” (p. 28).

O profissional tradutor e intérprete de Libras/Português, ao longo de sua trajetória, assume importante papel como mediador linguístico entre sujeitos surdos e ouvintes, podendo, por vezes, ter uma visão deturpada de sua profissão, pois é considerado o profissional que traduz e interpreta em Libras e em Língua Portuguesa; entretanto, como apresentado na Introdução, é comum de muitas pessoas tenham a concepção equivocada que esse profissional é aconselhador, professor regente, profissional da sala de recursos, de atendimento educacional especializado, terapeuta e outros. Essas concepções inadequadas sobre o papel e a atuação do tradutor e intérprete estão diretamente relacionadas à sua identidade,

muitas vezes relativizadas pelos próprios pares do ambiente de trabalho. (ALVES et al., 2021, p. 257).

Ao voltar a atenção para os recursos extralinguísticos, Vale (2020, p. 15) levanta reflexões de suma importância: “como o profissional pode se utilizar do corpo e de recursos que, combinados com os parâmetros linguísticos gramaticais da Libras, possam complementar para transmitir tamanha emoção e sonoridade dos espetáculos?”.

Como forma de responder tal questionamento, a autora sabiamente menciona os recursos extralinguísticos. Para Adriano (2018, p. 137) “onomatopeia seria um processo de formação de palavras a partir de um dado extralinguístico [...] que limita os estudos morfológicos”. Por outro lado, “composição consiste no processo autônomo de formação de palavras em português, diferente da derivação e da onomatopeia” (p. 139).

A ambiguidade polissêmica está presente no processo de interpretação, no qual Martins (2013) destaca a importância de representar além do sinal. Para a autora, o enunciador deve utilizar recursos extralinguísticos para diferenciar o verbo “comer” do substantivo “comida”, acrescentando outros sinais referentes a frutas, por exemplo. Sobre as Configurações de Mãos (CMs), a autora explica:

[...] que assumem no contexto a função de classificadores são usadas não apenas para representar a forma, o tamanho e a espessura dos referentes, mas também as características dos movimentos de determinados referentes em um dado evento. Nesse sentido, os classificadores podem alternar entre um adjetivo, pronome ou locativo. Desse modo, ao se atribuir uma qualidade a coisas, como exemplo: arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras e outras, isso representa um tipo de classificação por ser uma adjetivação descritiva. (MARTINS, 2013, p. 53).

Com o intuito de minimizar possíveis interpretações ambíguas, os recursos extralinguísticos são parte de uma preocupação do TILSP na busca por transmitir da melhor forma o material-fonte. Prometi (2020) desenvolveu sua tese de doutorado inserida na linha de pesquisa sobre Léxico e Terminologia. A autora explica que, para criar um léxico visual bilíngue de música, fez uso do procedimento metodológico baseado nos seguintes níveis linguísticos: fonologia, morfologia, semântica-pragmática e sintaxe.

Sendo assim, recursos extralinguísticos são estratégias tradutórias que possibilitam ao público surdo as sensações e emoções transmitidas em diversos contextos. Conforme destacado por Vale (2020), são exemplos destes recursos realizados com o corpo: agachamento, balanço, batidas de pé, deslocamento, giros, movimento de cabeça, movimento de tronco, palmas, saltos/pulos e entonação expressiva.

Com relação à vestimenta que o profissional deve utilizar, a Tradutora e Intérprete de Libras Paloma Bueno (2019), em uma publicação na rede social *LinkedIn*, explica que a cor preta, muito utilizada entre intérpretes, pode estar relacionada à impressão/sensação de

neutralidade. O assunto também é tratado no âmbito de moda, estilo e imagem. A esse respeito, a autora cita três aspectos que são comumente discutidos na sociedade com base na escolha da cor preta como vestimenta.

Na perspectiva da autora, em uma publicação na rede social *LinkedIn*, a profissional argumenta sobre a vestimenta do intérprete de Libras enfatizando que a cor preta pode estar relacionada com a impressão/sensação de neutralidade. O assunto também é tratado no âmbito de moda, estilo e imagem. A esse respeito, cita três aspectos que são comumente discutidos na sociedade com base na escolha da cor preta como vestimenta.

Para Bueno (2019), e baseado em profissionais da área de moda, estilo e imagem, a referida cor não emagrece, ou seja, outras cores escuras cumprem esse propósito como o azul marinho e o cinza chumbo. Ainda, a cor preta como vestimenta pode reforçar/refletir as olheiras e o cansaço, além de transmitir uma imagem de afastamento – neste caso, a autora destaca como as vestimentas de cor preta são largamente utilizadas como uniforme por seguranças.

No que se refere ao parâmetro audiovisual, o texto de Bueno (2019) apresenta a norma 15290 da ABNT e a Cartilha da Classificação Indicativa na Libras na TV, em que ambas recomendam aos profissionais que evitem um tom de camisa próximo à cor da pele. A Figura 1 apresenta críticas e sugestões dos surdos após avaliação das vinhetas, como parte de um estudo inserido na Cartilha da Classificação Indicativa na Libras na TV, que também se relaciona à vestimenta e atuação do tradutor e intérprete de Libras.

Figura 1 – Opiniões dos surdos sobre as vinhetas de Classificação Indicativa na Libras na TV.

### Críticas

- Falta de qualificação e de postura profissional da maioria dos intérpretes de LIBRAS;
- Uso de sinais errados ou de modo inadequado;
- Roupas, cabelo e maquiagem inadequados;
- Falta de contraste entre as cores das roupas e da pele do intérprete;
- O cabelo de alguns intérpretes estava caído no rosto e atrapalhou a visualização da expressão feita pelo profissional e, por consequência, a recepção da mensagem;
- Falta de expressões faciais e corporais e produção incorreta na articulação do sinal;
- Roupas de cores amarela, vermelha, laranja e verde limão devem ser evitadas porque desviam o olhar do surdo das mãos para as cores. Da mesma forma que o ouvinte se desconcentra com ruído de volume alto, o surdo perde a concentração em meio a cores fortes, que representam uma poluição visual; e
- Os intérpretes não devem usar acessórios como correntes, pulseiras ou brincos compridos, para que não chamem atenção mais do que a mensagem.

### Sugestões

- O intérprete deve ser profissional, ter proficiência em LIBRAS, frequentar e ser indicado por associações, federações e instituições ligadas aos surdos. Nas gravações, o intérprete deve estar acompanhado por um instrutor de LIBRAS com qualificação diplomada pelo MEC e por uma pessoa com deficiência auditiva/surdo que deverão assessorá-lo;
- A vestimenta, a pele e o cabelo do intérprete devem ser contrastantes entre si e em relação ao fundo. Devem ser evitados fundo e vestimenta em tons próximos ao tom da pele do intérprete (NBR 15.290);
- Pessoas de pele clara devem usar roupas de cores escuras (preto, verde escuro, marrom ou azul marinho);
- Pessoas morenas e negras devem usar roupas de cores claras (gelo, creme, cáqui, bege);
- O ideal é que os intérpretes usem blusas de cor única, sem estampas, de manga curta ou três quartos, sem decotes ou golas;
- É importante que o intérprete atente para o cabelo, tendo o cuidado com o penteado para não cobrir a expressão facial. Preferencialmente os cabelos devem estar totalmente presos; e
- Interpretar a mensagem de forma clara, expressiva, simpática e sem exageros.



Fonte: Cartilha de Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/classificacao-1linguasinais.pdf>

Com relação às características de cabelo do profissional tradutor e intérprete de Libras, o texto de autoria de Costa e Costa (2019), intitulado “Sou intérprete da Língua Brasileira de Sinais e não abro mão do meu *black power*: e aí... vão continuar dizendo que meu *afrohair* atrapalha na comunicação?”, realiza uma análise a partir do artigo 5º do Código de Ética com sua reinterpretação conforme com artefatos da Cultura Negra.

Nesse estudo, os autores afirmam que “cabe aos Intérpretes de Libras perceberem as nuances do racismo e, além disso, compreenderem que elas podem se manifestar nos âmbitos individual, institucional ou estrutural” (COSTA; COSTA, 2019, p. 201). No que se refere à conduta adequada de vestimenta sem adereços, evidenciam o seguinte questionamento: “Uma conduta adequada de se vestir impinge aos tradutores e intérpretes negros/negras a eliminação do uso de turbantes, cabelos “Black Power” e outras vestimentas das culturas negras?”.

Destaca-se ainda no estudo de Costa e Costa (2019) a NBR 15290:2005 – antes da revisão de 2016 –, a questão da incidência da luz sobre a tonalidade da pele no revezamento de intérpretes nos palcos, auditórios e gravações.

a) os contrastes devem ser nítidos, quer em cores, quer em preto e branco; b) deve haver contraste entre o pano de fundo e os elementos do intérprete; c) o foco deve abranger toda a movimentação e gesticulação do intérprete; d) a iluminação adequada deve evitar o aparecimento de sombras nos olhos e/ou seu ofuscamento (ABNT, 2005, p. 8).

Porém, a referida norma atualmente vigente – NBR 15290:2016 – ainda prevê a nitidez dos contrastes (colorido ou em preto e branco) e a necessidade de contraste entre o plano de fundo e os elementos do intérprete. Assim, Costa e Costa (2019) evidenciam sua perspectiva sobre tais medidas consideradas de boa visualização, que em nada significam “a pele e o cabelo do intérprete”, e sim as condições de polaridade entre luz e escuridão.

### **Tradução e Interpretação para o público infantil**

A respeito da literatura infanto-juvenil e a tradução de produtos audiovisuais destinados a crianças, Carvalho (2021, p. 24-25) explica:

A tradução dirigida ao público infantil tem características próprias que se adaptam às necessidades deste público. Uma vez que os filmes e séries de animação são muitas vezes baseados em livros infantis, a tradução deste tipo de conteúdo segue parâmetros semelhantes à tradução de literatura infantil [...] A tradução de uma obra infantil tem como finalidade enriquecer o panorama da cultura de destino e aproximar o leitor potencial à cultura original.

Nesse sentido, a autora aponta que autores de textos audiovisuais para crianças inspiram-se diretamente na literatura, ao adaptar contos tradicionais. A esse respeito, Lozano (2015, p. 109, tradução nossa, apud CARVALHO, 2021, p. 41) esclarece que: “[...] as características puramente linguísticas do texto audiovisual destinado às crianças não se diferem dos textos convencionais para crianças, pois em todos encontramos rimas, canções e trocadilhos entre outros elementos”.

Com relação à fidelidade da tradução do conteúdo original, o autor explica que deve ser realizada de modo a se aproximar ao máximo do original para que qualquer espectador possa ver o mesmo filme independentemente da língua. A esse respeito, Carvalho (2021) destaca que devem ser consideradas as diferenças culturais existentes e a adequação do trabalho do tradutor a essas diferenças, evitando-se assim uma perda de informação durante a tradução.

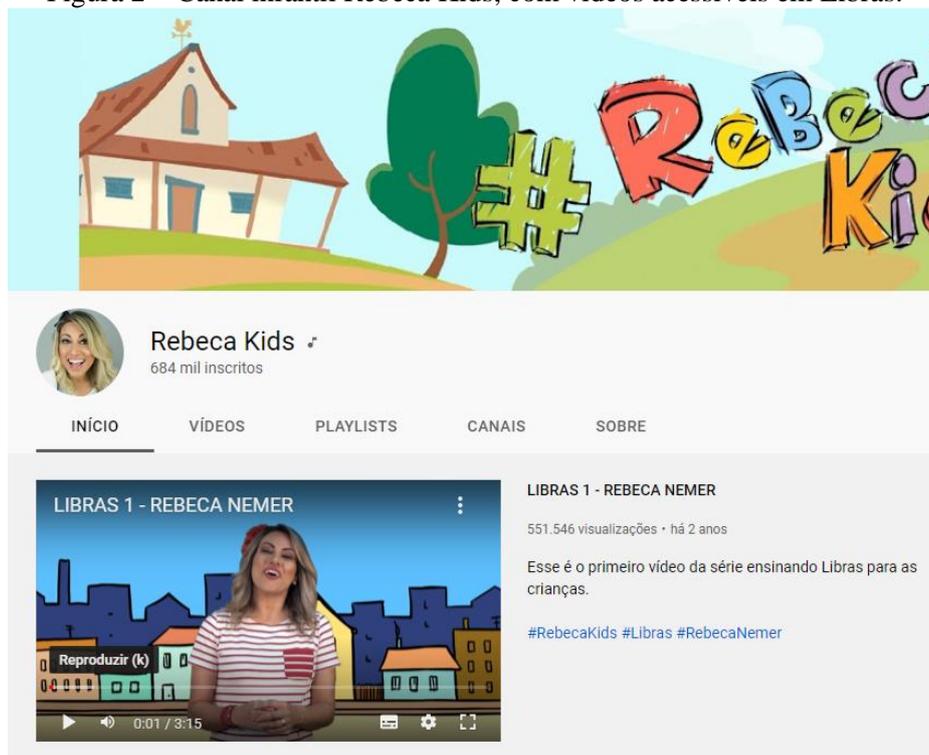
Tendo em vista que o público infantil é um espectador que exige particularmente o uso de recursos especiais para melhor compreensão do conteúdo transmitido, Carvalho (2021, p. 25) cita que “existem algumas características particulares da tradução de literatura infanto-juvenil que podem igualmente ser aplicados à tradução de produtos teatrais e audiovisuais infantis”.

A autora enumera ainda as três especificidades de autoria de Lozano (2015), sendo elas: a adaptação ao conteúdo cognitivo e pedagógico, a diversificação do leitor, e os diferentes formatos da literatura infanto-juvenil e inclusão da informação em diferentes códigos semióticos (escrito, visual e auditivo).

A vestimenta e o cabelo no processo de tradução e interpretação para o público infantil podem ser flexibilizados. O conteúdo, muitas vezes, é divulgado em forma de vídeos dinâmicos e coloridos que despertam a atenção desse público. O canal Rebeca Kids, da plataforma *YouTube*, é voltado às crianças, com conteúdo de comunicação por meio de músicas. A produtora iniciou, em 2020, conteúdos em Libras em seu canal, apresentando formas de comunicação básicas como “oi”, “tudo bem” e “tchau”.

No vídeo é possível notar que a produtora utiliza uma camisa listrada colorida e o cabelo solto com um acessório que faz parte de seu figurino (Figura 2). O conteúdo é transmitido no primeiro vídeo da série “Ensinando Libras para crianças”, e observa-se que a vestimenta utilizada se assemelha aos demais vídeos do canal que não possuem relação com a Libras, mas que ambos se voltam ao público infantil. Além disso, o fundo dos vídeos possui imagens ilustrativas de cores vibrantes que em nada destacam a apresentadora, ou seja, aparentemente não interfere na assimilação do conteúdo transmitido.

Figura 2 – Canal infantil Rebeca Kids, com vídeos acessíveis em Libras.



Fonte: <https://www.youtube.com/c/RebecaKids/featured>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Como forma de ilustrar outras composições de vestimenta que podem ser utilizadas por TILSP para divulgação de materiais infanto-juvenis, a Figura 3 apresenta uma cena do vídeo do canal Rebeca Kids. Nela, observa-se que a apresentadora veste um macacão jeans com uma blusa de cor cinza – que remete ao tipo de roupa também adotado pelo público infantil.

Figura 3 – Canal infantil Rebeca Kids, com vídeos acessíveis em Libras.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Io8SErcK52U>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Com base no exposto, sugere-se que TILSP que trabalham com conteúdo para crianças não necessitam do uso rigoroso de roupas que contrastam com o fundo, ou cabelo preso que evidencie os sinais, que por sua vez, são realizados de forma interativa, dinâmica e descontraída. Outros materiais reforçam este argumento, como por exemplo o canal “A Turma do Seu Lobato – Libras”, que divulga vídeos de clipes e músicas infantis com intérprete de Libras para a democratização do acesso a conteúdos educativos.

No referido canal, a profissional de TILSP AUTOR, também autora do presente estudo, demonstra a utilização da escova de dentes para crianças por meio da música. No vídeo, que pode ser acessado na íntegra pelo *link* disponibilizado na Figura 4, evidencia-se que o movimento corporal no sentido da melodia é fundamental para a melhor compreensão pelo público-alvo.

Figura 4 – TILSP em canal infantil “A Turma do Seu Lobato – Libras”.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=DB63BLhqIw0>. Acesso em: 6 jul. 2022.

A Figura 4 ilustra o uso de macacão jeans e uma blusa de cor vermelha que ressalta os movimentos da profissional, assim como os sinais que são produzidos. Portanto, não há interferência negativa no processo de transmissão do material em decorrência da cor da indumentária da TILSP.

De modo complementar sobre o uso de vestimentas coloridas, AUTOR também trabalhou como TILSP em outro canal de vídeos infanto-juvenis (Figura 5). O processo de interpretação em nada sofreu com a cor rosa da camisa da profissional, pelo contrário, acredita-se ser uma cor mais atrativa e menos cansativa aos olhos de quem assiste aos vídeos.

Figura 5 – Canal infantil Rebeca Kids, com vídeos acessíveis em Libras.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=-DGb6GYo9Vo> Acesso em: 6 jul. 2022.

As cores mais vibrantes denotam a sensação de informalidade à qual muitas crianças surdas se identificam. Além disso, os recursos extralinguísticos que TILSP desempenham são fundamentais para estreitar a relação entre o conteúdo e o usuário, uma vez que os gestos em combinação aos sinais em Libras são articulados de modo a garantir o melhor entendimento para o público-alvo.

Sendo assim, os conteúdos audiovisuais em Libras podem dispor de vestimentas em cores que destacam o profissional, colocam o TILSP em evidência aos olhares atentos das crianças e jovens que acompanham os vídeos, e possuem interatividade com os cenários, trazendo mais naturalidade e uma notável sensação de informalidade durante o entretenimento.

### **Desempenho de TILSP para garantia do direito linguístico ao Surdo**

Para garantir a compreensão dos sinais da Libras de uma melhor forma possível, o intérprete de Libras deve buscar grande conhecimento cognitivo-linguístico para exercer tal profissão. Conforme explica Quadros (2004, p. 73):

Traduzir um texto em uma língua falada para uma língua sinalizada ou vice-versa é traduzir um texto vivo, uma língua viva. Acima de tudo deve haver um conhecimento coloquial da língua para dar ao texto fluidez e naturalidade ou solenidade e sobriedade se ele for desse jeito.

No estudo de Leite (2004, p. 29) sobre os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva, a autora destaca o seguinte:

[...] julgo ser necessário compreender, na realidade da interpretação, isto é, em um encontro real interpretado, quais os papéis assumidos pelo intérprete de Libras, principalmente, quando atua em um cenário diferente e complexo como é a interação em uma sala de aula onde convivem alunos surdos e ouvintes, falando diferentes línguas.

Sobre o assunto, é válido mencionar o estudo de Farias et al. (2020), intitulado “Atuação do tradutor intérprete de Libras no ensino superior: implicações na disciplina de educação inclusiva”. Nele, os autores apresentam uma experiência de atuação como TILSP durante a disciplina de Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva.

A pesquisa de Farias et al. (2020) foi realizada em uma turma do curso de Letras – Licenciatura em Libras/Língua Portuguesa como Segunda Língua, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e contou com a presença de 15 estudantes surdos. Ao final, concluiu-se que os conteúdos de cunho social foram melhor recepcionados pelos alunos surdos, que demonstraram maior interação e participação em temáticas sobre estigmas, estereótipos e barreiras comunicacionais e atitudinais enfrentadas pelo indivíduo surdo no dia a dia.

A crescente interação nas aulas proporcionou não apenas uma maior participação dos surdos nas aulas, mas resultou também na assimilação dos temas pertinentes ao componente curricular de Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva não pertencentes à realidade vivenciada por pessoas surdas. (FARIAS et al., 2020, p. 9).

Por fim, o estudo teve grande relevância ao constatar que a partir da atuação das Tradutoras Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, por meio do estudo dos conteúdos e materiais disponibilizados pela docente da disciplina e pesquisas dos sinais específicos utilizados nas aulas, verificou-se melhor compreensão dos conteúdos pelos alunos surdos. Além disso, propiciou momentos de interação de forma plena em sala de aula, contribuindo também para o aprendizado de maneira mais efetiva.

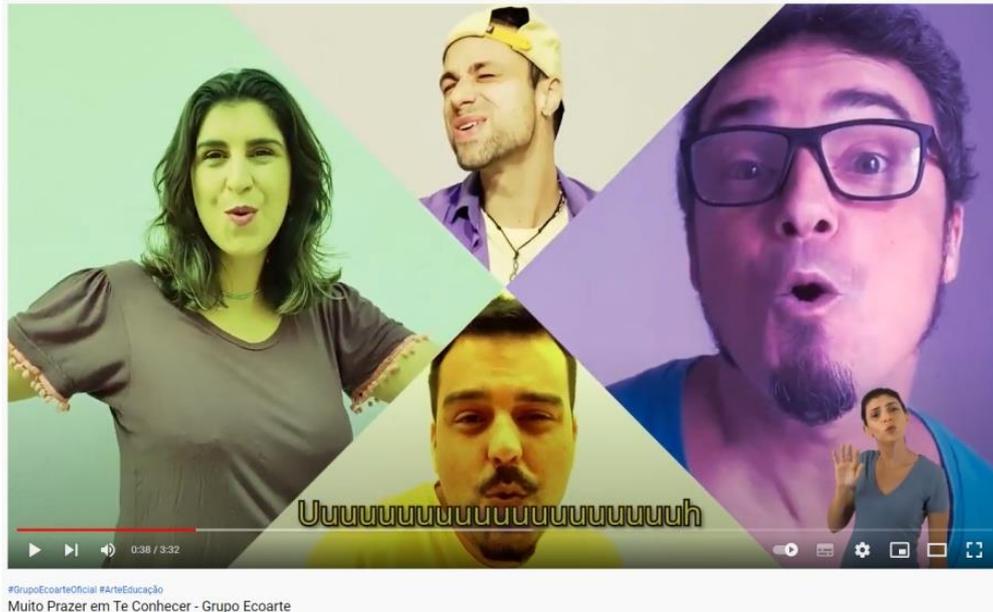
O trabalho sobre “Panorama e perspectivas da tradução e interpretação em Libras”, de Rodrigues e Valente (2011, p. 18-19), aborda a questão do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução. A esse respeito as autoras explicam:

O domínio da Libras, ser filho de surdos, ou professor de surdos, nada disso garante, por si só, que alguém possa ser intérprete. É preciso, na verdade, que haja uma conjunção de características que envolvem, além do conhecimento profundo da estrutura das línguas envolvidas e a responsabilidade de manter-se fiel e neutro em relação ao objeto de interpretação, o conhecimento cultural suficiente da língua-alvo e da língua-fonte para fazer as devidas adaptações linguísticas de cunho idiomático e cultural.

Por fim, mas não menos importante, é válido ressaltar o relevante papel do TILSP na interpretação de conteúdos musicais em forma de vídeos. O trabalho desenvolvido pelo Grupo Ecoarte, que tem um canal no *YouTube*, divulga vídeos semanais abordando diferentes temas do cotidiano por meio do teatro, da música e da literatura.

Com relação à acessibilidade em Libras, a profissional AUTOR participou do trabalho de tradução e interpretação do canal utilizando vestimenta em cores (Figura 6), que muito se assemelha à paleta de cores do figurino adotado pelos artistas do vídeo.

Figura 6 – Canal infantil do Grupo Ecoarte, com vídeos acessíveis em Libras.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=HB2FiQqwZ4c>. Acesso em: 6 jul. 2022.

Sendo assim, é preciso que alguns requisitos básicos sejam cumpridos a fim de garantir a acessibilidade na comunicação e aquisição de conhecimento e informações pela Comunidade Surda. Portanto, o tópico seguinte irá tratar dos aspectos e competências do profissional tradutor e intérprete de Libras, que possui papel fundamental na transmissão do conteúdo/informação que garantem a inserção de pessoas surdas nas mais diversas interações da sociedade.

### **Aspectos de competências e conduta ética do TILSP**

Primeiramente, é fundamental introduzir o tema apresentando os conceitos de tradução e interpretação e suas particularidades. Sabe-se que o processo de interpretação envolve a prévia tradução dos termos. No entanto, “[...] grande parte dos teóricos e profissionais da área da tradução utiliza os termos tradução e interpretação para se referir a duas atividades distintas” (NICOLOSO; HEBERLE, 2015, p. 198 apud OLIVEIRA, 2018).

Segundo Pagura (2003, p. 210 apud OLIVEIRA, 2018), “o tradutor trabalha com a palavra escrita e o intérprete com a palavra falada”. Conforme explica Rodrigues (2013 apud

OLIVEIRA, 2018), o intérprete trabalha com a oralidade e a gestualidade, de modo simultâneo ao processo tradutório. Já o tradutor faz uso de textos escritos e, por esse motivo, dispõe de mais tempo de consulta em diversos meios disponíveis – como dicionários, livros, internet e outros.

Outro ponto de vista que envolve a tradução em Libras é apresentado por Bassnett (2003, p. 9 apud OLIVEIRA, 2018), que explica não ser apenas a transferência de textos entre duas línguas, “[...] ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor”.

Um estudo pioneiro que revela métodos e questões centrais sobre a tradição do pensamento tradutológico sistemático se intitula “Sobre os diferentes métodos da tradução”, de Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Tal obra é apontada por muitos como sendo de grande importância para o desenvolvimento da teoria da tradução que, de acordo com o autor, integrava um plano maior de emancipação política e cultural. O texto de Schleiermacher apresenta reflexos de ideais surgidos na nação alemã no início do século XIX (PEREIRA, 2008).

A Academia de Libras (2020) informa os seis requisitos necessários para se tornar profissional de intérprete de Libras, sendo eles: formação em interpretação e tradução de Libras, certificação específica, respeito ao sigilo, imparcialidade, fidelidade à informação, e distância e discrição. Com relação ao primeiro requisito de formação em interpretação e tradução de Libras, o *site* Academia de Libras (2020) cita cursos de extensão oferecidos por universidades, cursos de educação profissional que tenham reconhecimento do sistema responsável pelo credenciamento e os cursos no campo de formação continuada disponibilizados por instituições de ensino superior ou instituições que sejam credenciadas por Secretarias de Educação.

Já para a certificação específica, considerando que o Prolibras não está mais em vigor, é preciso que o candidato realize o exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa, que poderá ser provido pelo Ministério da Educação ou instituições de ensino superior devidamente credenciadas. O outro requisito deste profissional é o respeito ao sigilo, que pode ser visto também como um dos princípios a serem seguidos. O sigilo profissional assegura a intimidade de cada pessoa que necessita da interpretação em Libras.

O princípio da imparcialidade também é um requisito primordial, conforme as informações são transmitidas é preciso que opiniões de cunho pessoal não sejam expostas

para não prejudicar a informação que está sendo passada (ACADEMIA DE LIBRAS, 2020). Outra questão importante tem relação com a condição imposta pela Libras. Por se tratar de uma linguagem de sinais e gestual, requer um cuidado especial no que se refere às expressões faciais, ou seja, uma simples expressão pode interferir na interpretação do conteúdo transmitido (ACADEMIA DE LIBRAS, 2020).

O conceito de fidelidade à informação também deve ser respeitado pelo profissional. Sobre isso, “o profissional não pode realizar mudanças na mensagem, por mais que a intenção seja ‘adequar’ ou ‘suavizar’ o conteúdo transmitido”. (ACADEMIA DE LIBRAS, 2020). Por fim, os requisitos de distância e discrição devem estar presentes no trabalho do tradutor e intérprete de Libras, que “deve se estender para a vida particular das pessoas atuantes no exercício da atividade”. (ACADEMIA DE LIBRAS, 2020).

Além de todo o exposto, é preciso considerar o aperfeiçoamento deste profissional que são diferenciais de peso no momento da contratação. No caso de intérpretes de Libras que objetivam atuar na área de ensino/educação, a formação em Letras e cursos de especialização em Libras podem contribuir na conquista de uma vaga desejada (ACADEMIA DE LIBRAS, 2020).

Com relação às competências deste profissional, Quadros (2004) apresenta seis categorias que podem ser utilizadas para analisar o processo de interpretação:

*Competência linguística* – Habilidade de entender o objeto da linguagem usada em todas as suas nuances e expressá-las corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua-alvo, ter habilidade para distinguir as ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso.

*Competência para transferência* – Essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua-fonte, habilidade para interpretar o significado da língua-fonte para a língua-alvo, sem distorções, adições ou omissão, sem influência da língua-fonte para a língua-alvo.

*Competência metodológica* – Habilidade em usar diferentes modos de interpretação, para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso e para recordar itens lexicais e terminologias.

*Competência na área* – Conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.

*Competência bicultural* – Conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua-fonte e da língua-alvo.

*Competência técnica* – Habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar. (QUADROS, 2004, p. 73-74).

Conforme apresentado anteriormente, recursos extralinguísticos são estratégias tradutórias que estreitam as perspectivas do público surdo, trazendo sensações e emoções em diversos contextos. Quando o TILSP utiliza gestos corporais como giros, movimento de cabeça e de tronco e, especialmente, expressivas entonações, este profissional caminha entre as competências classificadas por Quadros (2004).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 50-51): “as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. Com relação aos processos que envolvem a tradução e interpretação, é preciso ter em mente:

Os intérpretes devem criar expectativas em relação aos tipos de discurso que alguém irá usar em determinados contextos. Aos poucos se aprende que algumas expressões estão associadas a um tipo específico de discurso, por exemplo, ‘por que’ e ‘razão’ são frequentemente usados em um discurso persuasivo; ‘como’ e ‘passos’ indicam um discurso procedural; ‘versus’, ‘ou’ e ‘comparação’ são palavras típicas de discursos argumentativos; ‘estória’ e ‘conto’ são frequentemente associados com um discurso narrativo; ‘descrição’ sugere um discurso explicativo. Assim, o intérprete tem condições de identificar os elementos possíveis que serão apresentados de acordo com o tipo de discurso preparando-se de antemão e dispondo de tais elementos de forma mais pronta e imediata durante a sua atuação. (QUADROS, 2004, p. 81).

O estudo de Cruz (2016) investiga e analisa a atuação do intérprete de Libras diante do código de ética que norteia a profissão, indagando princípios de imparcialidade e fidelidade no processo tradutório entre os mundos surdo e ouvinte em situações conflitantes. Sobre a atuação do TILSP, a autora explica que “assim como qualquer outra profissão, é norteada por um código de ética que descreve princípios como: confiabilidade, neutralidade ou parcialidade, fidelidade, distância profissional, entre outros”. (CRUZ, 2016, p. 1).

Para um melhor entendimento, citam-se aqui os deveres fundamentais do profissional intérprete conforme o Art. 1º do código de ética dos TILS, disponibilizado em documento pela Secretaria de Educação Especial por meio do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília (2004).

*Artigo 1º - São deveres fundamentais do intérprete:* 1º. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele; 2º. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo; 3º. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além da responsabilidade; 4º. O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas; 5º. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função. (QUADROS, 2004, p. 31-32).

De acordo com Nascimento (2014 *apud* GOULART, 2017), embora o código de ética seja um documento frequentemente citado nos cursos de formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, ele não é um documento amplamente divulgado. Para a autora, o código de ética é visto como um manual prático. No entanto, não são abordadas questões dinâmicas nas quais o profissional precisa fazer escolhas (GOULART, 2017).

### Considerações finais

Os aspectos destacados e analisados neste artigo se relacionam diretamente às competências do TILSP que, comprovadamente por argumentos dispostos ao longo do texto, demonstram que uma boa formação é fundamental para a construção do profissional e sua atuação em diversos âmbitos da sociedade.

Além de evidenciar questionamentos que fazem parte do cotidiano da Comunidade Surda e demais pessoas envolvidas em processos tradutórios e de interpretação, o presente estudo buscou respostas por meio de levantamento bibliográfico e materiais/documentos institucionais que possibilitam elucidar determinados aspectos como: a forma de atuar, se portar, se vestir, e outros aspectos.

Verifica-se então a necessidade de que estudos como este sejam cada vez mais aprofundados e difundidos entre acadêmicos, a Comunidade Surda, os mais variados meios de comunicação (audiovisual) e todos os agentes que participam da interação surdo-ouvinte, para que seja viável melhorar, sempre que possível, as condições de atuação dos profissionais de TILSP e o produto gerado por eles.

O trabalho também possibilitou esclarecer que a vestimenta do TILSP na cor preta, com cabelo preso, apenas remete a sensação de formalidade que muitos conteúdos necessitam transmitir. Não se trata, portanto, de uma obrigatoriedade, mas sim da escolha da produtora/empresa audiovisual e dos envolvidos nesse processo, assim como tem relação com o escopo do conteúdo em que o TILSP estará atuando. Quanto a este aspecto, podem-se exemplificar debates políticos e propagandas eleitorais – que são, em sua maioria, conteúdos que trazem seriedade ao tema transmitido – e, assim, demandam do TILSP uma vestimenta mais adequada ao conteúdo.

Por outro lado, ficou evidente que TILSP que desenvolvem conteúdos infanto-juvenis e materiais voltados ao público adulto podem desfrutar de informalidade no que tange à vestimenta e ao uso do cabelo. Essa é uma alternativa que permite maior interação do profissional com o cenário, os artistas que se apresentam e com o conteúdo, seja ele de qualquer natureza.

Por meio de uma abordagem ilustrativa de vídeos infanto-juvenis e adultos, levantamentos bibliográficos de ilustres autores e legislações pertinentes ao assunto abordado, este trabalho buscou destacar os aspectos que envolvem o profissional de TILSP. Assim, o presente estudo apresenta grande relevância para a Comunidade Surda, ao trazer questionamentos e respostas que elucidam dúvidas do cotidiano, norteando, dessa forma,

empresas contratantes deste profissional para que a cor da vestimenta seja neutra para assuntos formais, e para assuntos informais cores que conversem com a temática abordada, o que faz toda a diferença no campo visual para o Surdo e a comunidade surda, podendo assim construir uma definição imagética, e orientar futuros profissionais quanto à vestimenta e conduta ética.

Adicionalmente foi realçada a importância de uma boa qualificação do profissional em questão do contínuo aprendizado por meio de especialização e cursos de áreas diversas, que tem se tornado um diferencial para sua manutenção no mercado de trabalho, e possibilitar entregar resultados cada vez mais satisfatórios ao público-alvo.

## Referências

- ABNT. *NBR 15290:2016*. Acessibilidade em comunicação na televisão. Rio de Janeiro, 2016.
- ACADEMIA DE LIBRAS. Requisitos para ser intérprete de Libras em diversas áreas. *Post em blog*. 10 dez. 2020. Disponível em: <academiadelibras.com/blog/requisitos-para-ser-interprete-de-libras>. Acesso em:
- ADRIANO, Graciele Alice Carvalho. *Morfologia aplicada às línguas orais e língua de sinais*. Indaial: UNIASSELVI, 2018.
- ALVES, Cleudes Moreira de Jesus et al. Reflexões sobre o Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) e sua identidade no contexto educacional. *Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 37, mar. 2021, Discurso e Alteridade II.
- BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10.436 e o art. 18 da Lei 10.098. *Diário Oficial da União*. Brasília/DF, 2005.
- BRASIL. A classificação indicativa na Língua Brasileira de Sinais. Brasília: SNJ, 2009.
- BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*. Brasília/DF, 2015.
- BUENO, Paloma. Post em rede social. Intérprete de Libras pode usar camisa preta? 5 set. 2019. *LinkedIn*. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/int%C3%A9rprete-de-libras-s%C3%B3-pode-usar-camisa-preta-paloma-bueno>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CAMPOS, Sueli Aparecida de; RODRIGUES, Sueli Carrijo. Letramento, ensino e surdez: abordagens e propostas de ensino para alunos surdos na escola inclusiva. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produção Didático-pedagógica*. Curitiba: SEED/PR, 2009. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2009\\_uenp\\_educacao\\_especial\\_artigo\\_sueli\\_aparecida\\_de\\_campos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2009_uenp_educacao_especial_artigo_sueli_aparecida_de_campos.pdf). Acesso em: 08 jun. 2022
- CARVALHO, Inês Alexandra de Sousa. *A tradução audiovisual na Somnorte: Especificidades para o público infantil*. Dissertação de Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue. Instituto de Letras e Ciências Humanas (UM – Universidade do Minho, Portugal), 2021.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *Projeto Varlibras*. Tese de Doutorado em Linguística. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras (UnB), 2014.
- COSTA, Roberto César Reis da; COSTA, Sheila Batista Maia Santos Reis da. Sou intérprete da Língua Brasileira de Sinais e não abro mão do meu *black power*: e aí... vão continuar dizendo que meu *afrohair* atrapalha na comunicação? *Web Revista Sociodialeto*, v. 10, n. 28, jul. 2019.

- CRUZ, Raquece Mota Honório. Conflitos éticos na atuação do Tradutor Intérprete de Libras. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n. 17, 2016.
- FARIAS, Mariana Damião et al. Atuação do tradutor intérprete de Libras no ensino superior: implicações na disciplina de educação inclusiva. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 1, 2020.
- FEBRAPILS. Nota técnica sobre a atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras e Língua Portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais. 2006. Disponível em febrapils.org.br/wp-content/.../nota-tnica-febrapils-feneis-materiaisaudiovisuais.pdf. Acesso em: 20 mai. 2018.
- GOULART, Daiana San Martins. Código de ética dos tradutores/intérpretes de língua de sinais: Quais verdades se constituem nesse documento sobre a profissão? *7º Sbece – Seminário brasileiro de estudos culturais e educação*. Ulbra, Canoas-RS, 2017.
- LEITE, Emeli Marques Costa. *Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras (UFRJ), 2004.
- MARTINS, Tânia Aparecida. *Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras*. Dissertação de Mestrado em Letras. (Unioeste), 2013.
- NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital*. Tese de Doutorado em Linguística. (UnB), 2016.
- OLIVEIRA, Verônica Rosemary de. *O Tradutor e Intérprete de Libras e a tradução audiovisual de conteúdo político partidário: problematizando este trabalho*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras-Libras. (UFSC), 2018.
- PEREIRA, Caio Heleno da Costa. *Sobre os diferentes métodos da tradução: A tradução no contexto político-pedagógico da bildung*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras com ênfase em Estudos da Tradução. (UFPR), 2008.
- PROMETI, Daniela. *Terminologia da Língua de Sinais Brasileira: léxico visual bilíngue dos sinais-termo musicais – um estudo contrastivo*. Tese de Doutorado em Linguística. (UnB), 2020.
- QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial – Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/Seesp, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. *Intérprete de Libras*. Curitiba: Iesde Brasil, 2011.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. (1813/2001). Sobre os diferentes métodos de tradução. Traduzido por Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Volume 1: alemão-português. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Tradução, 2010, p. 25-87.
- UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* (DHNET). Barcelona, 1996. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- VALE, Débora Rocha de Souza. Os recursos extralinguísticos na interpretação simultânea de um espetáculo artístico religioso em Língua Portuguesa para Libras. Trabalho de conclusão do curso. Graduação em Letras-Libras. (UFSC), 2020.

## HISTÓRIA RECENTE DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (2006–2021)

### RECENT HISTORY OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND PORTUGUESE TRANSLATION AND INTERPRETING AT THE UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (2006–2021)

Andrew Victor Thomé Bizzo<sup>1</sup>

Pedro Henrique Witches<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo documenta a história da tradução e da interpretação de língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Para tanto, fundamenta-se nos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, bem como no campo da História da Tradução e das Políticas de Tradução e Interpretação para analisar um conjunto de documentos temporalmente compreendidos entre os anos de 2006 e 2021 tais como editais de contratação e nomeações no *Diário Oficial da União*, além de portarias, regimentos e relatórios institucionais. Observa-se, nas duas primeiras décadas do século XXI, pelo menos três movimentos que marcam a história recente dessas atividades na instituição: (i) a emergência da interpretação financiada por bolsas concedidas a estudantes; (ii) a formalização profissional da tradução e da interpretação através da contratação de servidores via concurso público; e (iii) o agrupamento de profissionais tradutores e intérpretes em um único setor. Esses movimentos demarcam o desenvolvimento de uma política de tradução e interpretação no domínio institucional da Ufes e o estudo sobre eles permite evidenciar os desafios e os avanços das práticas de tradução e interpretação de línguas de sinais em contextos de serviços públicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução e interpretação. Libras e língua portuguesa. História da tradução. Políticas de tradução e interpretação. Tradução e interpretação de serviços públicos.

**ABSTRACT:** This article documents the history of translation and interpreting of Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese at the Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). To this end, it is based on the Sign Languages Translation and Interpreting Studies, as well as in the field of History of Translation and Translation and Interpreting Policies to analyze a set of documents temporally comprised between the years 2006 and 2021 such as contracting notices and appointments in the *Diário Oficial da União*, in

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras-Libras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa da Ufes. E-mail: andrew.bizzo@ufes.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes. E-mail: pedro.witches@ufes.br

addition to institutional ordinances, regulations and reports. In the first two decades of the 21st century, at least three movements can be observed that mark the recent history of these activities at the institution: (i) the interpreting emergence financed by scholarships granted to students; (ii) the professional formalization of translation and interpreting through the hiring of civil servants through a public tender; and (iii) the grouping of professional translators and interpreters into a single sector. These movements mark the development of a translation and interpreting policy in the institutional domain of Ufes and the study of them makes it possible to highlight the challenges and advances in sign language translation and interpreting practices in public service contexts.

**KEYWORDS:** Translation and interpreting. Brazilian Sign Language and Portuguese. History of translation. Translation and interpreting policies. Translation and interpreting of public services.

## Introdução

Reconhecer a invisibilidade do tradutor é, ao mesmo tempo, criticar a atual situação e ter esperanças em um futuro mais favorável para as diferenças que o tradutor deve negociar. (VENUTI, 2021, p. 633).

Vivemos tempos em que a tradução e a interpretação de línguas de sinais se tornaram práticas cada vez mais visíveis na sociedade. Seja pela luta do movimento surdo em prol das línguas de sinais ao redor do mundo, seja em função do cumprimento de uma política de inclusão, tem sido comum se deparar com a atuação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais. No contexto de serviços públicos, a visibilidade da interpretação educacional — e especialmente em ambientes acadêmicos, como observam Rodrigues e Santos (2018) — se destaca dentre as diferentes atividades possíveis de serem desempenhadas por esses profissionais. Ainda assim, transpondo o argumento de Venuti (2021) em relação à atividade do tradutor, reconhecemos a necessidade de criticar a atual situação em que a tradução e a interpretação de línguas de sinais se encontram. Na esperança de melhorias para o futuro desse campo de atuação, assumimos o compromisso de documentar a sua história.

Nesse caso, é válido destacar que não temos a intenção de elaborar uma história universal da tradução e da interpretação de línguas de sinais. Reconhecemos que essa seria uma tarefa impossível. Deste modo, filiamo-nos às novas tendências na pesquisa histórica que, como argumenta Pinilla (2017, p. 226), “se aplicam melhor ao estudo de aspectos parciais, bem estruturados, de um tema concreto, que favoreçam uma análise mais dinâmica que estática”. Portanto, o nosso objetivo aqui é documentar a história da tradução e da interpretação de língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa na

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A escolha pelo domínio institucional da Ufes se deve basicamente por dois fatores: primeiro, pelo fato das atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa terem uma história bastante recente na instituição, remontando ao início do século XXI — o que torna menos complexa a mediação empírica com os documentos; segundo, em razão da Universidade sediar o Curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, que é um dos oito cursos de formação superior de tradutores e intérpretes do par linguístico formado pela Libras e pela língua portuguesa em universidades federais no Brasil.

Portanto, realizamos uma pesquisa documental com vistas a levantar e mapear um conjunto de documentos que possibilitem compreender as dinâmicas institucionais que interpelaram a história das atividades de tradução e de interpretação de Libras e língua portuguesa no âmbito da Ufes. Os documentos selecionados para compor o estudo apresentado neste artigo compreendem o período entre os anos de 2006 e 2021. Entendemos, contudo, que há elementos dessa história que ultrapassam o recorte temporal delimitado pelos documentos, de modo que indicamos a necessidade de futuras investigações que considerem o registro dessa história a partir de entrevistas com tradutores e intérpretes, bem como com outros servidores que não apenas testemunharam, mas também participaram ativamente dos acontecimentos em torno da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes.

Assim, o artigo está organizado como segue: após esta breve introdução, caracterizamos a conjuntura histórica contemporânea na qual a tradução e a interpretação de línguas de sinais se tornam atividades profissionais; em seguida, situamos elementos da pesquisa em História da Tradução<sup>3</sup> e apresentamos os documentos selecionados para a realização da investigação; posteriormente, descrevemos e discutimos a tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes a partir de três movimentos que marcam a história recente dessas atividades na instituição; por fim, argumentamos que tais movimentos permitem que se observe o desenvolvimento de uma política de tradução e interpretação no âmbito da Ufes e que o seu estudo detalhado permite evidenciar os desafios e os avanços dessas atividades em contextos de serviços públicos.

---

<sup>3</sup> Neste artigo, com base em Delisle (2002), assumimos a História da Tradução como uma disciplina que engloba não apenas aspectos históricos da tradução, mas também da interpretação.

## Aspectos da tradução e da interpretação de línguas de sinais na Contemporaneidade

A história da tradução e da interpretação de língua de sinais no Brasil, de acordo com Witchs e Moraes (2021), costuma demarcar a década de 1980 como um importante ponto de partida. Isso porque, naquele momento, é possível observar uma proliferação da interpretação de cerimônias religiosas e outras atividades em igrejas que desejavam realizar um trabalho de evangelização com pessoas surdas. Além disso, é válido destacar que, na mesma década, mais precisamente em 1988, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) realizou o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais — um evento que reforça um movimento em direção à profissionalização.

Embora a interpretação de língua de sinais se sobressaia em relação à tradução quando se focaliza a história dessas práticas, é importante considerar que essas duas atividades têm sido praticadas há mais tempo. Familiares de pessoas surdas, segundo Anater e Passos (2010), têm exercido a interpretação de e para línguas de sinais em diferentes momentos da história. Alguns dos registros mais antigos, como indicado por Leahy (2015), apontam para o século XIV, quando a esposa de um surdo britânico interpretou o seu marido na corte em 1324. De lá para cá, as evidências sobre a prática de interpretação de língua de sinais aumentaram na medida em que o processo de escolarização de surdos se institucionalizou no século XVIII, ampliando as possibilidades de participação social e de interações estabelecidas dentro e fora das escolas por parte de pessoas surdas (WITCHS; MORAIS, 2021).

No entanto, como afirma Frishberg (1990), não havia diferença entre um intérprete e qualquer pessoa ouvinte conhecedora de língua de sinais *que pudesse ajudar* até a década de 1960. Ainda que a autora se refira ao contexto dos Estados Unidos da América, talvez seja possível estender, pelo cenário internacional, essa compreensão indistinta entre um bilíngue e um intérprete de língua de sinais. No contexto brasileiro, isso é ratificado por Vilaça-Cruz (2021). A autora afirma que o trabalho de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa “ainda é costumeiramente relacionado a questões ligadas ao assistencialismo e ao voluntariado, uma vez que esta atividade laboral emergiu destas condições” (VILAÇA-CRUZ, 2021, p. 203).

É possível dizer que tal percepção perpetua mesmo após o reconhecimento da profissão de tradutor e intérprete de Libras por meio da Lei nº 12.319 (BRASIL, 2010). Soma-se, a essa questão, a problemática do distanciamento acadêmico, político e social

entre a categoria de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e a categoria de tradutores e intérpretes de línguas vocais. Isso, por exemplo, é evidenciado no Código Brasileiro de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego. Nesse Código, segundo Pereira (2018, p. 2),

[...] existe a denominada família dos filólogos, tradutores, intérpretes e afins sob o código 2614, e a subdivisão 2614-10 designava todos os intérpretes, intérpretes comerciais, intérpretes de comunicação eletrônica, intérpretes de conferência, intérpretes simultâneos, tradutores simultâneos. No entanto, a partir de 2010, foi criada uma nova subdivisão com o código 2614-25 para os intérpretes de língua de sinais, guias-intérpretes, intérpretes de Libras, intérpretes educacionais, tradutores de Libras, tradutores-intérpretes de Libras.

Analisando essa problemática classificação, a autora questiona de que forma poderia ser registrada a atuação de um intérprete de língua de sinais contratado para interpretar uma conferência ou de um intérprete de crioulo haitiano solicitado para interpretar aulas frequentadas por filhos de imigrantes (PEREIRA, 2018). Ainda sobre esse distanciamento, Pereira (2018) também aponta para uma compreensão acadêmica que exclui a interpretação de língua de sinais do escopo dos Estudos da Interpretação. De acordo com a autora, revisar, sistematizar e atualizar as compreensões do que é interpretação de língua de sinais e sua classificação nos Estudos da Interpretação se tornam necessidades para “colocar novamente em discussão nossas visões sobre quais os impactos que o reconhecimento desta forma de interpretação tem causado na sociedade e na área acadêmica” (PEREIRA, 2018, p. 7).

Nesse sentido, segundo Lemos e Carneiro (2021, p. 2), os “avanços nas pesquisas em Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) possibilitaram uma melhor compreensão sobre os papéis constitutivos da profissão e das funções para atuação profissional”. No Brasil, esses avanços se alinham com a emergência de cursos superiores de formação de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa, o que oportunizou uma expansão das possibilidades de estudos formais sobre a tradução e a interpretação dessas línguas em instituições de ensino e pesquisa. Como condição para essas possibilidades, não podemos nos furtar de mencionar um movimento internacional em prol de uma política de inclusão de pessoas com deficiência<sup>4</sup>. De acordo com Thoma e Kraemer (2017, p. 59-60, *itálico das autoras*):

---

<sup>4</sup> Segundo Brito (2021, p. 92), “o próprio desenvolvimento do movimento social surdo brasileiro pode ser descrito como um produto derivado originalmente do movimento das pessoas com deficiência”. Para McDonnell (2016), é possível reconhecer uma sobreposição nas experiências das comunidades surdas e de

Tanto a *Conferência Mundial de Educação para Todos*, realizada em Jomtien, Tailândia (1990), como a *Conferência Mundial de Educação Especial*, realizada em Salamanca, Espanha (1994), ressaltam o compromisso social e político dos países ali representados com a garantia de *condições de educação para todos e o direito à educação de todos os alunos, incluindo os alunos da educação especial, em classe comum*.

Como efeito desse compromisso, pessoas surdas têm encontrado condições para ingressarem no Ensino Superior na medida em que concluem seus processos de escolarização na Educação Básica. Assim, nas últimas duas décadas, é notável o aumento de alunos surdos ingressantes em instituições de Ensino Superior no Brasil. De acordo com o Censo de Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), até 2015, um total de 7.131 alunos com deficiência auditiva, surdos ou surdocegos estavam matriculados em até 670 instituições de ensino superior (ESDRAS; GALASSO, 2017). No entanto, para que a acessibilidade e a permanência desses estudantes possam ser garantidas nas instituições, a tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa se tornam condições.

Nessa perspectiva, é possível assumir que “a tradução e a interpretação têm operado como mecanismos fundamentais de acessibilidade linguística para pessoas surdas que têm a língua de sinais como parte constitutiva de suas subjetividades” (WITCHES, 2019, p. 134). Isto significa compreender que a tradução e a interpretação interferem no cotidiano das pessoas surdas — das ouvintes também — e possibilitam condições para o exercício de sua cidadania em diferentes contextos sociais. Na sequência, situamos alguns elementos da pesquisa em História da Tradução, bem como apresentamos o contexto e o conjunto documental que permite documentar a tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa no âmbito da Ufes.

### **História da tradução e a pesquisa documental**

A História da Tradução figura entre as doze áreas de pesquisa que compõem um mapeamento realizado por Williams e Chesterman (2002) no campo disciplinar dos Estudos da Tradução. De acordo com os autores, estudos históricos ou culturais podem servir para examinar os efeitos, a longo prazo, que a tradução pode causar em línguas e

---

peças com deficiência. No entanto, segundo o autor, também “há diferenças significativas entre esses dois grupos” (McDONNELL, 2016, p. 778).

culturas. Na famosa descrição de Holmes ([1972] 2000) sobre os Estudos da Tradução, a História da Tradução não aparece especificamente com esse nome, mas pode ser percebida entre os estudos descritivos orientados ao produto, com a descrição e a comparação de traduções em uma perspectiva sincrônica ou diacrônica; ou entre os estudos descritivos orientados à função, com a descrição da função da tradução em um contexto sociocultural.

Embora observe a atribuição de uma relevância secundária à História da Tradução em diferentes mapeamentos do campo, Pinilla (2020) defende que ela seja compreendida como uma área de pleno direito no âmbito dos Estudos da Tradução. De acordo com o autor, trabalhos em História da Tradução devem considerar, pelo menos, quatro aspectos gerais:

a) evitar olhar para os fatos passados com os preconceitos e conhecimentos do presente; b) ligar a interpretação do passado ao contexto de seu tempo; c) pesquisar as condições de produção e recepção das traduções, a função social da tradução e o papel dos agentes e tradutores, e d) propor, na medida do possível, uma periodização própria do estudo histórico da tradução. (PINILLA, 2020, p. 15).

Argumentamos que o estudo da História da Tradução também pode proporcionar uma potente via para o estudo de políticas de tradução e de interpretação, uma vez que, conforme Delisle (2002, p. 10), “conhecer as condições de exercício dessa atividade de comunicação intermediada tal como foi praticada e pensada no passado pode seguramente contribuir para uma compreensão mais aprofundada da natureza do trabalho do tradutor”. Em uma definição clássica, Meylaerts (2011) apresenta as políticas de tradução não apenas como um conjunto de configurações institucionais e oficiais da tradução, mas também ideologias, estratégias tradutórias e editoriais, formação de tradutores etc. Neste artigo, as condições de exercício da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa, bem como as configurações institucionais dessas práticas no âmbito da Ufes são alvos da busca por documentos que possibilitassem compreender — e tornar compreensível — o trabalho de tradutores e intérpretes desse par linguístico na instituição.

Considerando se tratar de configurações que datam do século XXI, compreendemos que este artigo também se filia à História do Tempo Presente. Esse campo de conhecimento, segundo Elíbio Júnior (2021), emerge na França do final da década de 1970, quando o *Centre National de la Recherche Scientifique* passou a

patrocinar investigações sobre temas que ainda estavam em curso. De acordo com o autor, esse domínio da História “apresenta uma profusão de fontes documentais escritas, orais e visuais que podem nortear a produção das narrativas” (ELÍBIO JÚNIOR, 2021, p. 15). Procedimentalmente, a discussão que desenvolvemos aqui está restrita a um conjunto documental escrito e visual. No entanto, na medida em que realizávamos a busca pelos documentos, deparamo-nos com algumas informações orais fornecidas por servidores da instituição que deram sugestões de onde e do quê procurar. Compreendemos que essas informações orais integram a história da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes e podem ser melhor examinadas em uma investigação que contemple entrevistas com as pessoas que participaram ativamente dos acontecimentos em torno dessas atividades na instituição.

De todo modo, assumimos que seria importante começar a documentação dessa história a partir dos documentos escritos, uma vez que, segundo Gil (1991), esse tipo de material proporciona uma melhor visão de um problema sem necessariamente tentar respondê-lo. Na esteira dessa compreensão, importa dizer que entendemos que os documentos não são os fatos históricos em si, mas se tornam produtores de sentidos sobre os acontecimentos na história. Isto significa assumir que os documentos, de acordo com Vidal (1998, p. 10), se transformam “em elementos construtores da realidade”. Assim, justificamos que não é a nossa intenção documentar a história da tradução e da interpretação na Ufes de uma forma factual, mas sim oferecer produções de sentido para essa história em particular.

Nesse sentido, a busca pelos documentos envolveu cinco acervos digitais, a saber: (i) o site institucional da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) da Ufes<sup>5</sup>; (ii) o site institucional do Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL) da Ufes; (iii) o sistema *Protocolo Ufes*, desenvolvido pelo Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) da universidade<sup>6</sup>; (iv) o *Diário Oficial da União* (DOU), mantido pela Imprensa Nacional<sup>7</sup>; e (v) o site *JusBrasil*, que é uma ferramenta de consultas processuais mantida por uma *startup* jurídica e tecnológica<sup>8</sup> que serviu como alternativa quando encontramos dificuldades de localizar documentos oficiais na plataforma do DOU. A partir dessas buscas, foi possível alcançar um conjunto de documentos apresentados no Quadro 1, o

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://progep.ufes.br/>. Acesso em: 2 set. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://protocolo.ufes.br/>. Acesso em: 2 set. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/impresnanacional/>. Acesso em: 2 set. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/>. Acesso em: 2 set. 2022.

qual organizamos de modo a associá-los a alguns acontecimentos-chave da história recente da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes.

Quadro 1 - Documentos selecionados e acontecimentos associados a eles

Nº	Documento	Acontecimento	Ano
1	Informação oral fornecida por servidores da Ufes	Concessão de bolsas para estudantes de graduação da Ufes atuarem como intérpretes de Libras e língua portuguesa.	2006
2	Edital PROGEP/Ufes nº 27/2009	Primeiro concurso para o cargo de nível D - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais.	2009
3	Nomeação no DOU de 9 de outubro de 2009	Nomeação de dois tradutores e intérpretes de linguagem de sinais para o campus de Goiabeiras.	2009
4	Processo nº 23068.004349/2012-83	Redistribuição de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais do campus de Goiabeiras para outra instituição federal de Ensino Superior.	2012
5	Edital PROGEP/Ufes nº 105/2013	Segundo concurso para o cargo de nível D - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais.	2013
6	Nomeação no DOU de 4 de dezembro de 2013	Nomeação de seis tradutores e intérpretes de linguagem de sinais para o campus de Goiabeiras.	2013
7	Nomeação no DOU de 25 de agosto de 2014	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de Goiabeiras.	2014
8	Edital PROGEP/Ufes nº 001/2014	Terceiro concurso para o cargo de nível D - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais.	2014

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Quadro 1 - Documentos selecionados e acontecimentos associados a eles (continuação)

Nº	Documento	Acontecimento	Ano
9	Apuração do resultado final do Edital PROGEP/Ufes nº 001/2014	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de São Mateus.	2014
10	Edital PROGEP/Ufes nº 096/2014	Quarto concurso para o cargo de nível D - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais.	2014
11	Nomeação no DOU de 1 de junho de 2015	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de São Mateus.	2015
12	Edital PROGEP/Ufes nº 125/2015	Quinto concurso para o cargo de nível D - Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais.	2015
13	Nomeação no DOU de 21 de junho de 2016	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de Alegre.	2016
14	Nomeação no DOU de 5 de dezembro de 2016	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de Goiabeiras.	2016
15	Processo nº 23068.013976/2017-10	Exoneração de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais do campus de Goiabeiras por motivo de posse em outro cargo inacumulável.	2017
16	Nomeação no DOU de 22 de dezembro de 2017	Nomeação de um tradutor e intérprete de linguagem de sinais para o campus de Goiabeiras.	2017

17	Processo nº 23068.022578/2018-75	Agrupamento dos nove tradutores e intérpretes de linguagem de sinais do campus de Goiabeiras no Departamento de Línguas e Letras (DLL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN).	2018
18	Portaria Cepe/Ufes nº 861/2018-R		
19	Portaria Cepe/Ufes nº 918/2018-R		
20	Extrato da ata da 10ª Reunião Ordinária do Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, de 9 de outubro de 2019	Criação do Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL) no campus de Goiabeiras.	2019
21	Extrato de ata da Reunião Ordinária do Conselho Departamental do Centro de Ciências Humanas e Naturais, de 12 de novembro de 2019	Remoção do Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL) do Departamento de Línguas e Letras (DLL) para a Secretaria do Centro de Ciências Humanas e Naturais (SEC/CCHN).  Aprovação do Regimento Interno do Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL).	
22	Relatório das atividades do Setor de Tradução e Interpretação em Libras – Ano: 2021	Atividades desenvolvidas pelo STIL.	2021

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Com base nesse conjunto documental (Quadro 1), elaboramos uma sequência cronológica de acontecimentos sobre a tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes. A seguir, discutimos esses acontecimentos compreendidos entre 2006 e 2021.

### **A tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes**

Para definir um espaço social que tem suas próprias políticas de controle por partes externas e internas, Spolsky (2016) utiliza a noção de *domínio*. Baseada nesse autor para se referir ao domínio em que investigou políticas de tradução e interpretação, Burgarelli (2022) identificou o Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) como um *domínio institucional*. Embora o Ifes seja um instituto educacional, a autora opta por considerá-lo “um domínio institucional, considerando que a tradução e a interpretação, nesse domínio, não se limitam a atividades educacionais” (BURGARELLI, 2022, p. 47). Da mesma forma e pelo mesmo motivo, assumimos a Universidade Federal do Espírito Santo, a Ufes, como um domínio institucional.

Fundada no ano de 1954, a Universidade do Espírito Santo — como a Ufes foi inicialmente chamada — reunia “a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Escola de Medicina, a Faculdade de Odontologia, a Escola de Música e a Escola de Belas Artes” (UFES, 2014, p. 13). A federalização dessa nova instituição veio a acontecer em 1961. Após a sua inclusão no Sistema Federal de Ensino, a Ufes passou a reunir as escolas de Educação Física, de Belas Artes e Politécnica, assim como também as faculdades de

Ciências Econômicas, de Direito, de Filosofia, Ciências e Letras, de Medicina e de Odontologia (UFES, 2014).

No decorrer dos anos de sua existência, a Universidade se expandiu e, atualmente, conta com quatro campi pelo estado do Espírito Santo. Dois deles em Vitória, capital do estado: (i) um em Goiabeiras, que sedia a Administração Central da instituição; (ii) outro em Maruípe, onde funciona a maioria dos cursos da área das Ciências da Saúde. Os outros dois campi estão localizados no interior do estado: (iii) um ao sul, no município de Alegre; (iv) outro ao norte, no município de São Mateus. De acordo com dados informados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2021–2030 (UFES, 2021, p. 22):

Atualmente, a Ufes oferece 101 cursos de graduação presencial, com um total de 5.015 vagas anuais. Na pós-graduação *stricto sensu*, possui 60 cursos de mestrado (49 acadêmicos e 11 profissionais) e 30 de doutorado. Na pós-graduação *lato sensu*, a Ufes oferece vários cursos em todas as áreas do conhecimento. Possui um quadro de 1.759 professores efetivos, 1927 técnicos-administrativos, cerca de 20 mil estudantes matriculados na graduação presencial e na modalidade a distância, e 3.311 mil na pós-graduação *stricto sensu*. Na pesquisa científica e tecnológica, a Ufes desenvolve cerca de 5 mil projetos em diferentes áreas do conhecimento; e na extensão universitária, realiza 850 projetos e programas com abrangência em todos os municípios capixabas, contemplando cerca de 2 milhões de pessoas.

É importante mencionar que a Ufes é a única universidade federal em todo o estado do Espírito Santo. Como tal, ela oferece diferentes serviços tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a sociedade. Além dos serviços oferecidos pelo Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (Hucam), o PDI registra que a Ufes disponibiliza “teatro, cinema, galerias de arte, centro de ensino de idiomas, bibliotecas, planetário e observatório astronômico, auditórios, ginásio de esportes e outras instalações esportivas, museu de história natural e hospital veterinário” (UFES, 2021, p. 22).

Como já mencionamos anteriormente, as últimas décadas registram um aumento exponencial de alunos surdos no Ensino Superior e a Ufes não fica de fora desse movimento de inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. Deste modo, com base em informações orais fornecidas por servidores da Universidade, tem-se conhecimento do ingresso de um aluno surdo na Licenciatura em Pedagogia no ano de 2006. Reconhecemos que esta não seria a primeira vez que a Ufes acolheria a matrícula de um estudante com surdez, mas o aluno surdo em questão tinha a Libras como primeira língua, requisitando, assim, a interpretação de suas interações durante o seu percurso acadêmico.

Vale destacar que a tradição em educação de surdos no Espírito Santo, segundo Vieira (2022), remonta à década de 1970, com a fundação da Escola Especial de Educação Oral e Auditiva. No entanto, de acordo com a autora, a partir do reconhecimento legal da Libras com a Lei nº 10.436, de 2002, e a regulamentação desse reconhecimento pelo Decreto nº 5.626, de 2005, a educação de surdos no estado se voltou para uma perspectiva bilíngue, incorporando a Libras como língua de instrução na escolarização de surdos. “Tal virada emerge com as práticas que estão voltadas para aquele sujeito surdo que se compreende como parte integrante de uma comunidade linguística e cultural específica baseada na utilização da Libras para se comunicar com a sociedade” (VIEIRA, 2022, p. 255-256).

Diante do acontecimento do ingresso do aluno surdo falante de Libras, o Centro de Educação da Ufes, responsável pela oferta do Curso de Pedagogia, disponibilizou bolsas a alunos de graduação com competência em interpretação de Libras e língua portuguesa para atuarem como *intérpretes-bolsistas*. Até o momento de escrita deste artigo, não localizamos registros documentais que contenham mais detalhes sobre essa estratégia adotada pela Universidade para suprir tal demanda de interpretação. Reconhecemos, contudo, que esse acontecimento pode ser melhor compreendido a partir de futuras pesquisas que contemplem a realização de entrevistas com servidores e alunos, surdos e ouvintes, envolvidos.

A partir de 2009, quando a Ufes comemorava seus 55 anos de fundação, um reflexo do ingresso da instituição no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) pode ser observado com o aumento da oferta de cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*, ampliando o número de matrículas (UFES, 2014). No mesmo ano, segundo Xavier e Silva (2020), começaram os primeiros concursos públicos, no âmbito da esfera administrativa federal, visando à contratação de profissionais tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa. Embora seja possível encontrar, nessa esfera, o cargo identificado como *Tradutor e Intérprete*, com nível de classificação E — o qual exige formação em nível superior —, os primeiros concursos públicos para contratação de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa em instituições federais de Ensino Superior ofereceram vagas para o

cargo identificado como *Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais*<sup>9</sup>. De acordo com Romeiro, Oliveira e Silvério (214, p. 2), trata-se de “um cargo técnico-administrativo em educação, com nível de classificação D, isto é, com exigência de formação em nível médio”. A despeito da problemática nomenclatura *linguagem de sinais* — que ao mesmo tempo destaca e deprecia a especificidade linguística do profissional —, esse cargo aparece como tal na Lei nº 11.091, de 2005, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais vinculadas ao Ministério da Educação.

Entendemos que esse cargo se tornou uma necessidade uma vez que o primeiro curso superior a formar tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa ofertado por uma instituição pública teve início em 2008. Trata-se do Bacharelado em Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que, com financiamento da Universidade Aberta do Brasil, foi “oferecido na modalidade a distância, com 15 polos, 450 vagas (30 vagas em cada polo) e duração de quatro anos” (LEMOS; CARNEIRO, 2021, p. 16). Isso significa compreender que, em 2009, não havia profissionais com formação superior em Tradução e Interpretação de Libras e língua portuguesa — ainda que existissem, assim como ainda existem, tradutores e intérpretes desse par linguístico com formação superior em outras áreas do conhecimento.

Nessa conjuntura, assim como outras instituições, a Ufes realizou seu primeiro concurso público para provimento do cargo de *Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais* em 2009. Do site institucional da Progep da Ufes, consta as seguintes informações sobre o referido cargo:

**REQUISITO DE QUALIFICAÇÃO PARA INGRESSO NO CARGO:**

- ESCOLARIDADE: Médio completo + proficiência em LIBRAS
- OUTROS:
- HABILITAÇÃO PROFISSIONAL.

**DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CARGO:**

Traduzir e interpretar artigos, livros, textos diversos bem [sic] idioma para o outro, bem como traduzir e interpretar palavras, conversações, narrativas, palestras, atividades didático-pedagógicas em um outro idioma, reproduzindo Libras ou na modalidade oral da Língua Portuguesa o pensamento e intenção do emissor.

Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

**DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES TÍPICAS DO CARGO**

---

<sup>9</sup> Sabemos da existência de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa que ocupam o cargo de *Tradutor e Intérprete*, nível E, em algumas instituições de Ensino Superior pelo Brasil, mas esse não é o caso da Ufes.

- Interpretação consecutiva:

Examinar previamente o texto original a ser traduzido/interpretado; transpor o texto para a Língua Brasileira de Sinais, consultando dicionários e outras fontes de informações sobre as diferenças regionais; interpretar os textos de conteúdos curriculares, avaliativos e culturais; interpretar as produções de textos, escritas ou sinalizadas das pessoas surdas.

- Interpretação simultânea

Interpretar diálogos realizados entre pessoas que falam idiomas diferentes (Libras e Português); interpretar discursos, palestras, aulas expositivas, comentários, explicações, debates, enunciados de questões avaliativas e outras reuniões análogas; interpretar discussões e negociações entre pessoas que falam idiomas diferentes (Libras e Português).

- Utilizar recursos de informática.

- Executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional.<sup>10</sup>

A partir desse primeiro concurso, dois candidatos ao cargo foram nomeados e lotados no Centro de Educação da Ufes, uma vez que as demandas de interpretação emergiam daquele Centro. Três anos após a nomeação dos dois primeiros servidores tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa da Universidade, um deles solicitou redistribuição para outra instituição. Dessa forma, em 2012, a Ufes contava com apenas um servidor efetivo no cargo em questão. Na medida em que as demandas de interpretação aumentavam, a instituição realizou um segundo concurso para contratação de mais tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa em 2013. Nessa ocasião, seis candidatos ao cargo foram nomeados. Meses depois dessa nomeação, a Ufes nomeou mais um servidor para o cargo entre os candidatos aprovados do mesmo concurso público.

Desse modo, em 2014, a Ufes contava com um total de oito tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa no quadro de servidores efetivos. Naquele período, esses profissionais estavam distribuídos em diferentes instâncias da Universidade: dois atuavam para atender às demandas do Centro de Educação; quatro deles passaram a atender demandas do Departamento de Línguas e Letras, do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN); e outros dois estavam locados no Núcleo de Acessibilidade da Ufes (Naufes), órgão vinculado à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci). Pouco tempo depois, o Centro de Educação cedeu seus dois tradutores e intérpretes para a Proaeci, reconfigurando a lotação dos servidores nessas instâncias.

É importante mencionar que o Curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, ofertado pelo CCHN da Ufes, foi concebido e criado no ano de 2013, e teve a sua primeira turma iniciada no primeiro semestre letivo de 2014. Nesse contexto,

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://progep.ufes.br/cargo-d-tradutor-e-interprete-de-linguagem-de-sinais>. Acesso em: 3 set. 2022.

o Departamento de Línguas e Letras, que é o órgão em que os professores desse curso estão lotados, passou a contar com um docente surdo que tem a Libras como primeira língua, o que tornou a tradução e a interpretação uma necessidade no exercício de suas atividades na instituição. Aqui, um ponto precisa ser ressaltado: até 2013, as atividades de tradução e de interpretação na Ufes eram consideradas tendo em vista a presença de alunos surdos em situações educacionais; em 2014, essas atividades se expandem para contextos de tradução e interpretação envolvendo a atuação profissional de uma pessoa surda. Ou seja, mais do que interpretar aulas e outras atividades acadêmicas, bem como do que traduzir textos para fins de aprendizagem, agora os tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa da Ufes passavam a interpretar reuniões de professores e a traduzir documentos de ordem da administração do trabalho docente e textos para fins de ensino.

Ainda em 2014, foram realizados mais dois concursos. Dessa vez, para atender as demandas de tradução e interpretação do campus de São Mateus. Esses concursos possibilitaram a nomeação de dois *tradutores e intérpretes de linguagem de sinais*, que passaram a compor o quadro de servidores efetivos do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. É válido destacar que, no mesmo ano, a discussão sobre atuação, cargos e carreira desses profissionais foi alvo do I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais, realizado na UFSC. Como um dos resultados da discussão, segundo Goulart e Bonin (2021, p. 16-17), uma moção foi encaminhada “para a Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2014), solicitando adequação do enquadramento funcional, no plano de carreira do tradutor e intérprete de Libras – cargo de nível ‘D’ para cargo de nível ‘E’”.

Um quinto e último concurso foi realizado pela Ufes em 2015, o qual ofertava duas vagas para o cargo de nível D. As nomeações aconteceram no ano seguinte, sendo que um servidor foi lotado no campus de Alegre, no sul do estado, e outro, no Naufes do campus de Goiabeiras, na capital. No ano de 2017, um dos servidores do quadro geral de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa da Ufes foi exonerado para assumir outro cargo inacumulável. Para a sua vaga, um dos candidatos aprovados no último concurso foi nomeado, sendo lotado no Naufes do campus de Goiabeiras. Assim, sobe para 12 o total de servidores que atuam com a tradução e a interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes. É interessante observar que o servidor exonerado em 2017 foi um dos aprovados no primeiro concurso em 2009. Desse modo, os dois primeiros servidores

efetivos a ocupar o cargo de *tradutor e intérprete de linguagem de sinais* da universidade não estão mais vinculados a ela. Isso pode ser interpretado como um efeito das condições disponíveis para essa carreira no âmbito da administração pública federal.

Um terceiro marco possível de ser observado na história recente da tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes se inicia em 2018. Isso porque a disposição dos servidores que realizam essas atividades no campus de Goiabeira foi remodelada, de modo que todos os nove profissionais nesse campus passaram a ser lotados no Departamento de Línguas e Letras (DLL) do CCHN, no que passou a ser identificado como Núcleo de Tradução em Libras. Posteriormente, uma segunda remoção coletiva aconteceu em 2019. Com as mudanças na gestão do CCHN, os tradutores e intérpretes passaram a integrar a Secretaria (SEC) do CCHN. Com isso, o Núcleo de Tradução em Libras se tornou o Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL), tornando-se responsável pelas atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa por todo o campus de Goiabeiras.

Não identificamos, nos documentos que evidenciam a remoção dos servidores para o mesmo Departamento ou para a SEC/CCHN, justificativas que explicitassem as razões para esses deslocamentos coletivos. Ainda assim, entendemos que o agrupamento pode ter sido mobilizado pela necessidade de concentração dos esforços em uma equipe unificada de servidores que desempenham as mesmas atividades no âmbito da instituição. Argumentamos que tal movimento pode ser compreendido como resultado de uma política de tradução tal como definida por Meylaerts (2011): um conjunto de normas que regulam a tradução em um domínio público. Nesse caso, compreendemos que a decisão de reunir os profissionais em um mesmo setor e a alteração de sua distribuição, com base em um aparato normativo de um domínio institucional, geram efeitos na organização do trabalho dos tradutores e intérpretes da Ufes.

É importante demarcar que, no mesmo ano de 2019, foi sancionado o Decreto nº 10.185, que extingue alguns cargos e veda a abertura de concurso público e o provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica. A partir desse Decreto, torna-se extinto o cargo de *Tradutor e Intérprete*, de nível E, efetivo vago ou que vier a vagar do quadro permanente do pessoal da administração pública federal, inviabilizando que novos profissionais tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa, com formação superior na área, assumam cargo público na esfera federal. O Decreto também veda a abertura de concurso público e o provimento de vagas adicionais para o cargo de *Tradutor*

e *Intérprete de Linguagem de Sinais*, de nível D, impedindo que mais servidores como os tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa da Ufes assumam esse cargo. Entendemos que esse acontecimento não apenas impacta na qualidade dos processos de inclusão de pessoas surdas em instituições federais de Ensino Superior, como também oferece condições para a precarização da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa nessas instituições — algumas das quais se veem tendo que submeter esse trabalho à terceirização.

No ano de 2019, o Regimento Interno do STIL foi aprovado no Conselho Departamental do CCHN<sup>11</sup>. Desse modo, o Setor passou a contar com coordenação e vice-coordenação para organizar o fluxo de demandas de tradução e interpretação. No site institucional do CCHN há um conjunto de abas destinadas ao STIL<sup>12</sup> onde é possível ter acesso a um relatório anual de atividades correspondente ao ano de 2021. O documento menciona, dentre outras atividades, as diferentes produções em vídeo — como tradução de editais, chamadas, comunicados, legislações e outros documentos — que são publicadas no canal do STIL no YouTube<sup>13</sup>. Além das traduções, o canal do Setor também conta com produções relativas a um projeto que visa à aproximação do público da Ufes a questões relacionadas com a Libras e a inclusão de alunos surdos na Universidade. Isso evidencia que o STIL não apenas atua nas atividades de tradução e interpretação, mas também assume um compromisso com a conscientização acerca da inclusão das pessoas surdas.

O relatório também destaca que o Setor traduz o conteúdo integral veiculado pela TV Ufes, da Superintendência de Comunicação da Universidade. Sobre as atividades de interpretação realizadas, o relatório ainda menciona o atendimento a quatro cursos de graduação, compreendendo cerca de 53 disciplinas; dois cursos de pós-graduação, compreendendo 15 disciplinas; reuniões semanais de dois grupos de estudos e pesquisas; e eventos transmitidos on-line — considerando que, naquele ano, a Ufes ainda realizava atividades remotas em cumprimento às medidas de biossegurança de enfrentamento à pandemia de Covid-19. Não há afirmação, no relatório, de qual atividade é a mais desenvolvida pelo Setor. De acordo com Rodrigues e Santos (2018, p. 10), nos “contextos

---

<sup>11</sup> Para a construção de uma primeira proposta de Regimento, uma comissão especial foi formada por dois docentes do DLL, dois servidores tradutores e intérpretes, pela coordenação do Naufes e por dois discentes do Curso de Letras-Libras da Ufes.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://cchn.ufes.br/quem-somos>. Acesso em: 3 set. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/SetordeTradu%C3%A7%C3%A3oemLibrasUFES>. Acesso em: 3 set. 2022.

educacionais a necessidade da interpretação de/para língua de sinais é bem maior que a de tradução”. Diante disso, consideramos que a interpretação em aulas de graduação gerou maior número de atendimentos, levando em conta o número de estudantes e de disciplinas mencionado. Por fim, os servidores atuantes no Setor, segundo o relatório, também participam de atividades de pesquisa e extensão e, individualmente, estão vinculados a pelo menos seis grupos de pesquisa da Ufes e de outras universidades federais do Brasil — evidenciando o interesse dos servidores de aprimoraram sua formação acadêmica e profissional.

Até aqui, é possível dizer que a história recente das atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes pode ser sistematizada em pelo menos três grandes marcos: (i) a emergência de *intérpretes-bolsistas*, alunos da graduação com competência em interpretação, a partir do ingresso de um estudante surdo falante de Libras em 2006; (ii) a formalização profissional dessas atividades por meio da contratação de servidores via concurso público a partir de 2009; e (iii) o agrupamento dos servidores que atuavam com essas atividades no campus de Goiabeiras em um único setor a partir de 2018, fortalecendo as ações de tradução e interpretação no âmbito da instituição.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos documentar a história recente das atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes, a única universidade federal do estado do Espírito Santo. Para alcançarmos esse objetivo, desenvolvemos uma pesquisa a partir de um conjunto de documentos composto por editais, publicações no DOU, atas, portarias e relatórios institucionais, assim como de algumas informações orais fornecidas por servidores da Universidade. De posse desse material, foi possível elaborar uma linha do tempo com os principais acontecimentos do período compreendido entre 2006 e 2021 (Quadro 1).

Evidenciamos que a emergência das atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa na Ufes decorre do ingresso de estudantes surdos que têm a Libras como primeira língua em cursos de graduação e pós-graduação. Isso evidencia a estreita relação de interdependência que as práticas de tradução e interpretação desse par linguístico têm com o povo surdo. O início e o aumento da contratação de servidores para realizarem esse trabalho via concurso público demarcam um movimento de formalização do processo de profissionalização dessas atividades na instituição. Por sua vez, o

agrupamento desses servidores e o surgimento do STIL configuram um movimento de fortalecimento dessas práticas no âmbito da Ufes.

Precisamos destacar que não entendemos que todos esses movimentos documentados aconteceram sempre de forma tranquila ou harmônicas. Assim como acontece em outras instituições, a construção de um espaço de atuação de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa envolve tensionamentos políticos, institucionais e culturais. Ao discutirem esse processo no âmbito da Universidade Federal de Pelotas, Goulart, Santos e Porto (2021, p. 43) afirmam ele acontece “em meio a constantes lutas e tensionamentos pela busca de reconhecimento, valorização e adequadas condições de trabalho dentro da instituição”.

Nesse sentido, consideramos que tornar evidente a história das atividades de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa em uma determinada instituição, mesmo que seja uma história recente ou curta, constitui um esforço para tornar visível o desenvolvimento de políticas de tradução e de interpretação desse par linguístico. Recuperando as palavras de Venuti (2021) que abrem este artigo, compreendemos que esse empreendimento compreende um gesto para tornar visíveis tradutores e intérpretes. Um gesto que pode tornar possível estabelecer críticas ao que passou e pensar em possibilidades para o que ainda vem. Por fim, reforçamos a importância de que outras investigações como esta se ocupem de expandir o conhecimento sobre a história da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa ou de outras línguas de sinais faladas no Brasil, considerando não apenas o acesso a registros documentais, mas também a narrativas de protagonistas ou testemunhas dessa história.

## Referências

ANATER, Gisele Iandra Pessini; PASSOS, Gabriele Cristine Rech dos. Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminhos de formação. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 207-236, 2018.

BRASIL. Governo Federal. *Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Diário Oficial da União. Brasília (DF), 1º de setembro de 2010.

BRITO, Fábio Bezerra de. *Movimento social surdo e luta pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais*. Curitiba: CRV, 2021.

BURGARELLI, Eliana Firmino. *Gestão da tradução e da interpretação de Libras e língua portuguesa no Instituto Federal do Espírito Santo*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística (Ufes), 2022.

DELISLE, Jean. História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de *software* multimídia e multilíngue. Trad. Fernando Afonso de Almeida. *Gragoatá*, Niterói, n. 13, p. 9-21, 2002.

ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. A História do Tempo Presente: reflexões sobre um campo historiográfico. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão, v. 12, n. 1, p. 13-27, 2021.

ESDRAS, Dirceu; GALASSO, Bruno. *Panorama da educação de surdos no Brasil: ensino superior*. Rio de Janeiro: INES, 2017.

FRISHBERG, Nancy. *Interpreting: An Introduction*. Revised Edition. Alexandria: RID Publications, 1990.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOULART, Daiana San Martins; BONIN, Iara Tatiana. Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: uma perspectiva histórica da profissão. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 34, p. 1-21, 2021.

GOULART, Daiana San Martins; SANTOS, Juliana Sanches dos; PORTO, Nádia dos Santos Gonçalves. Um breve histórico sobre a Seção de Tradutores e Intérpretes de Libras da Universidade Federal de Pelotas. *Revista de Acessibilidade e Inclusão no Ensino Superior*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 36-49, 2021.

HOLMES, James Stratton. The name and nature of translation studies [1972]. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000. p. 172-185.

LEAHY, Anne. *Interpreted Communication with Deaf Parties under Anglo-American Common Law to 1880*. Dissertação de mestrado. Master's in Professional Communication (SUU), 2015.

LEMOES, Glauber de Souza; CARNEIRO, Teresa Dias. Panorama histórico de cursos de formação de tradutores-intérpretes de língua brasileira de sinais/língua portuguesa. *Belas Infêis*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1-36, 2021.

McDONNELL, Patrick. Deficiência, surdez e ideologia no final do século XX e início do século XXI. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 777-788, 2016.

MEYLAERTS, Reine. Translation policy. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (Eds.). *Handbook of Translation Studies*. v. II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 163-168.

PINILLA, José Antonio Sabio. A metodologia em história da tradução: estado da questão. Trad. Paulo Henrique Pappen *et al.* *Belas Infieis*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017.

PINILLA, José Antonio Sabio. A história da tradução do Brasil: questões de pesquisa. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 13-31, 2020.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais? *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-21, 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana Aguiar dos. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-29, 2018.

ROMEIRO, Sônia Aparecida Leal Vítor; OLIVEIRA, Isabella Noceli de; SILVÉRIO, Carla Couto de Paula. O trabalho do tradutor e intérprete de Libras-português nas universidades federais brasileiras. *IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014, n.p.

SPOLSKY, Bernard. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. Trad. Paloma Petry. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 14, n. 26, p. 451-473, 2016.

STIL. *Relatório das atividades do Setor de Tradução e Interpretação em Libras*. Vitória: Ufes, 2021.

THOMA, Adriana da Silva; KRAEMER, Graciele Marjana. *A educação de pessoas com deficiência no Brasil: políticas e práticas de governmentação*. Curitiba: Appris, 2017.

UFES. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2021–2030*. Vitória; Alegre; São Mateus: Ufes, 2021.

UFES (Org.). *UFES, 60 anos*. Vitória: Edufes, 2014.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. Trad. Laureano Pellegrino *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, p. 6-16, 1998.

VIEIRA, Eliane Telles de Bruim. *Práticas pedagógicas na educação de surdos: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação (Ufes), 2022.

VILAÇA-CRUZ, Renata Cristina. O mercado de trabalho de intérpretes e tradutores de língua brasileira de sinais e língua portuguesa: identidade e profissionalização. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41, n. esp. 2, p. 202-222, 2021.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WITCHES, Pedro Henrique. Tradução e interpretação de língua de sinais como política linguística para surdos. *Revista Percursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 21, p. 133-144, 2019.

WITCHES, Pedro Henrique; MORAIS, Samuel de Oliveira. Interpretação de língua de sinais no Brasil de 1907 a 1959. *Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 1-20, 2021.

XAVIER, Abner Silva; SILVA, Michele Oliveira da. Profissional intérprete e tradutor em língua brasileira de sinais na educação profissional e tecnológica federal. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 5, p. 1-18, 2020.

**BACHARELADO EM LETRAS: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO  
DE LIBRAS/PORTUGUÊS DA UFG: CONCEPÇÕES DOS  
CONCLUINTE E EGRESSOS SOBRE O CURSO**

**BACHELOR'S DEGREE IN LETTERS: TRANSLATION AND  
INTERPRETATION OF LIBRAS/PORTUGUESE AT UFG:  
CONCEPTIONS OF STUDENTS AND GRADUATES ABOUT THE  
COURSE**

Lívia Alves Duarte<sup>1</sup>

Juliana Guimarães Faria<sup>2</sup>

Diego Maurício Barbosa<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como tema a formação de tradutores e intérpretes de Libras/português. As perguntas que nortearam o estudo foram: Qual a visão dos egressos e dos concluintes sobre sua formação no curso ofertado pela UFG? Quais percepções desses alunos poderiam agregar melhores práticas no curso? E para respondê-las, traçou-se o objetivo de identificar a visão dos egressos e dos concluintes sobre a formação recebida, discutindo suas percepções sobre o curso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (ESTEBAN, 2010) e a coleta de dados se deu por meio de um questionário com perguntas abertas e perguntas fechadas. Após a coleta e análise dos dados, conclui-se que a formação ofertada possui elementos positivos e elementos a serem melhorados, como a possibilidade de experiências práticas durante a formação.

**Palavras-chave:** Formação. Libras. Tradução. Interpretação.

**Abstract:** This article has as its theme the training of translators and interpreters of Libras/Portuguese. The questions that guided the study were: What is the view of former students and graduates about their training in the course offered by UFG? What are the perceptions of these students that could add better practices in the course? And to answer them, the objective was set to identify the vision of graduates and completers about the training offered by the course of Letters: Translation and Interpretation in Libras/Portuguese and discuss the perception of graduates and completers about the course of Letters: Translation and Interpretation in Libras/Portuguese at UFG. The study was a qualitative research (ESTEBAN, 2010, p. 127) and data were collected using a questionnaire with open and objective questions. After collecting and analyzing the data, it was concluded that the training offered has positive elements and elements to be improved, such as the possibility of practical experiences during training.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras e Linguística/UFG e Graduação em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português, Universidade Federal de Goiás, liviaduarte@discente.ufg.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Universidade Federal de Goiás, julianagf@ufg.br.

<sup>3</sup> Doutor em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Goiás, diego.barbosa@ufg.br.

**Keywords:** Training. Libras. Translation. Interpretation.

## **Introdução**

A Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio da Faculdade de Letras, oferece o curso de *Letras: Libras*, na modalidade de licenciatura, que tem por objetivo formar professores de Libras, e, também, o curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português*, na modalidade bacharelado, que tem por objetivo formar tradutores e intérpretes de Libras e português. O curso de licenciatura completou dez anos em 2019, visto que iniciou suas atividades em 2009, e o curso de bacharelado, iniciado em 2014, completou, em 2019, cinco anos. Desde o início da oferta do curso na modalidade bacharelado, mais de 30 alunos já concluíram e obtiveram o diploma para poder atuar como profissional tradutor e intérprete de Libras e português.

Este estudo está voltado para a formação deste profissional bacharel, especificamente, para a visão que tradutores e intérpretes egressos e concluintes, à época da pesquisa, têm sobre o curso ofertado e o seu processo de formação. Essa formação de nível superior ainda é recente no Brasil (FARIA; GALÁN-MANÃS, 2018; RODRIGUES, 2019), tendo sido estimulada pelo Decreto, de 2011, do *Programa Viver Sem Limites* (BRASIL, 2011). Após este Programa, algumas universidades brasileiras iniciaram a oferta deste curso e se faz necessário compreender de que maneira ele tem sido percebido pelos que nele se formaram.

Rodrigues (2019) aponta, em seu estudo, que cursos de formação, como este, possuem uma característica generalista para as demandas que o mercado de trabalho apresenta, fazendo-se necessários estudos que discutam sobre a formação ofertada e, sobretudo, que escutem os profissionais que neles atuam. Dito isto, as questões que nortearam a realização deste estudo foram: Qual a visão dos egressos e dos concluintes sobre sua formação no curso ofertado pela UFG? Quais percepções desses alunos poderiam agregar melhores práticas ao curso?

## **Desenvolvimento**

Atualmente, no Brasil, a oferta do curso superior voltado para tradutores e intérpretes do par linguístico Libras e português está presente em nove universidades públicas. Segundo Silva e Vasconcellos (2019, p. 120), “inicialmente, a compreensão de como um tradutor era constituído perpassava a noção de aquisição natural de uma habilidade que alguns tinham e que era aprimorada ao longo da vida, no cotidiano das relações”. Com o decorrer do tempo, o desenvolvimento de pesquisas e a busca pela solidificação da profissão, essa visão vem passando por mudanças e os profissionais atuais já buscam uma formação para além de cursos livres ou somente o aprendizado da língua por meio de contato com falantes nativos, no caso da Libras, os surdos.

Com essa demanda emergente, visto o prazo de dez anos estipulado pelo Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005), universidades começaram a ofertar o curso na graduação, voltado para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais brasileira e português. Com esses movimentos acontecendo, no ano de 2014, a Faculdade de Letras da UFG, passou a ofertar o curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português*, sendo necessário, para o ingresso na primeira turma, ser aprovado na prova de Verificação de Habilidades e Conhecimentos Específicos (VHCE), como forma de comprovação de que o candidato já possuía conhecimento prévio de Libras (UFG, 2013). Nos dias atuais, para ingressar no curso, não é mais necessário realizar a prova de VHCE.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), essa graduação tem como objetivo proporcionar aos discentes uma formação que envolva reflexões acerca das práticas de tradução e interpretação do par linguístico Libras-português, desenvolvendo, no decorrer do curso, o domínio das duas línguas e técnicas inerentes à profissão, para conseguir atuar em contextos diversos (UFG, 2017), indo ao encontro de Pires e Nobre (2001, p. 100), quando afirmam que

Interpretar não é tarefa das mais fáceis, pois não se refere a um ato mecânico, não basta substituir palavras da língua A por equivalentes na língua B. Dentre tantas exigências e questionamentos colocados ao ato de interpretar está a possibilidade ou não de haver fidelidade no momento da interpretação. Deve-se considerar que interpretação fiel não significa interpretação literal, pois esta última torna-se impossível, na medida em que não existem línguas estruturalmente idênticas, de modo que haja equivalência absoluta entre seus enunciados.

Essa formação de apenas quatro anos não prepara completamente o futuro profissional para todas as adversidades que irá encontrar, mas é essencial para se atuar profissionalmente, após a conclusão do curso. Conforme afirma Rodrigues (2010, p. 6), “considera-se que a formação é um aspecto essencial ao ILS<sup>4</sup> e precisa ser ao mesmo tempo ampla e profunda, ainda mais diante de uma crescente indústria da interpretação”.

Segundo o PPC<sup>5</sup>, o currículo da graduação em tradução e interpretação, na UFG, conta com uma carga horária total de 3.160 horas, sendo divididas entre: núcleo comum (384h), núcleos específicos obrigatórios (1.920h), núcleos específicos optativos (128h), núcleos livres (128h), atividades complementares (200h) e práticas como componentes curriculares (400h) (UFG, 2018, p. 31). Segundo Apple (1994, p. 59),

O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.

Rodrigues (2019, p.147) corrobora a afirmação de Apple (1994) de que “todos os cursos organizam-se em torno da formação generalista, capaz de atender à demanda imediata e diversa do mercado e de se aperfeiçoar para lidar com campos de atuação que exigem certa especialização”. Logo, apesar da graduação ser essencial na busca do conhecimento a ser adquirido pelo aluno, o próximo do ideal seria esse discente ir em busca de uma formação complementar, de acordo com a área na qual pretende atuar profissionalmente, procurando, por exemplo, pós-graduações específicas, caso esse aluno deseje se especializar em alguma área de atuação específica de sua preferência ou conforme sua necessidade profissional.

Dito isto, o objetivo deste estudo foi o de identificar a visão dos egressos e dos concluintes sobre a formação ofertada no curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português*, discutindo suas percepções sobre o curso.

---

<sup>4</sup> ILS: Intérpretes de Língua de Sinais.

<sup>5</sup> Para informações detalhadas com relação as disciplinas ofertadas no curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português da Universidade Federal de Goiás, consultar em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/461/o/Resolucao\\_CEPEC\\_2018\\_1574.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/461/o/Resolucao_CEPEC_2018_1574.pdf). Ainda, para mais análises sobre o currículo do curso de UFG, consultar as publicações de Faria; Galán-Mañas (2018) e Rodrigues (2019), que fazem uma análise dos componentes curriculares do curso ofertado na UFG, em comparação à outras instituições.

## Metodologia

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, para Esteban (2010, p. 127),

a pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

A pesquisa qualitativa foi utilizada para tentar identificar e discutir a visão dos egressos e dos concluintes do curso de graduação bacharelado *em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da Faculdade de Letras da UFG.

Para atingir os objetivos aqui propostos, a coleta de dados se deu por meio de um questionário que continha perguntas abertas e perguntas fechadas, estruturado no aplicativo *Google Forms*, sendo o universo da pesquisa todos os egressos e os concluintes do curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e a amostra da pesquisa todos aqueles que aceitaram participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam ao questionário de forma livre e gratuita. O questionário, conforme Marconi e Lakatos (2001), permite atingir uma grande quantidade de pessoas, contudo, deve ser elaborado com muito cuidado e atenção aos objetivos da pesquisa.

O questionário iniciava indagando o ano de ingresso e o ano de conclusão de cada aluno, depois questionava sobre o nível de fluência da língua brasileira de sinais de acordo com a sua autopercepção, atribuindo-se valores de 0 a 10 a cada item, sendo 0 nenhum conhecimento da língua e 10 para completamente fluente. As perguntas foram formuladas de maneira que os respondentes pudessem dissertar de forma mais livre possível nas respostas.

Após a elaboração inicial do questionário, ele foi enviado para uma aluna ingressante do curso, no ano de 2017, como forma de validação do instrumento de coleta de dados, para identificar possíveis erros e adaptações necessárias. A escolha dessa aluna foi baseada em dois fatores: primeiro, a pesquisa é voltada para egressos e concluintes e, como a coleta de dados foi realizada no ano de 2021, esta aluna, no referido ano, ainda não estaria concluindo a graduação, logo, não alteraria a amostra da pesquisa; segundo,

porque à época, ela já trabalhava na área de tradução e interpretação há vários anos e é fluente na língua brasileira de sinais.

Posteriormente à devolutiva das respostas da aplicação-teste, o questionário foi revisado, estruturado e enviado para todos os que compunham o universo da pesquisa, por meio de *e-mails*, contendo o *link* do formulário. Recebida a devolutiva dos questionários respondidos, foi feita a junção dos dados, apresentada no próximo tópico.

### **Análise dos dados**

Os dados foram analisados conforme Bardin (2016), em que a análise de conteúdos está em busca de averiguar aquilo que está além das palavras que se analisa naquele dado momento. Nesta pesquisa busca-se identificar a visão dos egressos e dos concluintes sobre a formação ofertada no curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português*, discutindo-se suas percepções sobre o referido curso, como forma de contribuir para a reflexão e discussão do curso.

A seguir, são apresentados os dados e as discussões com base nas respostas às questões do questionário enviado para o universo da pesquisa. A amostra da pesquisa é composta por oito participantes, sendo um ingressante no ano de 2014, um ingressante no ano de 2015, três ingressantes no ano de 2016 e três ingressantes no ano de 2017. Quanto ao ano de conclusão do curso, a amostra está assim distribuída: um, em 2017; dois, em 2019; um, em 2020; e quatro, em 2021. Conforme mostra o Quadro 01:

Quadro 1 – Ano de Ingresso e de Conclusão dos participantes da amostra da pesquisa

<b>Ano de Ingresso</b>	<b>Amostra</b>		<b>Ano de Conclusão</b>	<b>Amostra</b>
2014	1		2017	1
2015	1		2019	2
2016	3		2020	1
2017	3		2021	4
<b>Total de participantes:</b>	<b>8</b>		<b>Total de participantes:</b>	<b>8</b>

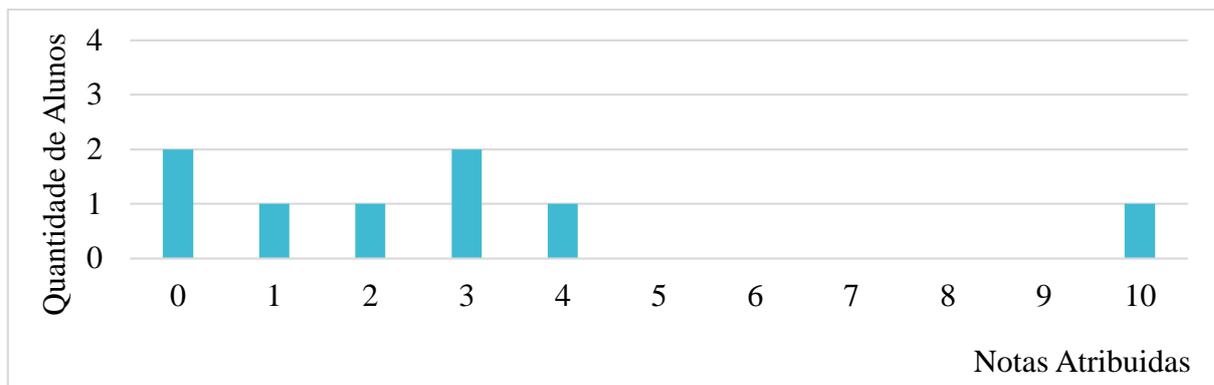
Elaboração: os autores.

No decorrer desta pesquisa os participantes serão apresentados pela letra “P” seguida de um número de um a oito, de forma que não seja possível a identificação da identidade das pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

Foram questionados sobre qual nota eles acreditavam que demonstrasse a sua

proficiência em Libras antes de ingressar no curso, sendo 0 para nenhum conhecimento e 10 para completamente fluente na língua. As respostas obtidas foram: duas pessoas alegaram não ter nenhum conhecimento (nota zero), uma participante deu nota 1, um deu nota 2, dois deram nota 3, um deu nota 4 e apenas uma pessoa acredita ser completamente fluente e assinalou nota 10. Conforme ilustrado:

Quadro 2 – Notas atribuídas pelos participantes de acordo com a sua percepção de proficiência na Libras antes de ingressar no curso



Elaboração: os autores.

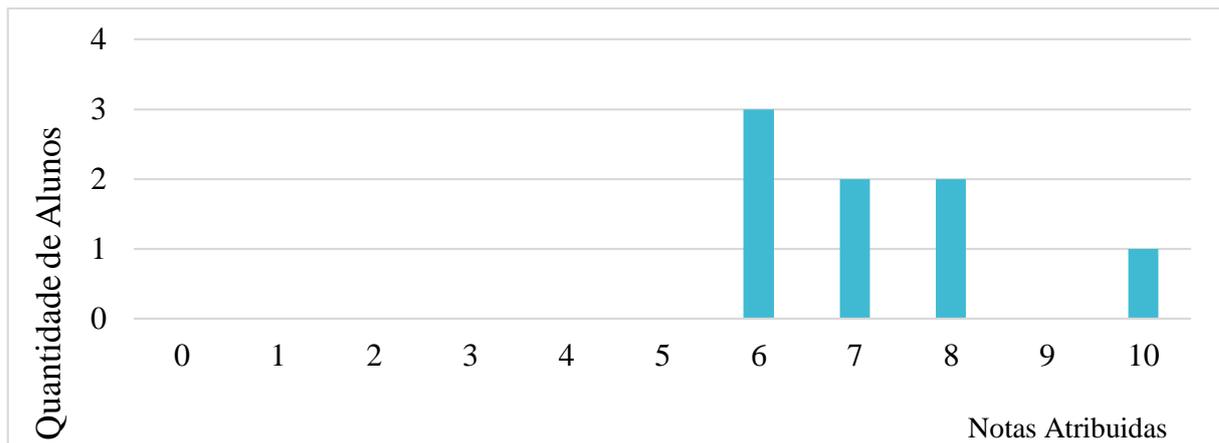
Essa diversidade de notas atribuídas sobre o nível de conhecimento da Libras pode ser justificada devido ao fato de que, atualmente, qualquer pessoa que se interesse pelo curso pode ingressar nesta formação e a partir das práticas no decorrer da graduação adquirir o conhecimento linguístico e técnico para ser um tradutor e intérprete de Libras e português. Quando essa formação de nível superior foi ofertada pela primeira vez no Brasil à nível superior, na Universidade Federal de Santa Catarina, o curso era voltado para profissionais que já atuavam na área, mas que queriam obter uma formação com aporte legal, logo, todos os alunos do curso já adentravam à universidade sabendo Libras e português (UFSC, 2022).

Atualmente, essa não é mais a realidade, para ingressar no curso de formação para tradutores e intérpretes de Libras-português da UFG, por exemplo, não é mais necessário comprovar a proficiência na língua brasileira de sinais. Esse fator abre a possibilidade de que qualquer pessoa que tenha interesse pelo curso possa se matricular mesmo sem conhecimento algum de uma das línguas envolvidas (UFG, 2017). Essa mudança de pré-requisito pode acarretar a disseminação dessa língua e promover um aumento da comunidade surda, pois quando se é cobrado um conhecimento preexistente de uma

determinada língua para se ingressar em um curso de graduação, isto acaba por criar uma barreira de procura devido à necessidade prévia do conhecimento linguístico.

Para complementar a pergunta anterior, os participantes foram questionados sobre que nota eles acreditavam que demonstrasse a sua proficiência em Libras ao concluir o curso. As respostas obtidas foram: três pessoas deram nota 6, duas deram nota 7, duas deram 8 e uma deu nota 10. Conforme ilustrado:

Quadro 3 – Notas atribuídas pelos participantes de acordo com a sua percepção de proficiência na Libras ao concluir o curso



Elaboração: os autores.

Logo, isso demonstra que os participantes que adentraram ao curso sem ter o conhecimento prévio da língua, mesmo após a conclusão, não se sentem completamente proficientes na língua, o que vai ao encontro do que afirma Nogueira e Santos (2018, p. 102): “Mesmo com o crescimento em relação à formação de intérpretes de Libras/Português nas universidades nos últimos anos, tal formação ainda é insuficiente para atingir toda a comunidade e as demandas em relação à atuação dos intérpretes”.

De acordo com o PPC, o curso tem uma carga horária de 576h de disciplinas práticas da língua brasileira de sinais, sem considerar as disciplinas voltadas para técnicas sobre o ato de traduzir e interpretar, pois se entende que estas disciplinas devem ser voltadas para o par linguístico envolvido no curso e não somente para uma das línguas. Mesmo após o aluno ter 576 horas de disciplinas práticas de Libras e ainda assim não se sentir contemplado completamente pelo conhecimento da Libras, como este aluno está se sentindo sobre seu conhecimento do Português? Vale lembrar que este profissional será tradutor-intérprete de duas línguas, logo, ele deve ter conhecimento delas com excelência.

Ainda de acordo com PPC do curso, a carga horária de disciplinas específicas voltadas para o português é de 128 horas, discrepância substancial se comparada à carga horária das disciplinas práticas de Libras.

Questionados sobre as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes no decorrer do curso, as respostas de sete participantes foram positivas, mas com a ressalva de que, assim como ocorre em diversos outros cursos, precisam ser adaptadas e aprimoradas com o decorrer do tempo. Apenas um participante afirmou não ter gostado. Conforme apontado nos excertos: P2 afirma que *“tivemos vários professores novos que eram intérpretes e não tinham experiência com sala de aula, mas que foram melhorando com o tempo”*; P4 concorda que *“todos se esforçam e apresentam recursos didáticos tentando trazer a melhor compreensão tanto da Libras como da área de atuação profissional, mas sempre tem coisas a se aprimorar”*.

Ainda sobre a experiência vivenciada no curso, quando questionados sobre qual a disciplina julgaram ser a que mais contribuiu para sua formação, todos os participantes apontaram as disciplinas práticas: *“as disciplinas práticas de interpretação nas quais traduzimos vários vídeos em sala de aula”* (P2); *“as disciplinas de prática em Libras nos primeiros semestres”* (P3); *“Tradução em diferentes contextos, Técnica vocal na interpretação, Laboratório e Estágio foram as principais onde eu pude praticar tudo o que eu já tinha aprendido e ainda estava aprendendo”* (P6). Contudo, além de apontarem as disciplinas práticas, também, afirmaram acharem relevantes disciplinas teóricas como forma de complementar o aprendizado, concordando com as autoras Duarte, Vilaça-Cruz e Faria (2021, p. 15), ao afirmarem que *“o próximo do ideal seria uma formação acadêmica com equilíbrio entre teoria e prática, levando à práxis”*.

Após apontarem suas considerações sobre a disciplina que julgavam mais importante, os participantes foram questionados se havia alguma disciplina que julgavam ser desnecessária no decorrer do curso. Cinco dos participantes acreditavam que todas as disciplinas cursadas foram necessárias, entretanto, três participantes apontaram que algumas disciplinas deveriam ser repensadas ou até seriam desnecessárias, dentre elas, as disciplinas apontadas foram: *Escrita de sinais*<sup>6</sup> e *Princípios de estudos literários*<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> De acordo com a PPC do curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da UFG, a disciplina *Escrita de sinais* tem a carga horária total de 64 horas, sendo 20 horas teóricas e 44 horas práticas, e faz parte do Núcleo Específico de natureza obrigatória (UFG, 2018, p. 14).

<sup>7</sup> De acordo com a PPC do curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da UFG, a disciplina *Princípios de estudos literários* tem a carga horária total de 64 horas, sendo 40 horas teóricas e 24 horas práticas, e faz parte do Núcleo Comum de natureza obrigatória (UFG, 2018, p. 13).

conforme os excertos, a seguir: “*A disciplina de literatura não vejo muito sentido*” (P2); “*não acredito que seja necessário nos aprofundarmos em uma escrita que não é oficialmente parte da comunidade surda*” (P6); “*as disciplinas: princípios de estudos literários... para mim deveria ser repensado*” (P8).

Na disciplina de *Escrita de sinais*, são abordados conceitos gerais sobre a escrita de línguas de sinais, ensinando o básico do sistema de escrita das línguas de sinais, no caso, o sistema ELiS<sup>8</sup>, tem como foco o ensino deste sistema de escrita para que os alunos consigam fazer um registro escrito dos sinais que foram e estão sendo aprendidos no decorrer da graduação. Na disciplina de *Princípios de estudos literários*, são abordados os conceitos básicos da literatura, com foco nos gêneros e períodos literários, podendo essa disciplina servir de apoio para aqueles alunos que pretendem, futuramente, se dedicar às traduções e interpretações desse gênero textual, que tem diferenças significativas com relação aos demais, apresentando, parte das vezes, uma forma de linguagem mais lúdica e metafórica.

No quesito de conteúdos estudados, os participantes foram questionados se haveria algum conteúdo que não foi abordado no decorrer do curso e que eles julgavam que seria importante acrescentar. Dentre as respostas, dois participantes afirmaram acreditar que em suas visões, não havia nada a acrescentar; os demais relataram que acreditavam ser importante ter acréscimos de conteúdo: “*disciplinas específicas para o contexto político, educacional, artístico e jornalístico, por exemplo*” (P1); “*faltou maiores abordagens em conteúdos de tradução*” (P2); “*o ensino da língua dentro do curso é muito superficial*” (P5); “*poderia ter havido mais sobre o mercado financeiro*” (P6).

Apesar de cada participante apontar um complemento diferente que poderia ser agregado ao currículo do curso, é necessário pensar que a formação é, de fato, generalista, e essas lacunas vão ocorrer. Essas lacunas apontadas pelos egressos, estão em consonância com o que os autores Nogueira e Santos (2018, p. 99) afirmam:

A necessidade de uma revisão nos currículos dos cursos de graduação, bem como, os cursos livres, é fundamental, pois a mudança de concepção dos conteúdos e métodos não está atrelada somente à macroestrutura que compõe os cursos de formação de intérpretes (instituição, perfil do curso e outros), mas às demandas de cunho microestrutural (atividades, objetivos que pautam tais

---

<sup>8</sup> A ELiS foi um sistema de escrita criado em 1997, pela autora Mariângela Estelita Barros, desenvolvido e aperfeiçoado ao longo dos anos até chegar à sua versão final, em 2007, apresentada na tese de doutorado da autora, no ano de 2008 (BARROS, 2008).

atividades, dentre outros) devem ser assuntos incluídos nas pautas de reformas na formação desses profissionais.

Os currículos dos cursos de formação são organizados para seguirem normas predispostas, mas também procuram abranger o máximo de conteúdos possíveis no decorrer previsto para aquela graduação, de maneira que o discente consiga perpassar a maioria de conhecimentos possíveis naquele espaço-tempo.

Além dos conteúdos apresentados, os participantes foram questionados sobre os estudos teóricos presentes na matriz curricular, no decorrer do curso, se acreditavam terem contribuído para sua formação. Nesta pergunta, especificamente, houve unanimidade em afirmar que sim, os estudos teóricos contribuíram para sua formação: “*sim, de certa forma tudo o que sei de tradução e interpretação vem do curso*” (P1); “*com certeza, a teoria de uma forma me ajudaram a compreender o que é tradução e interpretação*” (P4); “*todo o conhecimento teórico me dá segurança em relação ao uso da língua*” (P8).

Se os participantes são alunos que ingressaram no curso com pouco conhecimento sobre a língua brasileira de sinais, conforme dito anteriormente, eles precisam, durante os quatro anos de graduação<sup>9</sup> adquirir conhecimentos suficientes para saber justificar sua atuação, para além de somente traduzir ou interpretar sem saber por que está fazendo isso. Esse conhecimento será usado no dia a dia do exercício profissional, indo em direção ao que afirmam Duarte, Vilaça-Cruz e Faria (2021, p. 10): “*Todo esse conhecimento teórico pode ser utilizado quando esse aluno entrar no mercado de trabalho atuando profissionalmente, para minimizar ao máximo problemas que podem ser evitados, e para conseguir resolver com otimização os contratemplos que podem aparecer*”.

No decorrer da atuação profissional, vai surgir o que se chama de “*problemas de tradução e interpretação*” e esse tradutor e intérprete precisa adquirir, no decorrer do curso, ferramentas e mecanismos para resolvê-los da forma mais prática e viável possível, facilitando sua atuação profissional e evidenciando, assim, seu embasamento teórico.

Em complemento aos conteúdos teóricos, a formação apresenta, também, conteúdos práticos. Nesse sentido, os participantes foram questionados sobre as atividades práticas realizadas durante o curso e se contribuíram para sua formação. Apesar de todos os participantes afirmarem que sim, alguns foram mais enfáticos que os outros,

---

<sup>9</sup> De acordo com a PPC do curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da UFG, o curso tem duração mínima de oito semestres (FL/UFG, 2018, p. 13).

ao afirmarem que: “*práticas contribuíram para o contato com a língua*” (P1); “*na medida do possível, pudemos vivenciar diversos contextos e aprendi bastante*” (P2); “*a prática me permitiu avaliar em que ponto precisava melhorar*” (P5); “*foi lá onde pudemos nos preparar e nos corrigir melhor*” (P6).

No PPC, são apresentadas diversas disciplinas práticas até o semestre de início dos estágios, onde os alunos fazem estágio em tradução e em interpretação, visto que essas disciplinas são ministradas separadamente, para que os alunos trabalhem tanto a tradução quanto a interpretação, de forma específica, com a finalidade de aprofundar nas particularidades de cada modalidade.

Após as disciplinas práticas, adentra-se na questão dos estágios, que são obrigatórios para a conclusão do curso e foi questionado aos participantes se o estágio contribuiu para sua formação e todos afirmaram que sim, mas que havia pontos a serem observados e, se possível, otimizados para o melhor aproveitamento, conforme demonstram os seguintes excertos: “*sim, contribuíram muito, algo que precisa melhorar são os convênios que ainda são poucos*” (P3); “*estágio para mim foi a matéria que mais auxiliou na minha formação*” (P4); “*sim, contribuíram, [mas] podiam melhorar: ao invés de dois semestres, deveria ter pelo menos 4 semestres*” (P1); “*me permitiu colocar em prática o que havia aprendido durante todo o curso e analisar em quais pontos preciso estudar mais*” (P5); “*vejo o estágio como fundamental ... Para melhorar o estágio, o departamento precisa ter estruturado os campos de estágio*” (P8).

Quando se cursa as disciplinas de estágio, para aqueles que ainda não trabalham na área, é o momento em que os alunos têm a oportunidade de vivenciar a união da teoria com a prática, ter uma noção de como será sua relação com a profissão escolhida, caso queira trabalhar na área para a qual está se formando. No caso da Faculdade de Letras<sup>10</sup> da UFG, a instituição tem convênios com várias empresas onde seus alunos podem estagiar, caso o aluno queira estagiar em uma empresa que não está conveniada com a instituição, o processo é feito de forma completamente *online* para que seja possível o próprio aluno realizar essa intermediação.

Essa forma de criar o vínculo entre a instituição educacional e a empresa pode ser um atrativo para que alunos busquem os mais diversos contextos, caso as oportunidades apresentadas pelo professor que está ministrando a disciplina de estágio não seja

---

<sup>10</sup> O curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português* da UFG é vinculado à Faculdade de Letras (UFG, 2018, p. 1).

considerada um atrativo para o aluno, ou até mesmo para ampliar suas possibilidades de atuar além das oportunidades apresentadas.

No momento dos estágios, o aluno pode experienciar horas traduzindo e interpretando com o acompanhamento de um professor responsável que irá guiá-lo e auxiliá-lo, tornando esse momento a oportunidade para a evolução desse profissional, quiçá até se identificar com alguma área de atuação específica visto a vastidão de possibilidades, conforme afirma Nogueira e Santos (2018, p. 95): “o mercado de trabalho para intérpretes de Libras/Português expandiu-se consideravelmente e as demandas de formação desses profissionais para atuar em diferentes esferas são uma constante em nosso país.”.

Concluído todos os estágios, disciplinas e todos os pré-requisitos previstos, o aluno estará graduado. Quanto ao perfil do egresso, no PPC do curso,

Prevê-se, sobretudo, a formação de um profissional crítico, reflexivo e investigativo, preparado para atuar em situações do cotidiano, considerando o eixo epistemológico do curso: a tradução e a interpretação. Espera-se, também, que o graduando desenvolva competências em práticas e legislações relacionadas à área. (UFG, 2018, p. 11).

Os participantes foram instigados a atribuir uma nota sobre sua percepção acerca de sua competência para a atuação profissional na área, após a conclusão do curso e justificar o motivo da nota atribuída. Nas respostas assinaladas, apenas dois acreditam atingir a nota máxima e justificaram que, com a formação, se sentiam competentes: “*pude aprimorar e sair melhor do que entrei*” (P7); “*conhecendo melhor a língua e a cultura temos mais preparo de como atuar e tratar a comunidade surda*” (P8).

Os demais, cada um deu nota de 4 a 9 e as justificativas foram no sentido de que evoluíram, mas, sentiam que precisavam melhorar e aprender ainda mais: “*apesar de ter aprendido muito, ainda tenho muito a aprender e melhorar, não me sinto segura para atuar profissionalmente*” (P5); “*o intérprete precisa ter muitas competências inclusive a linguística e extralinguística, vejo que preciso ampliar meus estudos*” (P6).

Por fim, na busca de ideias, opiniões e sugestões que possam colaborar futuramente na melhoria do curso ofertado, os participantes foram indagados sobre qual sugestão dariam para a melhoria do curso. Algumas sugestões podem ser observadas nos seguintes excertos: “*mais disciplinas práticas além das que temos... para desenvolvimento das habilidades específicas em determinadas áreas*” (P1); “*sugiro que*

*a universidade tenha mais disciplinas de Libras em sua grade e que tenha ainda mais atividades práticas para que o aluno já comece se desenvolver” (P5); “mais aulas práticas, mais contextos para serem interpretados” (P6).*

Dos oito participantes, sete deles apontaram a necessidade de ter mais prática no decorrer do curso, conforme apontado acima. Essa lacuna pode ser justificada pela forma que a grade curricular está organizada, atualmente, em que as disciplinas teóricas têm um volume maior de carga horária se comparadas às disciplinas práticas, conforme Faria e Galán-Mañas (2018, p. 281): “na UFG, a formação prático-operativa concentra-se apenas em 36% da formação (848 horas) do currículo”.

## **Conclusões**

Este estudo teve como norte de pesquisa, identificar a visão dos egressos e dos concluintes sobre sua formação no curso de *Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português*, ofertado pela Universidade Federal de Goiás e identificar quais percepções desses alunos poderiam agregar melhorias práticas ao curso.

Após a análise dos dados, pôde-se identificar que na visão dos egressos e dos concluintes, a formação ofertada possui inúmeros pontos positivos, como, por exemplo, uma base teórica sólida que é passada aos discentes, entretanto, a base prática ainda apresenta lacunas apontadas pelos participantes da pesquisa, havendo necessidade de mais disciplinas voltadas para o ato de traduzir e interpretar fora da sala de aula e cargas horárias distribuídas em disciplina com pouco proveito para a profissão e que poderiam ser realocadas.

Como sugestões apontadas, os participantes foram enfáticos na necessidade de mais prática, pois nem todos chegam ao final da graduação se sentindo aptos a enfrentar o mercado de trabalho com receio dos inúmeros desafios, o que destoia do perfil do egresso que é apresentado no Projeto Pedagógico do Curso. Então, observa-se que um dos lados precisará ser repensado ou adaptado, pois esse profissional irá compor a comunidade surda e espera-se dele uma qualidade no serviço que irá prestar.

Para finalizar, gostaríamos de apontar que um dos obstáculos encontrados no decorrer da pesquisa foi a dificuldade de aprofundamento nas respostas obtidas, visto o modelo de questionário selecionado na metodologia. Mas, ainda assim, espera-se que esse estudo contribua com a comunidade surda por meio da melhoria da oferta do curso em

estudo, sobretudo, nas discussões e pesquisas sobre seu currículo e sobre as estratégias didáticas dos professores.

## Referências

APPLE, Michael Whitman. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional. *Currículo, cultura e sociedade*, v. 11, p. 59-91, 1994.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Mariângela Estelita. *Elis - escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. Tese (Doutorado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23dez. 2005. Seção 1, p. 28-30.

BRASIL. *Decreto nº 7.612*, de 17 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. Brasília, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm). Último acesso em: 22 jul. 2021.

DUARTE, Livia Alves; VILAÇA-CRUZ, Renata Cristina; FARIA, Juliana Guimarães. Formação de tradutores e intérpretes de Libras-português: visão dos profissionais em atuação no mercado de trabalho. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-19, 2021.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARIA, Juliana Guimarães; GALÁN-MANÃS, Anabel. Um estudo sobre a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. v. 57, n. 1, p. 265-286, mar. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; SANTOS, Silvana Aguiar dos. Tarefas de interpretação de Libras/português: reflexões sobre uma proposta metodológica de ensino para contexto de conferência. *Transversal - Revista em Tradução*, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 93-112, 2018.

PIRES, Cleidi Lovatto; NOBRE, Maria Alzira. Intérprete em Língua de Sinais: um olhar mais de perto. *Educação (UFES)*, v. 26, n. 1, p. 99-106, jan./jun. 2001.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, 2. 2010. Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2010.

RODRIGUES, Carlos Henrique. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. *Belas Infieis*, Brasília-DF, v. 8, n. 1, p. 145–162, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/12775>. Último acesso em: 18 jul. 2022.

SILVA, Keli Simões Xavier; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de. Formação do Intérprete Educacional de Libras-Português: reflexões a partir das contribuições da proposta didática do PACTE. *Belas Infieis*, v. 8, n. 1, p. 119-144, 2019.

UFG. Universidade Federal de Goiás. *Resolução Consuni nº 29/2013*, de 23 de agosto de 2013. Cria o Curso de Graduação em Tradução e Interpretação em Libras/Português, grau acadêmico Bacharelado, na Faculdade de Letras. Disponível em: [https://sistemas.ufg.br/62\\_consultas\\_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao\\_CONSUNI\\_2013\\_0029.pdf](https://sistemas.ufg.br/62_consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CONSUNI_2013_0029.pdf). Último acesso em: 22 jul. 2022.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. *Projeto Pedagógico do curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português*. Goiânia: UFG, 2017.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. *Projeto Pedagógico do curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português*. Goiânia: UFG, 2018.

UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. *Libras a distância*. 2022. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/Libras-distancia/>. Último acesso em: 19 ago. 2022.

## **MODOS DE RESISTIR: QUANDO AS NARRATIVAS DOS TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS E PORTUGUÊS NOS CONTAM AS HISTÓRIAS**

### **WAYS TO RESIST: WHEN THE NARRATIVES OF TRANSLATORS AND INTERPRETERS OF LIBRAS AND PORTUGUESE TELL US THE STORIES**

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado<sup>1</sup>  
Josué Rego da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto é um recorte de uma pesquisa maior que procura problematizar a emergência e a institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português que são produzidos nos modos de resistências surdas a partir das práticas e experiências desse profissional na grade de inteligibilidade da inclusão em nossa contemporaneidade. Foram analisadas narrativas de pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e Português, com idades entre 29 e 55 anos, de diferentes estados da federação. Compreendemos que o Tradutor e Intérprete de Libras e Português tenha se constituído como um dispositivo de gerenciamento de risco dos sujeitos surdos no espaço escolar, na grade de inteligibilidade da inclusão, que se ocupa de administrar as condutas dos sujeitos classificados como público-alvo dessa racionalidade. Acreditamos que em diferentes momentos do seu percurso histórico, esses sujeitos ressoaram em suas práticas, diferentes modos de resistência surda, tanto utópicas como infames.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Resistências. Subjetividades. Língua de Sinais.

**ABSTRACT :** This text is an excerpt from a larger research that seeks to problematize the emergence and institutionalization of the Libras and Portuguese Translator and Interpreter in the imperative of inclusion. It seeks to understand how deaf resistance modes are produced from the practices and experiences of this professional and reflects on his insertion in the inclusive school context. Narratives of people with experience in the area of translation and interpretation of Libras and Portuguese, aged between 29 and 55 years, from different states of the federation were analyzed. We understand that the Libras and Portuguese Translator and Interpreter has been constituted as a risk management device for deaf subjects in the school space, in the inclusion intelligibility grid, which is responsible for managing the behavior of the subjects classified as the target audience of this rationality. We believe that at different times in their historical trajectory, these subjects resonated in their practices, which I understand as modes of deaf resistance, ways of fighting against the power relations of the controls and regulations of deaf bodies in different spaces.

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Educação. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [profaluvieiramachado@gmail.com](mailto:profaluvieiramachado@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Doutorando em Cognição e Linguagem pela UENF. Tradutor e Intérprete de Libras-Português no Instituto Federal do Espírito Santo. Email: [josuetils@gmail.com](mailto:josuetils@gmail.com)

**KEYWORDS:** Inclusion. Resistances. Subjectivity. Sign Language.

### **Introdução: Iniciando uma conversa...**

Este texto tem como objetivo discutir sobre as resistências surdas nas narrativas dos tradutores e intérpretes do par linguístico Libras e Língua Portuguesa. Assim, trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada: “Resistências surdas: quando as narrativas dos tradutores e intérpretes de libras e português nos contam as histórias”.

Importante frisar que esta pesquisa se deu a partir das discussões iniciadas nos encontros do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (GIPLES/CNPq/Ufes), na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e faz parte de um projeto de pesquisa maior que trata da formação de tradutores e intérpretes de Libras.

Podemos considerar que o Tradutor e Intérprete de Libras e Português, na conjuntura política da inclusão, tem como um dos objetivos atender às demandas específicas do sujeito surdo. Isto posto, nos propomos a problematizar esse profissional na ótica da grade de inteligibilidade do nosso tempo, entendendo a sua emergência como um “[...] conjunto de práticas possibilitadas por redes de relações em que a experiência se constitui como atmosfera de seu tempo” (LOPES; MORGENSTERN, 2014, p. 186).

Nesse contexto, urge problematizarmos o imperativo da inclusão com suspeitas, para além do seu objetivo político, social e cultural:

Não há fronteiras nítidas, não há regras definitivas, não há razões que sustentem a metanarrativa da inclusão diante de bons questionamentos sobre as delimitações das fronteiras. No entanto, há uma necessidade vital, considerando-se um tipo de racionalidade moderna, para que as fronteiras de in/exclusão sejam mantidas (LOPES, 2007, p. 18).

Nossa hipótese é de que, em diferentes momentos do seu percurso histórico, esses sujeitos ressoaram em suas práticas modos de resistência surda, formas de lutar contra as relações de poder dos controles e regulações dos corpos surdos em espaços variados. Nesse escopo, o objetivo geral deste estudo é problematizar a emergência, constituição e institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Paralelo a isso, a pergunta principal que suscita esta pesquisa é: compreender como são produzidos os modos de resistências surdas a partir das práticas e experiências dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português no contexto escolar?

### **Continuando a conversa: questões teórico-metodológicas**

Pensar a emergência, constituição e institucionalização dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português requer um esforço de caminhar em direção a uma perspectiva histórica. Isto é, trazer à tona acontecimentos anteriores, experiências e práticas dos sujeitos participantes desta pesquisa. Fazer esse resgate é um exercício de mostrar como que, no interior das relações de poder, emergem modos de resistências que possibilitam a constituição de diferentes sujeitos em suas práticas:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir (FOUCAULT, 2003, p. 10).

Como contar pelo viés histórico elementos que nos ajudem a narrar de outro modo a memória dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português? Entendemos que, ao nos propor dialogar sob as lentes foucaultianas, não buscamos soluções ou verdades, visto que fomos provocados constantemente com novas perguntas que despontaram durante a escrita.

Essas inquietações nos fizeram entender que precisaríamos buscar uma metodologia que permitisse conhecer a história contada pelos sujeitos, produzindo e problematizando dados, além de provocar os sujeitos a pensar sobre possíveis formas de subjetivação a que porventura são conduzidos. Paralelo a isso, instigá-los a questionar os diversos discursos e verdades que carregam consigo: “[...] informações fundamentais acerca do vivido e que possibilitam uma interpretação (mesmo que provisória e parcial) (ANDRADE, 2014, p. 175).

As narrativas, segundo Andrade (2014), são atravessadas por relações de poder construídas em torno dos discursos produzidos e/ou inventados, porque não, pelos próprios Tradutores e Intérpretes de Libras e Português.

Esses personagens, neste estudo entendidos como narradores principais, são compostos de diferentes histórias, singularidades e discursos sobre a prática desse profissional, “[...] visto que são os discursos deles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios, desclassificação, de

ordenação, de distribuição de discurso: a do acontecimento e do acaso” (FOUCAULT, 2013, p. 2).

A nossa inclinação metodológica nos viabilizou ir ao encontro dos saberes de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, procurando compreender como são modeladas as relações de poder que circulam pelas mais diversas construções discursivas, especificadas desta forma por Michel Foucault:

Não tento encontrar atrás do discurso uma coisa que seria o poder e que seria sua fonte, como em uma descrição de tipo fenomenológico ou de qualquer método interpretativo. Eu parto do discurso tal como é. Em uma descrição fenomenológica, tenta-se deduzir do discurso algo que concerne ao sujeito falante; trata-se de reencontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante, um pensamento que está se formando. O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 120).

Vale destacar que as narrativas não tiveram o compromisso de explicar fatos ou acontecimentos específicos; elas foram compartilhadas de forma natural e por vezes denunciaram situações, algumas até embaraçosas, que os narradores vivenciaram ao longo de suas experiências de inserção na comunidade surda.

Ao reproduzir alguns fragmentos narrativos, procuramos ressaltar como cada um desses sujeitos, por meio de suas práticas e experiências, mesmo em tempos e espaços diferentes, nos permite perceber como foi construído o percurso do Tradutor e Intérprete de Libras e Português, tanto no Brasil, especificamente no estado do Espírito Santo.

Os relatos compartilhados foram registrados por aplicativo de mensagens (texto e áudio) e por e-mail. Nestes, os sujeitos descreveram suas histórias em relação aos surdos, a aquisição da Libras e a suas trajetórias profissionais, o que nos motivou a compreender e problematizar as práticas, discursos e verdades descritas.

Quanto aos sujeitos selecionados para esta pesquisa, entrevistamos pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e Português, que estavam atuando – na ocasião deste estudo - ou que já atuaram, em qualquer área, independente da sua idade, religião, gênero ou formação acadêmica. Foram entrevistados doze sujeitos

com idades entre 29 e 55 anos, sendo cinco de outros estados da federação e sete oriundos do estado do Espírito Santo.

Entre os participantes, oito relataram que a aproximação com a Libras ocorreu em alguma instituição religiosa, pelo contato com amigos surdos ou, ainda, devido a algum curso feito oferecido pela instituição religiosa, sendo realçado por eles que essas experiências foram importantes para a sua escolha profissional. Três dos entrevistados são filhos de surdos (Codas), tendo, portanto, contato com a Libras desde a tenra idade, e em muitas oportunidades atuando de modo informal em contextos tradutórios e interpretativos.

Na época das entrevistas, oito atuavam como Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, sendo que quatro trabalhavam no ensino básico, dois no técnico, dois no superior e os outros quatro em trabalhos esporádicos. E a fim de garantir o anonimato dos entrevistados e ao mesmo tempo em que concordavam em responder as questões levantadas nessa pesquisa, criamos o termo de consentimento livre e esclarecido (TLCE), que foi assinado por todos os TILSP que concordaram em participar deste estudo.

Os relatos contemplaram as experiências vivenciadas pelos narradores, suas práticas e atitudes de resistências às relações de poder que atravessaram em algum momento as suas trajetórias profissionais. Descrições que nos forneceram pistas para compreender a emergência, a constituição e a institucionalização dos Tradutores e intérpretes de Libras e Português no Brasil e no estado do Espírito Santo.

### **Resultados: modos de resistir**

Perante tantas alternativas de resistências testemunhadas nos relatos, proponho-me pensar sobre duas delas, que podemos nomear como: a) Resistência Utópica, que pelas lentes foucaultianas pode ser entendida como aquela constituída pela mobilização, pela projeção de um mundo melhor; e b) Resistência Infame, que pode ser conduzida pela possibilidade de experiências que fogem às relações de poder e aos saberes instituídos.

A fim de pensarmos num modo de resistir utópico, recorreremos a alguns eventos primordiais na formação das narrativas resistentes dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português historicamente constituídas.

Em abril de 1999, entre os dias 20 e 24, aconteceu na cidade de Porto Alegre, no salão de atos da reitoria da UFRGS, o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue, no qual foi elaborado um documento pela comunidade

surda intitulado “A educação que nós, surdos, queremos”, segundo o qual a “resistência surda nesse momento foi um marco histórico no cenário brasileiro” (CARVALHO, 2016, p. 28).

Dentre as 147 metas propostas no documento, compartilhamos abaixo as que envolvem diretamente a figura do Tradutor e Intérprete de Libras Português. Algumas delas já foram alcançadas, outras ainda são emergentes. Dentre as que se relacionam com o nosso objeto de pesquisa, citamos:

- [...] Buscar recursos para a manutenção de uma Central de Intérpretes para atender aos surdos de Classe Especial, de Integração e Faculdades. - Nos concursos vestibulares os surdos devem contar com intérpretes na ocasião das provas e a prova de português deve ter critérios especiais de avaliação. - Considerar que as escolas de surdos devem ter intérpretes em todos os eventos e para os momentos de diálogo com a família de pais surdos e entre familiares ouvintes e filhos surdos. - Assegurar o direito da presença do Intérprete de Língua de Sinais no decorrer do concurso de vestibular. - Garantir a existência de intérpretes contratados pela universidade, assegurando ao surdo condições semelhantes de seus colegas ouvintes. - Propor que intérpretes reconhecidos pelas Associações e Federações de Surdos, possam atuar nas universidades, sempre que houver solicitação e interesse de ambas as partes.

Considerar que a formação universitária dos intérpretes é necessária para garantir a formação do profissional surdo.

Percebemos que além da necessidade de garantir a presença do Tradutor e Intérprete de Libras e Português em todo o contexto escolar, a exigência com a formação desse profissional também é posta como meta, reforçando que sua presença e qualificação são fundamentais para o sucesso educacional do sujeito surdo.

Michel Foucault (2013), no ano de 1966 proferiu nos dias 07 e 21 de dezembro duas conferências radiofônicas nas quais ele discutiu as possibilidades do corpo e suas utopias. Para ele, estas se fazem presentes em todas as sociedades, como um ideal de civilização. O autor a analisa como uma imagem, uma ideia que não é verdadeira, mas que representa uma versão de uma sociedade justa para todos, em que a felicidade seja plena, um ideal fantasioso, mas que poderia ser realizado:

De qualquer forma, uma coisa é certa: que o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. Afinal, uma das utopias mais antigas que os homens contam para si mesmos não é o sonho de corpos enormes, desmesurados, que devorariam o espaço e dominaram o mundo? (FOUCAULT, 2013, p. 09).

Um Tradutor e Intérprete de Libras e Português que esteve presente nesse evento de 1999 nos relatou:

Abril de 1999. Era o quinto congresso latinoamericano de educação bilíngue, onde o Skliar era o coordenador geral [...]. Então foi a primeira vez que recebi e quem pagou foi a Feneis. Interessante isso porque foram dois anos de trabalho em conjunto com grupo de Skilar, a gente trabalhando, se preparando, e foi então que um grupo de intérpretes se organizou e nós fizemos até um retiro no final de semana. Nós tínhamos todas as palestras, inclusive a palestra do Jimi Carrel, aquele inglês da universidade de Bristol; a da Bárbara, uma americana e outras pessoas da Universidade Gallaudet dos EUA. E foi assim que a gente se preparou muito esse evento: deixamos as palestras prontas, os surdos participaram muito para nos dar os sinais, os surdos também fizeram palestras e a gente então passava para Português e assim foram dois dias de retiro intenso. E então estávamos prontos para esse congresso de educação bilíngue lá em POA. E eu sei que isso ajudou profundamente na questão da publicação, divulgação desmistificação e de levar a figura do intérprete como importantíssimo em um evento onde surdos e ouvintes se encontram e foi então que eu tive meu primeiro pagamento (INTÉRPRETE R).

Destarte, da mesma forma que tentamos ocupar lugares que projetamos e desejamos, também emerge o movimento inverso, o de escapar desses locais, com tentativas de afastamento das regras e restrições para continuarmos a ter respostas sobre os nossos desejos, sejam esses ambientes institucionalizados ou não.

Nosso processo civilizatório, articulado em torno dos modos de desenhar e administrar lugares reais, não deixou de conceber e produzir, também, lugares irreais, enquanto espaços sem um local fisicamente determinável. As utopias se configuram como espaços não existentes em que investimos nossas expectativas individuais e coletivas. Como produção imaginária, elas precisam de um ponto do qual se irradiem. Por isso, são sempre reflexo de uma dada sociedade, em positivo ou negativo (GOMES, 2010, p. 38).

Esse movimento ocorrido em 1999, que culminou na elaboração do documento “A educação que nós surdos, queremos”, se expandiu e inspirou várias comunidades surdas pelo Brasil a lutarem pelos seus direitos, e não foi diferente no estado do Espírito Santo, como nos relatou um participante:

A movimentação foi muito positiva, pois até então eram grupos separados, igrejas, associações, não me recordo de outro movimento, surdos e intérpretes, lembro que na época foram basicamente os Codas, lembro muito bem, eu, o Josué, a Keli, a Lucienne, e aí foi muito bacana, um movimento que foi um marco capixaba. Me lembro que esse movimento foi importante porque, depois das políticas nacionais, os surdos capixabas estavam querendo buscar os espaços, principalmente na educação. O movimento foi pautado bastante para esse lado, valorizar a língua de sinais, singularidade linguística, a questão da própria surdez (INTÉRPRETE E).

Como relatado anteriormente, em 26 de setembro do ano de 2005, na cidade de Vitória - ES, também ocorreu um movimento de resistência com a presença da comunidade surda capixaba, familiares e Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, como nos descreveu Costa (2007):

Uma segunda-feira chuvosa, em frente à Prefeitura de Vitória, inicia-se um protesto surdo em favor de melhores condições educacionais e sociais a fim de garantir sua inserção na sociedade como um todo [...]. Aconteceu em Vitória, capital do Espírito Santo. Tal protesto, não tão silencioso assim, reivindicava educação, saúde, acessibilidade, intérpretes, ou seja, cumprimento das leis que já existem (COSTA, 2007, p. 101).

Segundo a autora, durante uma semana aconteceram passeatas, audiências com autoridades, palestras e divulgação em massa do episódio pela mídia local. Na ocasião, foi escrito “O Manifesto da Comunidade Surda Capixaba”, que continha um resumo dos anseios dos participantes do movimento, sendo que “cópias do resumo desse manifesto foram distribuídas pela cidade na passeata, como panfletos [...] e o texto completo foi entregue aos governantes, como o prefeito e o governador (COSTA, 2007, p. 102). Um dos trechos do manifesto defendia:

[...] Por intérpretes qualificados uma vez que somos usuários de uma língua que não é compartilhada por todos. [...] queremos que os mesmos conteúdos que são passados aos ouvintes sejam passados a nós ao mesmo tempo pela via visual através do intérprete (COSTA, 2007).

Já pensando em uma outra possível forma de resistir, em seu artigo “A vida dos homens infames”, publicado 1977, Foucault (apud NAIDIN, 2016), empregou o termo "infame" para designar vidas ignoradas, esquecidas e cujo enredo não possuía lugar na história. O filósofo se debruçou sobre registros históricos de internatos, petições direcionadas ao rei com ordens de prisão entre outros documentos que foram emitidos durante os séculos XVII e XVIII. Ele se ateu àquelas passagens que diziam respeito a sujeitos que, durante a sua vida, passaram quase despercebidos, sem desfrutar de nenhuma notoriedade, sem usufruir de um reconhecimento público; vidas que se chocavam com o poder, com os discursos e saberes estabelecidos pela nossa modernidade, por isso foram nomeados como infames.

Vidas efêmeras de homens e mulheres que, em razão da obscuridade e do silêncio atribuído às suas condições bizarras de impossibilidade de conciliação entre vida e discurso, só tiveram suas existências registradas porque, em algum momento, por uma convergência de acasos, cruzaram-se com um regime de poder e criaram uma faísca em sua pretensa limpidez (NAIDIN, 2016, p. 1035).

Na trama histórica onde estão envolvidas as relações de sujeitos surdos situados historicamente à margem da sociedade, podemos analisar a concretude do Tradutor e Intérprete de Libras e Português como uma resistência infame, como uma alternativa diante de incertezas, sendo que a sua atitude “[...] pulveriza e espraia as dimensões de

possibilidades de experiências de rompimento com o localizado, o hegemônico, o homônimo (CARVALHO, 2014, p.104).

O Tradutor e Intérprete de Libras e Português, ao vivenciar as suas lutas e hastear suas bandeiras, que de um modo ou de outro são concretizadas no âmbito das políticas públicas, acaba muitas vezes se perdendo nos festejos e de alguma forma, não é notado, valorizado, dignificado, mas apesar de tudo:

[...] faz girar as experiências mais reais, menores, nem sempre vistas e valorizadas, mas que estão lá, aqui, além de aqui: em todos os recantos, formas, experiências de sala de aula - no prédio, na roça, na tapera, sob a árvore, entre quatro paredes, nos cem lugares possíveis” (CARVALHO, 2014, p. 103).

Com a sua experiência e o seu conhecimento voltados para o acontecimento, um novo modo de resistir se manifesta. Seria então esse sujeito, de certa forma, um infame? Afinal, ele se torna um personagem importante nessa trama histórica. Esse processo aparentemente descontínuo faz muito sentido para quem está envolvido, e a sua necessidade e a dos que estão envolvidos diretamente os pertencem.

A partir daí sei que além do domínio da Libras, se faz necessário quebrar o paradigma da exclusão e já tivemos um grande avanço, mas precisamos construir junto à sociedade o entendimento de que o Surdo não é uma caixinha com defeito e isso não é fácil. Após este tempo no Ensino Médio e Fundamental estou realizando um sonho, estar na sala de alfabetização de surdo trabalhando na proposta bilíngue, juntamente com a professora buscamos trabalhar as competências da criança, suas habilidades e principalmente meu objetivo construir sua identidade Surda e a sua autonomia (INTÉRPRETE J).

Esses indivíduos são chamados de infames não como julgamento moral de seus atos; eles são assim entendidos em seu sentido específico, rigoroso, referindo-se ao cidadão comum e a todas as vidas que estão ao seu redor, em princípio destinadas a não deixar nenhum tipo de rastro e estarem sujeitas a passar despercebidas pela humanidade; por isso, não são famosos e "não compõem com nenhuma espécie de glória" (FOUCAULT, 2006, p. 210).

A resistência infame dessas pessoas nos presenteia com suas experiências que poderiam estar fadadas ao esquecimento diante da memória excludente vivenciada pela comunidade surda. E com suas potências negligenciadas, enxergam nessa possibilidade o rompimento com “[...] os tipos de ligações estabelecidas entre o poder, a verdade, o discurso e o cotidiano, à medida que levam em consideração todo o tipo de relação que está em jogo na constituição de subjetividades (CARVALHO, 2014, p. 104).

Em 1989, aconteceu o primeiro *The Deaf Way*. É um evento de cultura, identidades surdas nos EUA, na capital americana em julho de 1989, durante uma semana. É um evento que vem surdos de todas as partes do mundo, eles trazem o seu circo, o seu teatro, a sua poesia, sua forma de se expressar culturalmente. Das mais diferentes formas, eu fiquei maravilhado e foram dias maravilhosos. O Brasil também participou, por que tinham inúmeros *workshops*, mini palestras. O evento foi na Universidade Gallaudet, depois aconteceram outros eventos como esse em outros países. A forma de ver o surdo, o caminho, e tudo organizado por surdos, tinha um monte de intérpretes, quando eu vi aquele salão enorme, cheio de intérpretes de diferentes línguas de sinais, eu fiquei assim deslumbrado... eu fui o intérprete brasileiro que foi para esse evento, quem mais foi para esse evento? Eu, Antônio Campos de Abreu, Ana Regina e Souza Campello e também o professor Fernando Valverde, surdos referência no Brasil. As experiências e aprendizados foram inúmeras, incontáveis, grandiosas, exemplares, modelos para o resto da minha vida (INTÉRPRETE R).

A potência por parte do Tradutor e Intérprete de Libras e Português a partir da sua resistência infame, seja da criação, da descontinuidade, da possibilidade de acontecimento, emergiu no momento em que esse movimento foi singular e voltado para a constituição variável e possível de sujeitos. Permitir produções diferentes do que é “autorizado”, modos de viver e experimentar o mundo, inverter a ordem das coisas, o torna instrumento de outras conexões de experiências e possibilidades.

Ser uma resistência infame diante das múltiplas possibilidades de sujeição instaladas nas relações humanas e no corpo social, possibilita ao Tradutor e Intérprete de Libras e Português se posicionar no fluxo das ações e com seus gestos, mesmo que pequenos, que emergem como uma afronta aos “[...] canais de forças reprodutoras do modo de ser” (CARVALHO, 2014, p. 104).

### **Considerações... finais?**

Este texto objetivou trazer à tona a discussão sobre as resistências surdas nas narrativas dos tradutores e intérpretes de Libras. Assim, trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada: “Resistências surdas: quando as narrativas dos tradutores e intérpretes de libras e português nos contam as histórias”.

Após discutirmos as questões teórico-metodológicas, trazemos reflexões nas narrativas dos Tradutores e intérpretes do par linguístico Libras e Língua Portuguesa sobre como as formas de resistências surdas formam esses sujeitos TILSP em suas próprias formas de existir.

A partir de diferentes formas de existir TILSP no mundo, trouxemos duas possibilidades de resistências a utópica e a infame. Cada uma com seu modo de existir representa como as resistências surdas dão um tom fundamental nas resistências dos Tilsp.

## Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: Dagmar Estremam Meyer, Marluicy Alves Paraíso. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 2 ed. Belo Horizonte, 2014, v. 1, p. 175-196. 10

CARVALHO, Antônio Filordi de. **Foucault e a função-educador**. Coleção Fronteiras da Educação, São Paulo, 2014.

CARVALHO, Daniel Junqueira de. **Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Lucyenne Matos da. **Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história**. 2007. 186f.: il.

FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Poder e Saber. In: MOTTA, Manoel de Barros de (Org). Michel Foucault: estratégia, poder-saber. **Ditos & Escritos**; IV. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GOMES, Mayara Rodrigues. Avatar: Entre utopia e heterotopia. **Matrizes**, Ano 3 – nº 2 jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2vTFbMG>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, Maura Corcini; DAL'IGNA, Maria Cláudia (Org). **In/exclusão nas tramas da escola**. Canoas: ULBRA, 2007. p. 11-34.

LOPES, Maura Corcini; MORGENSTERN, Juliane M. Inclusão como matriz de experiência. **Pro-Posições**, vol. 25, nº 2, Campinas, SP, 2014.

NAIDIN, Julia. Vidas Heterotópicas, Vidas Infames, Vidas Outras: um percurso antropológico no pensamento de Foucault. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 1027-1048, set./dez. 2016.

## A TRADUÇÃO DE TERMOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS DO CAMPO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO PARA A LIBRAS EM PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

### THE TRANSLATION OF TECHNICAL-SCIENTIFIC TERMS OF TRANSLATION STUDIES INTO LIBRAS IN THE TEACHING- LEARNING PROCESS

Neiva de Aquino Albres<sup>1</sup>

Carlos Magno Leonel Terrazas<sup>2</sup>

Elaine Aparecida de Oliveira da Silva<sup>3</sup>

Vânia de Aquino Albres Santiago<sup>4</sup>

**RESUMO:** Partindo de abordagem enunciativo-discursiva (Bakhtin e o Círculo) este artigo teve base na reflexão sobre a proposta didática para o desenvolvimento compreensão sobre as diferentes correntes dos Estudos da Tradução, por meio do uso de sinais-termo específicos em Libras para se referir às línguas envolvidas na tradução, como: à texto-fonte e texto-alvo, texto base e texto meta, texto de partida e texto de chegada, texto da tradução e texto traduzido. O objetivo foi analisar as criações coletivas em processo de elaboração conceitual sobre as línguas envolvidas na tradução em situações de ensino e relatos retrospectivos produzidos por professores formadores de tradutores. Os resultados mostram que há efeitos positivos de desenvolvimento do conhecimento sobre as correntes dos Estudos da Tradução e da metarreflexão dos tradutores em formação, pois a convenção de um sinal-termo em língua de sinais possibilita imageticamente associar o conceito do termo a seu fundamento epistemológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de TILSP, metalinguagem, terminologia, estudos da tradução.

**ABSTRACT:** Based on the enunciative-discursive approach (Bakhtin and the Circle) this article was based on the reflection about the didactic proposal for the development of understanding about the different approaches of Translation Studies, through the use of specific term-signs in Libras to refer to the languages involved in translation, as: source text and target text, base text and meta text, departure text and arrival text, translation text and translated text. The purpose was to analyze the collective creations in the process of conceptual elaboration about the languages involved in translation in teaching situations and retrospective reports produced by teacher-trainers of translators. The results show that there are positive effects of knowledge development on the

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [neiva.albres@ufsc.br](mailto:neiva.albres@ufsc.br)

<sup>2</sup> Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [carlos.terrazas@ifms.edu.br](mailto:carlos.terrazas@ifms.edu.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [elaikk@hotmail.com](mailto:elaikk@hotmail.com)

<sup>4</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, Brasil. E-mail: [vania.santiago10@yahoo.com.br](mailto:vania.santiago10@yahoo.com.br)

currents of Translation Studies and meta-reflection of translators in formation, because the convention of a sign-term in sign language makes it imaginatively possible to associate the concept of the term with its epistemological fundament.

**KEYWORDS:** TILSP formation, metalanguage, terminology, translation studies.

## **Introdução**

Os Estudos da Tradução vêm se desenvolvendo, e a reflexão sobre esse campo de conhecimento, no Brasil, também vem se desenvolvendo há pelo menos cinquenta anos (PAGANO; VASCONCELOS, 2003). Os cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras e português têm incorporado os Estudos da Tradução em seus currículos desde o início da formação desses cursos (RODRIGUES, 2018; 2019). Por sua vez, os cursos de formação continuada ou em serviço voltam-se para aspectos específicos: domínio de terminologia acadêmica, fazer educativo e adaptações curriculares, quando de inclusão de alunos surdos, principalmente, os organizados pelas próprias secretarias de educação que contratam os serviços de tradução e interpretação de línguas de sinais (ALBRES, RODRIGUES, 2018).

A questão que se coloca em debate neste texto consiste na reflexão de que essas teorias da tradução podem ser ensinadas tendo como língua de instrução o português, o que requer acessar nova terminologia em português e a compreensão dos conceitos inerentes a esses novos termos. Todavia, quando esses conteúdos são ministrados ou estudados por meio da Libras, como língua de instrução; salientamos que se faz necessário ter o cuidado para não usar os mesmos sinais da Libras já convencionados para outros conceitos acadêmicos, que possam sobrepor ou confundir os estudantes na significação dos novos conceitos em estudo, em nova perspectiva teórica. Essa prática pode prejudicar significativamente a aprendizagem dos alunos surdos, principalmente, que passam a elaborar os novos conceitos de forma equivocada já que o uso indiscriminado do léxico não contribui para a compreensão da complexidade dos conceitos produzidos pelas diferentes correntes teóricas.

A metalinguagem e as terminologias específicas fazem parte de qualquer área de conhecimento e com a tradução não é diferente (DESLILE, 1993). Dessa forma, um aspecto é explicar os processos e/ou abstrações sobre a tradução por meio da língua, outro aspecto é explicar esses processos e ou reflexões para o campo de estudo que desenvolve signos específicos, terminologias, e que estão envolvidos de concepções ideológicas.

Apropriar-se dessa metalinguagem dá ao aprendiz maior conhecimento sobre a área de estudo e o torna mais consciente dos processos realizados no ato tradutório, além disso, dota o mesmo de ferramentas que o permitem justificar suas escolhas tradutórias perante seus pares, integrando-o à comunidade que almeja fazer parte, ou seja, a de tradutores profissionais. Doutra parte, o conhecimento metalinguístico também faz com que o aprendiz não se sinta constrangido diante de críticas ao seu trabalho, sendo capaz de defendê-lo de forma pertinente e fundamentada. (NECKEL, 2015, p. 70).

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de tradução de termos que se referem às línguas envolvidas na tradução, que serão apresentados no tópico de metodologia - no Quadro 1, partindo de situação de ensino e uso da metalinguagem para alunos iniciantes em um curso de Letras Libras, em uma disciplina de introdução aos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais.

A organização, deste artigo, segue esse planejamento geral: após esta introdução, a seção (2) apresenta o um panorama geral dos Estudos da tradução com as principais abordagens, suas concepções e os termos empregados nelas para designar as línguas envolvidas na tradução; a seção (3) apresenta o percurso metodológico desta pesquisa; na (4) problematiza-se o emprego de um mesmo sinal-termos para expressões distintas em português que “carregam” concepções distintas de tradução, sujeito e linguagem, seguindo da apresentação de sinais-termos que emergem da interação dialógica em sala de aula com alunos surdos e ouvintes; e, finalmente, a seção (5) fecha o texto tecendo reflexões finais sobre o desenvolvimento do léxico da Libras e sua inserção em espaços acadêmicos.

### **As diferentes perspectivas dos Estudos da Tradução e suas terminologias**

Há diversas teorias da tradução, algumas complementares e outras teorias completamente opostas umas das outras. Isto ocorre pelas diferentes perspectivas teóricas, bem como pelo fato de que “o próprio termo tradução é polissêmico por natureza, podendo significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)” (SOUZA, 1998, p. 51).

Neste tópico, nos propomos olhar para as diferentes abordagens ou perspectivas e dos Estudos da Tradução e suas concepções de tradução, assim como a identificação das palavras e sintagmas que se referem às línguas envolvidas na tradução, sempre respectivamente, língua da qual se traduz e língua para qual se traduz.

Autores como Nida, Catford, Tytler, Jakobson, entre outros, desenvolveram teorias a partir dos anos de 1960 alicerçados na linguística, uma abordagem que prescreve como uma tradução deve ser realizada, ligada a ideia de tradução palavra por palavra, com foco nos signos linguísticos (SOUZA, 1998). A tradução nessa abordagem é compreendida como uma “transferência de significados” uma língua para a outra, ou seja, a língua é vista como um sistema, como um código linguístico (SOUZA, 1998, p. 54). As línguas envolvidas na tradução, geralmente, são denominadas de “língua fonte” e “língua alvo”. Encontra-se também a expressão “texto original/ texto de origem e texto da tradução”.

Surgiram também os Estudos da Tradução como disciplina, em uma abordagem descritiva, onde os estudos dos processos tradutórios focam em como os tradutores resolvem os problemas de tradução (PYM, 2010).

Há também a Teoria Funcionalista, uma teoria que trabalha com a identificação da função que se apresenta no texto base e como essa função deve estar presente no texto meta (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008). A abordagem funcionalista compreende a tradução a partir da função presente no texto e, dessa forma, o foco está no público-alvo (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008). Funcionalistas utilizam as seguintes terminologias: “língua base” e “língua meta”, “texto base” e “texto meta”. (NORD, 2012; HURTADO ALBIR, 2001).

Após a Teoria Funcionalista, nasce os estudos cognitivos que tem como objetivo investigar os processamentos cognitivos presentes no processo tradutório (ZIPSER, POLCHLOPEK, 2011). Abordagens cognitivistas fundamentam pesquisas sobre os aspectos cognitivos que subjazem o ato de traduzir, se ocupam da descrição dos aspectos processuais inerentes à execução de uma tarefa tradutória, geralmente, também utilizam os termos “texto-fonte e do texto-alvo”. Diferentemente da abordagem linguística não estão preocupados apenas com a tradução como um produto, pois os Estudos Cognitivos empregam com frequência metodologias empírico-experimentais com foco na tradução como atividade cognitiva (descrição do processo tradutório, mapeamento de diferentes perfis de tradutores/sujeitos; aquisição e consolidação da competência tradutória, expertise em tradução, formação de tradutores etc.) (ALVES, 2004).

Para Machado (2017), a tradução é uma tarefa de ordem altamente complexa de intervenções linguísticas, envolvendo vários processos cognitivos que ocorrem

paralelamente com a língua em uso. Contextualiza, que nos anos de 1970 os estudos cognitivos embasado nos princípios teóricos dos Estudos Linguísticos, da Psicologia Cognitiva e da Neurolinguística tornaram-se relevantes também para os estudos da tradução.

A virada cultural, por sua vez, trouxe questões culturais políticas e ideológicas para as traduções trabalhando com a ideia de que as culturas fazem parte de todo esse processo (BAKER, 1999). Por fim, surgiu a Corrente do Desconstrutivismo, uma abordagem que visa desconstruir a visão de significado estático de um texto e que trata a tradução como algo subjetivo, que passa, antes de tudo, por um leitor que dá o devido significado ao texto (ARROJO, 2003). Para a Abordagem Desconstrutivista o conceito de tradução está relacionado com o tradutor como um produtor de significados, pois há um processo de criação a partir da leitura do texto de partida em que não há um significado estático no texto (SOUZA, 1998).

Nessa perspectiva pós-moderna (Desconstrução), geralmente, são empregados os termos “língua a qual se traduz” e “língua da tradução” para se referir às línguas envolvidas na tradução. Essa perspectiva nega a possibilidade de uma atuação neutra ou de transferência passiva de significados intactos e a imaginação de se ter acesso à “verdadeira intenção” do autor original.

“Traduzir não é transferir significados estáveis de uma língua para outra porque o próprio sentido de uma palavra, ou de um texto na língua de partida só pode ser determinado, de forma provisória” (BEZ, 2011, p.374). Por isso, a transferência total de significado de uma língua para outra não é possível, o significado do texto do qual se traduz depende do contexto linguístico e extralinguístico em que ocorre e da leitura realizada pelo tradutor (ARROJO, 1986).

Similar a essa última abordagem citada, a perspectiva enunciativo-discursiva<sup>5</sup> considera que “a intervenção do tradutor deixa traços de sua subjetividade, e sua concepção de língua e de literatura o que modifica a construção dos sentidos [...]” (SILVA, 2004, p. 01). Estamos tratando da

tradução em uma perspectiva enunciativo-cultural. Bakhtin problematiza a concepção de que a linguagem reflete o mundo, afirmando que é

---

<sup>5</sup> A perspectiva enunciativo-discursiva tem como fonte a filosofia da linguagem produzida por Bakhtin, Benveniste, alguma coisa de Jakobson, o Ensaio de Semântica de Bréal, a obra de Greimas, parte dos trabalhos de Charaudeau, Ducrot, Authier-Revuz, entre outros (TEIXEIRA; FLORES, 2011, p. 425).

característica do signo a reflexão e a refração, ou seja, um signo tem a possibilidade de resignificação e valoração, a cada vez que é enunciado. Dessa forma, os signos são caracterizados pelas suas ressonâncias, não sendo possível o fechamento de sentido. (BEZ, 2011, p. 372).

A perspectiva bakhtiniana se aproxima da perspectiva desconstrutivista que afirma não haver um conjunto de significados estáveis e imóveis a partir da palavra. O que para bakhtinianos pode ser definido pelo inacabamento e singularidade de cada enunciado, para desconstrutivistas o tradutor é o produtor de significados e as palavras têm significados provisórios que são alcançados pela mediação do sujeito. Autores, como Sobral (1998), têm usado os termos “língua de partida e língua de chegada” para se referir as línguas envolvidas a tradução.

Os tradutores em formação precisam se familiarizar com teorias e abordagens diversas, até para que desde o início de sua atividade como tradutores possam se posicionar e embasar suas escolhas tradutórias, e desenvolver uma atuação crítica e reflexiva sobre sua atuação. Desenvolver a competência de leitura dos estudos no campo da tradução e interpretação e identificação do referencial teórico dos autores é um dos objetivos da formação inicial.

Finalmente, gostaríamos de chamar a atenção para uma questão importante feita por AMORIM (2009) a respeito da tradução de termos técnicos. A autora, para exprimir de maneira adequada um neologismo bakhtiniano, inspirada na palavra *nécessité* em francês, Bardet propôs o neologismo *nécessitance*. Em português, Amorim (2015, p. 23) faz um empréstimo do francês, qual seja, necessitância, neologismo que até então dá conta do sentido específico. Em vista disso, “A necessitância de pensar um pensamento ou de a ele aderir é o dever do pensamento, o que se distingue do ser do pensamento” (AMORIM, 2009, p. 23, grifos da autora). Dessa forma, em seu texto, a autora contextualiza para o leitor e incorpora os dois conceitos do ato pelo dever e pelo ser, empregando a palavra necessitância.

Trata-se do alerta feito por ela para o fato de que a utilização de um referente/termo abstrato para um conceito ainda não consolidado tratando o emprego do termo como simples sistema da língua, corre o risco de promover o apagamento da especificidade da perspectiva pedagógica, de prover aos alunos/leitores que se apropriem dos conceitos e reconstruam os conceitos já desenvolvidos. Nesse sentido, consideramos ser um grave equívoco pedagógico usar o mesmo sinal em Libras para os termos “língua fonte e língua alvo”, “língua de partida e língua de chegada”, “texto base

e texto meta”, “língua original e língua da tradução”, por exemplo, considerando que esses termos têm cada um deles uma carga semântica e referencial bastante distinta.

Atentos a essa questão, consideramos que os professores de estudos da tradução que ministram suas aulas em Libras, os tradutores/intérpretes que atuam nessas disciplinas, assim como os pesquisadores não podem usar indistintamente qualquer sinal para se referir a termos que carregam conceitos fundamentados em diferentes perspectivas teóricas. Dito de outra forma, é preciso definir formas diferentes de expressar esses termos/conceitos.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 2009, p. 137).

Isso não significa que deva manter-se fiel ao termo e fazer uma gradação literal, é preciso desenvolver a área de Estudos da Tradução em Libras, ou seja, prover a esse campo de estudo com estudos de sinais-termo ampliando as formas de enunciar em Libras sobre aspectos dos Estudos da Tradução e revertermos essa cultura de preservar as convenções no próprio território sala-de-aula, sem conseguir colocá-los em circulação.

Nesse sentido, temos defendido que diferentes perspectivas teóricas que fundamentam os estudos da tradução e interpretação, ao se encontrarem, não sejam tratados por decalques ou traduções literais, mas a partir da interação real, do uso da língua entre os falantes da língua em sala de aula e da reflexão sobre os conceitos possamos ir produzindo “expressões” e compartilhando essas possibilidades. Trata-se de pensar na afetação de um discurso provido de formas específicas de enunciar, configurando o avanço teórico de um campo em função de sua exposição ao saber em Libras.

A terminologia emerge da construção de subsídios teóricos e aplicados para diminuir dificuldades inerentes à tradução de textos especializados, habitat natural das terminologias. Os termos técnico-científicos também são constituídos de concepções, valorações e constructos ideológicos, pois consideramos que a reflexão fundamentada na compreensão dos conceitos pode ser capaz de orientar as difíceis escolhas de como expressar em Libras os termos técnico-científicos em português de textos especializados em português sobre os Estudos da tradução.

Waquil (2017), que também se propôs a refletir sobre os problemas de tradução, concluiu que os problemas podem manifestar-se tanto na compreensão como na reexpressão de termos técnico-científicos dos Estudos da Tradução, mesmo que na busca de equivalências durante a tradução é preciso aplicar estratégias para a solução. No entendimento de que a tradução estimula a evolução do conhecimento da área dos Estudos da Tradução.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Pautados em uma pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico, delineamos esta pesquisa envolvida de quatro docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) distintas para a construção do conhecimento. Destaque damos para o fato de os docentes serem os pesquisadores em ação pedagógica. A “pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Essas ideias têm implicações nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em Ciências Humanas” (FREITAS, 2002, p. 21).

Pesquisar sobre o processo ensino-aprendizagem, ou seja, sobre a formação de tradutores e intérpretes de Libras, mais especificamente sobre a construção de conceitos do campo de “Estudos da Tradução” constitui-se o objetivo deste trabalho. Desta forma, trabalhamos com a interpretação das estruturas simbólicas, da interação entre sujeitos em efetivo processo ensino em sala de aula. Para compreender os problemas de pesquisas em “educação é preciso lançar mão de enfoques multi/inter/transdisciplinares e tratamentos multidimensionais” (ANDRÉ, 2001, p. 53)

Trabalhamos com o estudo de caso, visto que os pesquisadores são professores do curso de graduação em Letras Libras, cursos de especialização ou extensão para formação de tradutores e intérpretes que promovem a formação e estão envolvidos diretamente com o uso dos termos técnicos dos Estudos da Tradução, no processo de ensino das disciplinas de sua área de pesquisa e ensino.

O campo dos Estudos da Tradução é grande e engloba muitos termos técnicos. Para fins de análise, neste artigo, foram selecionados os termos para se referir à língua da qual se traduz e os termos para se referir à língua para qual se traduz, termos que serão apresentados no quadro a seguir. Sendo que algumas abordagens teóricas usam mais de um termo indistintamente, como apresentado no quadro 1, produzido pelos

autores a partir do estudo sistemático e cotejamento de sintagmas na bibliografia estudada.

Quadro 1: Termos estudados

Principais abordagens dos Estudos da Tradução		
	Termos para se referir à língua da qual se traduz	Termos para se referir à língua para qual se traduz
Perspectiva linguística	Língua fonte (LF) Língua original (LO) Texto original (TO)	Língua alvo (LA) Língua da tradução (LT) Texto alvo (LA)
Perspectiva cognitivista	Língua fonte (LF)	Língua alvo (LA)
Perspectiva funcionalista	Texto base (TB)	Texto meta (TM)
Perspectiva Pós-moderna (Desconstrutivista)	Língua de partida (LP)	Língua da tradução (LT)
Perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem	Língua de partida (TP)	Língua de chegada (TC)

Fonte: Produzido pelos autores (2022)

Esta pesquisa também configura-se como um registro histórico de 2012 a 2022, revisitando planejamentos, materiais pedagógicos (slides de powerpoint), palestras vídeo-gravadas e memórias dos professores sobre experiências situadas em sala de aula em curso de formação de tradutores e intérpretes.

### **Implicações pedagógicas da tradução de termos técnicos e seu emprego em aulas de “Estudos da Tradução”**

O curso Letras Libras, contexto da pesquisa, teve sua primeira edição em 2006, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na modalidade a distância e com uma proposta bilíngue a partir dos textos-base do curso em português eram produzidas as traduções para a Libras do material de estudo. As traduções eram desenvolvidas por um grupo de pesquisa com os tradutores surdos e ouvintes. (AVELAR, 2010). Na época, as disciplinas denominadas “Introdução aos estudos da Tradução” e “Tradução e Interpretação” já trabalhavam com os conceitos dos Estudos da Tradução. Atualmente, a disciplina se denomina “Fundamentos da tradução e interpretação das línguas de sinais”. Os cursos de especialização voltados para a

formação de intérpretes, geralmente, também são compostos por disciplinas de Estudos da Tradução. O conteúdo curricular envolve o conhecimento sobre abordagens teóricas é inerente a sua terminologia.

### **Contexto da sala de aula**

Na escola há diversas interações entre diferentes interlocutores e em línguas de modalidades distintas, no caso de falantes de línguas de sinais na situação comunicativa. Dentre as atividades da dinâmica escolar, podemos citar a aula como o gênero mais evidente do processo ensino-aprendizagem. Assim, podemos conceber a aula como um grande gênero e nela acontecem muitas interações e outros gêneros. Rojo (2007) analisou enunciados em dispositivos e práticas didáticas linguístico-discursivos e caracteriza-os como uma prática de linguagem complexa. Discute ainda, por exemplo, a aula dialogada como um gênero que tem como essência uma cadeia enunciativa complexa.

A aula configura-se como modos de interação verbal constituída sócio historicamente no âmbito da esfera escolar e que reflete os seus modos sociais de fazer e de dizer. A aula é um gênero do discurso que se orienta por percursos interativos, em que professor e aluno(s) discursivizam na sala de aula, através do revozamento, apropriação e/ou refutação dos discursos alheios constitutivos da dialogia. (AYRES, SOUZA, 2015, s.p.).

O gênero aula, e sua dinâmica, demanda habilidades específicas, tais como: habilidades para lidar com eventos comunicacionais-interativos nela imbricados: compreensão de enunciados, discussão de temas, aquisição de vocabulário e de conceitos, atividades de leitura e escrita, exercícios de fixação, explicação de fórmulas e resolução de problemas, revisão de conteúdo, correção, tira-dúvidas, entre outras atividades.

Tanto a apropriação da terminologia da área científica em estudo quanto a habilidade de descrever, explicar e argumentar sobre os processos de tradução fazem parte da formação dos futuros tradutores e intérpretes de Libras português. A terminologia específica dos Estudos da Tradução que usamos nomeiam objetos, conceitos, processos e contribuem com a compreensão e construção de conceitos pelos estudantes. Todavia, quando há diferentes termos em português que carregam concepções de língua e tradução bem distintos sua tradução por um único termo em Libras pode ser problemática. Em especial, termos que se referem às línguas envolvidas na tradução.

Nesse sentido, a preocupação aqui não é a validação dos sinais, mas sim registrar e analisar o processo, o percurso de ensino-aprendizagem e as diversas enunciações que encaminham para a compreensão do conceito por meio das enunciações e das diversas formas para se referir aos conceitos, ou seja, o percurso criativo e de construção de sentidos dos interlocutores em sala de aula.

### **Primeiras tentativas pedagógicas**

Os acadêmicos surdos na universidade, geralmente, acessam as informações e entram em contato com as teorias por meio do português. Seja ele em textos escritos (artigos, livros) diretamente ou pela datilologia, ou em palestras e aulas que são usadas a palavras em português por meio da datilologia para a apresentação dos “novos” conceitos, ou seja, conceitos que não tem um sinal convencional. Dessa forma, se explica o significado usando palavras do português. Pode-se convencionar localmente algum sinal para designar esses novos conceitos, explorando exemplos e situações para associação. Essas estratégias são limitadas. Há explicitação do conhecimento, mas os pesquisadores precisam desenvolver métodos para explicitar e contribuir com o desenvolvimento da Libras para se referir também a conceitos teóricos de diferentes campos de estudos.

### **Redes baseadas em associação de significados e correlação imagética**

Inicialmente, é importante destacar que nessas aulas estávamos explicando sobre a relação entre duas línguas, sobre o processo de tradução e seu conceito em cada abordagem teórica. A tradução, tradicionalmente, é a substituição de material textual em uma língua-fonte (LF) por material textual equivalente em outra língua-alvo (LA) ou a transferência do conteúdo de um texto para os meios próprios de outra língua (SOUZA, 1998). Essa transferência pode ser associada ao movimento de um lugar para outro lugar no espaço de sinalização.

Para todos os termos observados e produzidos se seguiu o padrão de localização do sinal, a partir da mão esquerda como morfema base para se referir tanto à língua/texto da qual se traduz, quanto língua/texto para qual se traduz, o que diferencia um significado do outro é o giro do corpo com o mesmo braço esquerdo levando o morfema base da esquerda para a direita do corpo do locutor, indicando o movimento da tradução.

Quadro 2: línguas envolvidas na tradução – morfema base



Fonte: Produzido pelos autores

Assim, todos os termos empregados pelas diferentes abordagens teóricas seguiram esse princípio de localização dos textos/ línguas envolvidas na tradução.

No desenvolvimento dos sinais-termo, vemos a transformação de um sintagma no português formado por duas palavras em um sinal da Libras que faz uso do aspecto da produção simultânea de dois signos em um processo de coarticulação de localização na produção dos sinais, ou seja, a dependência entre um termo e outro, nesse caso, respeitando o ponto de articulação (uso do espaço de sinalização - localização). A coarticulação na língua de sinais, conforme Xavier (2014), se refere à influência do sinal anterior e/ou posterior na sentença conferindo significado aos sinais.

Salientamos a produtividade como característica das línguas, que possibilita a utilização dos sinais-termo de forma coarticulada ou de forma independente, porém, na dependência de que seu uso esteja situado em enunciados que se referem ao campo dos Estudos da Tradução, ou disciplina relacionada.

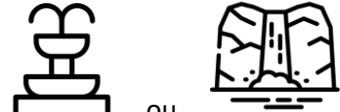
Iniciamos pelos termos “língua fonte” e “língua alvo” empregados em meio a aula sobre o estudo dos autores, teorias desenvolvidas, tipos de pesquisas desenvolvidas etc. Como tentativas de explicar o conceito e na busca pela expressão em Libras para esses termos, se explicava que a perspectiva linguística compreende a tradução como uma cópia. O processo envolve copiar da língua fonte e a tradução é concebida como uma cópia. Usando o sinal de língua mais a soletração de F-O-N-T-E, assim como o sinal de língua, mais a soletração de A-L-V-O, passam a ser explicadas como uma cópia, nessa perspectiva. Muitos exemplos de traduções são expostos aos alunos, tantos de línguas vocais auditivas quanto de línguas de sinais. Contudo, “sem o sinal em

Libras, o aluno não consegue apreender o conceito total do termo e relacioná-lo com outros elementos” (GOMES, 2018, p. 122).

A partir da interação e dos exemplos trazidos pelos alunos, das formas como eles se expressavam em sinais foi possível apreender o percurso associativo e imagético para explicar tais conceitos na abordagem linguística dos Ets.

Antes se usava a datilologia para se referir aos termos. Parece-nos que a produção do sinal para “língua alvo” foi mais espontânea, de fácil articulação com a apontação da mão direita direcionada para a base da mão esquerda. A associação com o jogo de dardos foi bastante intuitiva pelos falantes. A seguir, apresentamos um quadro com os sinais convencionados após um longo tempo de discussão.

Quadro 3: Língua fonte e língua alvo

	Língua Fonte	Língua alvo
I M A G E M	 <p>ou</p> <p><a href="https://br.freepik.com/icones-gratis/fonte_15568689.htm#query=fonte&amp;position=34&amp;from_view=search">https://br.freepik.com/icones-gratis/fonte_15568689.htm#query=fonte&amp;position=34&amp;from_view=search</a>  <a href="https://br.freepik.com/icones-gratis/casata_14390984.htm#query=cachoeira&amp;position=42&amp;from_view=search">https://br.freepik.com/icones-gratis/casata_14390984.htm#query=cachoeira&amp;position=42&amp;from_view=search</a></p>	 <p><a href="https://www.flaticon.com/br/icone-gratis/alvo_1701680">https://www.flaticon.com/br/icone-gratis/alvo_1701680</a></p>
S I N A L		

Fonte: Produzido pelos autores

O termo em Libras criado para se referir à “língua fonte” ou “texto fonte”, foi originalmente motivado pelo ícone, imagem mental, relacionada ao termo em português “fonte”. O sinal de fonte de água ou cachoeira possui uma sofisticada riqueza polissêmica, envolvendo diversas nuances que podem ser associadas a diversos conceitos. Os dedos tamborilando representam algo se espalhando, brotando, associados a qualidade de onde provém, de onde surge. Assim como os dedos estivados em diferentes direções também se relaciona a essa emergência. A imagem poderia ser de fonte de luz, fonte de energia, fonte de água. Motivado por esse fenômeno emerge do sinal da Libras para “língua fonte”.

Leite (2022) considera esse fenômeno de “extensão semântica e mudança lexical na Libras”. Isso indica que a partir de um sinal já convencionado pelos falantes da língua, muitas vezes, icônico é possível deslocar do objeto concreto representado e

reassignificar o sinal associando-o a outro campo semântico, conceitual e teórico. O que era uma fonte de água, nas aulas de Estudos da Tradução esse emergir, por exemplo, do sinal para “texto fonte”, a mão base é o papel, a mão em ação é produzida a partir desse papel (local) e tem movimento do sinal, nesse contexto referenciando-se à língua da qual se traduz.

Outro termo comum na perspectiva linguística é “língua original” ou “texto original”. Esse termo carrega a ideia de que o texto do qual se traduz é o original, é o texto verdadeiro, é autêntico e a tradução é uma cópia. Optou-se por usar o sinal mais comum em Libras relacionado ao conceito de verdadeiro, empregado inicialmente em meio à explicação em aula e depois posicionado do lado esquerdo do locutor para se referir à “língua original” ou “texto original”. Na figura do quadro 4, apresentamos apenas o sinal de “original” podendo ele ser precedido pelo sinal de “língua” ou de “texto”.

Quadro 4: Língua original e Língua da tradução

	Língua original	Língua da tradução
I M A G E M	 <a href="https://br.freepik.com/vetores-gratis/carimbo-de-borracha-de-qualidade-original-ou-conjunto-de-etiquetas_13732381.html#query=aut%C3%AAntico&amp;position=1&amp;from_view=search">https://br.freepik.com/vetores-gratis/carimbo-de-borracha-de-qualidade-original-ou-conjunto-de-etiquetas_13732381.html#query=aut%C3%AAntico&amp;position=1&amp;from_view=search</a>	 <a href="https://br.freepik.com/vetores-premium/plugin-de-tradacao-traduzir-idiomais-ilustracao-em-vetor-icone-design-plano_19026744.htm#page=2&amp;query=%C3%ADeone%20texto%20traduzido&amp;position=12&amp;from_view=search">https://br.freepik.com/vetores-premium/plugin-de-tradacao-traduzir-idiomais-ilustracao-em-vetor-icone-design-plano_19026744.htm#page=2&amp;query=%C3%ADeone%20texto%20traduzido&amp;position=12&amp;from_view=search</a>
S I N A L		

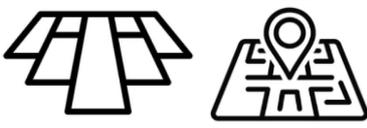
Fonte: Produzido pelos autores

O texto original leva um selo, como um carimbo que bate no papel. Tanto que o sinal requer a produção de um toque na mão base como se batesse esse “carimbo” atestando a sua autenticidade. A língua traduzida ou língua da tradução é sinalizada apenas com o sinal convencional de tradução.

Os sinais emolduram o significado inerente à perspectiva teórica da qual o termo-científico é empregado e são diferentes dos termos apresentados por outras perspectivas teóricas dos Estudos da Tradução.

Como mencionado na seção teórica desse artigo, a Perspectiva Funcionalista enfoca outros aspectos no processo de tradução e utiliza os termos “texto base” e “texto meta” para se referir às línguas envolvidas na tradução.

Quadro 5: texto base e texto meta

	Texto base	Texto meta
I M A G E M	 <p>Chão ou base</p> <p><a href="https://www.flaticon.com/br/buscar?word=ch%C3%A3o&amp;order_by=4">https://www.flaticon.com/br/buscar?word=ch%C3%A3o&amp;order_by=4</a></p>	 <p>Língua meta ou foco</p> <p><a href="https://www.flaticon.com/br/icones-premium/meta_4451233?term=meta&amp;page=1&amp;position=3&amp;page=1&amp;position=3&amp;related_id=4451233&amp;origin=search">https://www.flaticon.com/br/icones-premium/meta_4451233?term=meta&amp;page=1&amp;position=3&amp;page=1&amp;position=3&amp;related_id=4451233&amp;origin=search</a></p>
S I N A L		

Fonte: Produzido pelos autores

O termo “texto base” implica compreender que o texto do qual se traduz serve como sustentação para a tradução, é a partir dele que se produz a tradução. Portanto, após usar a datilologia B-A-S-E se mostra para os alunos as acepções dessa palavra em português, ou seja, outros contextos em que pode ser empregada, por exemplo: A minha mãe faleceu, perdi a minha base. A minha família é a minha base. Esse pilar é a base da casa.

No processo de aula dialogada percebemos o quanto a mão esquerda servia como essa base para se referir a língua da qual se traduz e a mão direita fica com a tarefa de indicar o movimento da língua, ora sendo extraída e ora sendo colocada. Então, um dos alunos coloca uma mão sobre a outra sobrepondo duas bases e retirando essa base do “chão” aproximando-a do tradutor (corpo do sinalizador) que lê e interpreta essa mensagem para produzir a tradução. É na dinâmica do diálogo, do dizer e dizer novamente sobre o assunto, das diferentes formas de enunciar sobre os conceitos e do exercício da metalinguagem que os sinais termos foram sendo criados. Essa forma de se expressar em Libras para o termo “texto base” funcionou para explicar e logo para se referir ao termo (ver quadro 5, coluna da esquerda).

Estudando com os alunos a Perspectiva Funcionalista de tradução, parece-nos que o que mais se diferencia nessa perspectiva é que a tradução se reflete na cultura de chegada, onde o tradutor deve ter em mente o público e a função do texto. Então, o foco da tradução não está em servir ao autor ou ao texto base, mas ao *skopo* (objetivo, finalidade, propósito ou função), ou seja, tem como base a prioridade do *skopo* do texto de chegada nas escolhas estratégicas do tradutor. Se utilizássemos um sinal para meta, se confundiria com o “texto alvo”, mesmo da teoria anterior. Dessa forma, a partir de parte da explicação dos conceitos, os alunos “recortaram” outro aspecto para criar o sinal-termo. A motivação foi o F-O-C-O, considerando o público e o gênero textual como focos do tradutor.

Para a produção do sinal do termo “texto meta”, uma mão serve de base representando o papel (base material) e a outra mão produz parte do sinal “foco” que se direciona para a mão fixa que representa a tradução. (ver figura no quadro 5, coluna da direita). Nesse sentido, a motivação do sinal está no sentido de foco, meta do texto traduzido. É importante destacar que o “objetivo (função) da translação determina o método tradutório. Esses princípios se fundamentam, [...] no pressuposto de que a tradução vai muito além dos aspectos linguísticos e precisa se apoiar em uma teoria da comunicação humana e da cultura”. (BEVILACQUA, 2018, p. 438).

Também estudamos na disciplina de fundamentos de Estudos da Tradução que a Perspectiva Pós-moderna (Desconstrutivista) e a Perspectiva Enunciativo-discursiva da Linguagem assemelham-se ao dar destaque ao papel do(a) tradutor(a) e aos aspectos históricos, ideológico-linguísticos, sociais e políticos no momento da tradução.

Assim, o texto do qual se traduz não detém o significado em si mesmo, depende do que o tradutor compreende, interpreta e como o(a) tradutor(a) vai fazer as correlações entre o texto de partida e a sua tradução. Essa visão não é bilateral (de um texto para outro), mas problematiza outros aspectos da tradução. Por um lado, “ênfatiza o aspecto da interpretação subjetiva da leitura e da tradução de um texto, por outro lado, pretende anular o outro pólo da verdade, ou seja, o aspecto objetivo da compreensão e tradução de um texto” (SOUZA, 1998, p. 57).

Em todo o processo da aula para explicar essa perspectiva diferente, inclui-se no esquema imagético o “personagem” tradutor. Aqui a relação não se estabelece conceitualmente apenas entre línguas, mas entre o material de partida e a tradução está a interpretação e ação do tradutor (ver quadro 6).



traduzido a partir das suas estratégias, escolhas, sendo demarcados pelas características sintáticas, lexicais e de construção do discurso, de forma mais amplo.

No que diz respeito à relação entre o tradutor e o texto de partida, a pedagogia tradicional, na sua preocupação em eliminar as divergências e em nome do que é “objetivamente” correto e adequado, acaba, segundo Arrojo, por impor uma leitura autoritária do texto a ser traduzido, uma determinada concepção de tradução e uma única maneira “certa” de realizar a atividade (ibidem). O novo desafio que surgiu nos últimos tempos é precisamente a aceitação e a valorização da diversidade, juntamente com a reflexão crítica envolvida no processo de se avaliar estratégias e soluções distintas. (MARTINS, 2006, p. 38).

Nesse sentido, os sinais produzidos para “texto de partida” e “texto de chegada” têm a intenção de focar no papel do tradutor. A associação está na leitura do tradutor e na entrega dessa mensagem na outra língua.

## **Implicações da tradução de termos dos Estudos da Tradução para a Libras para a formação de TILS**

### **- Participação dos alunos: implicações pedagógicas**

Alguns pontos precisam ser discutidos sobre a convenção em sala de aula de sinais-termos para conceitos das teorias estudadas. Na abordagem socioconstrutivista do ensino da tradução, os alunos são co-participantes do diálogo sobre os conceitos, confrontando o que já conhecem e os novos conhecimentos. Esse espaço de diálogo, e conseqüentemente de “fala dos alunos”, os coloca na posição de enunciador, ou que requer o domínio da linguagem para se expressar sobre as teorias. Conhecer e falar sobre as teorias têm um papel importante para a aprendizagem.

Quando os aprendizes são confrontados com visões distintas, eles aprendem a avaliar as vantagens e as desvantagens de diferentes pontos de vista e a escolher as mais viáveis; o professor também dá as suas sugestões, que não devem ser entendidas como a palavra final. Efetivamente, o que as novas abordagens visam promover não é a libertação do sujeito, como quer o pensamento “moderno”, e sim uma variedade maior de estilos de participação (MARTINS, 1996, p. 38).

Essa dinâmica de “educação que tenha o propósito de criar condições para um espaço público de discussão em que as pessoas possam confrontar seus diferentes pontos de vista” promove uma aprendizagem mais significativa (p.37). No caso de se ministrar disciplinas ricas em termos-conceitos que carecem de sinais, os alunos são convidados não só a se expressar, mas a sua forma de expressão em Libras é aproveitada e reconfigurada em outros enunciados. A cada participação os sujeitos

envolvidos na discussão vão aprofundando e compreendendo melhor os conceitos. Seja para concordar ou discordar do enunciado pelos colegas no fluxo do diálogo.

No percurso do diálogo, os alunos vão explorando extensas redes de expressão em Libras, construindo e reconstruindo enunciados como sentenças formadas por quatro ou cinco sinais. No processo de diálogo, facilmente, ocorre a redução dessas longas expressões. É importante destacar que os sinais foram produzidos a partir das explicações, das exposições e das exemplificações produzidas ao longo das aulas dialogadas. Para Alves e Rodero-Takahira (2021), o processo redução vocabular como um processo de formação de sinais na Libras é proveniente de um corte morfológico que ocorre em todos os tipos de compostos e está intimamente ligado à economia linguística.

Para a formação dos sinais-termos apresentados na seção de descrição deste artigo, eles sofreram essa redução. Verificamos ser recorrente uma mão (base) produzir parte de um sinal e a outra mão (ativa) produzir parte de outro sinal já convencionalizado, geralmente, associados aos ícones. Uma construção imagética motivada por algo concreto que expande seus sentidos para o conceito abstrato do campo dos Estudos da Tradução.

Ter como enunciar, poder utilizar um sinal-termo para explicar sobre novos conceitos propicia aos alunos uma aprendizagem mais efetiva. Na carreira como docentes, percebemos como a área de Estudos da tradução tem evoluído e o quanto os alunos vão ampliando seu vocabulário e conhecimento especializado, contribuindo com a metalinguagem.

#### **- Evolução do conhecimento do campo dos Estudos da Tradução em Libras**

Outro aspecto que a dinâmica de criação de termos-sinais implica é a ampliação terminológica da Libras. Concordamos com Waquil (2017) que a tradução dos termos contribui com a evolução do conhecimento do campo dos Estudos da Tradução para diferentes povos e culturas.

“As línguas de sinais, em especial a LSB [Libras], são línguas ainda carentes de produção científica e especializada na elaboração de dicionários, sejam eles monolíngues, bilíngues ou semi bilíngues” (SANTOS, 2017, p. 85). A sua aplicação em aulas e surgindo de forma espontânea em interações situadas pode contribuir para a compreensão dos alunos surdos, a incorporação em seu vocabulário e talvez uma futura planificação desses sinais-termos em Libras.

Considerando o número crescente de surdos inscritos em cursos de graduação na área de tradução, em programas de pós-graduação de linguística e Estudos da Tradução, a preocupação com trabalho é essencial para contribuir com a tradução de materiais didáticos como com o ensino tendo a Libras como língua de instrução também nos níveis mais elevados de educação.

### **Considerações finais**

A partir de uma proposta didática fundamentada pedagogicamente e utilizando uma metodologia dialógica, os alunos e professores em aula de Estudos da Tradução têm como princípio o diálogo, a explicação, a exemplificação, a argumentação e a conceituação. Todo esse processo interativo aconteceu em Libras o que requer modos de enunciar as ideias dos interlocutores.

Apresentamos neste artigo os aspectos conceituais de diferentes abordagens teóricas dos Estudos da tradução, principalmente, para as concepções sobre as línguas envolvidas na tradução, dando enfoque a língua da qual se traduz e da língua para qual se traduz.

O objetivo deste artigo foi tocar brevemente na questão da metalinguagem como forma de introduzir o aprendiz ao mundo dos Estudos da Tradução por meio da Libras como língua de instrução e, para tanto, foi necessário produzir formas de enunciar os termos repletos de aspectos conceituais e vinculados a diferentes correntes teóricas dos Estudos da Tradução.

Retomamos os processos interativos em sala de aula indicando o uso da datilologia em um primeiro momento, passando a exemplificações e o aproveitamento de parte dos sinais empregados no diálogo para a convenção de sinais-termo a serem usados nas aulas para se referir às línguas envolvidas na tradução, agora, com a possibilidade de, a partir dos sinais-termo elaborados, a possibilidade de identificação de abordagens específicas e de comparação por meio das formas de dizer de cada abordagem, específicas e distintas também em língua de sinais.

### **Referências:**

ALBRES, N. de A.; RODRIGUES, C. H. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, [S.l.], v. 13, n. 3, p. Port. 16-41 / Eng. 16-42, set. 2018. ISSN 2176-4573.

ALVES, Delmir Rildo, RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. A redução vocabular como processo de criação lexical: uma análise do fenômeno na Libras. **Signótica**. v.33, 2021.

ALVES, Fábio. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. **Cadernos de tradução**. v. 2 n. 14, 2004. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6481>

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-43.

AVELAR, T. F. **A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC**: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal ‘cultura’. 111f. Dissertação de Mestrado apresentada na Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC: Florianópolis, 2010.

AYRES, D. J.; SOUZA, E. M. de F. Letramento escolar: a aula como gênero discursivo. Anais: **67ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)**. 12 a 18 de julho de 2015, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP.

ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: buscando Rigor e Qualidade. **Cadernos de pesquisa**, nº 113, julho de 2001, p. 51-64. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>

AGUIAR, Ofir B. **Abordagens Teóricas da Tradução**. Goiânia: Editora UFG, 2000.

ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2ª edição, Campinas: Pontes, 2003.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução** – A teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.

BAKER, M. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. (Org.). **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 15-35.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13ª edição. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 2009.

BEVILACQUA, C. R. As propostas de Nord e Hurtado Albir: aproximações teóricas nos estudos de tradução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39002>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BEZ, Alessandra da Silveira. **Tradução**: palavras (des) construídas e (in) acabadas. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br]. [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_16\\_traducao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_traducao.pdf)

DELISLE, J. **La traduction raisonnée**. Les Presses de l’Université d’Ottawa, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397>

GOMES, Bianca Antonio. Pesquisa e desenvolvimento de Glossário de sinais em Libras para termos técnicos das áreas de Fotografia, Animação e Design Gráfico.

Sánchez, J. (2018) Editor. **Nuevas Ideas en Informática Educativa**, Volumen 14, p. 121 - 125. Santiago de Chile. <http://www.tise.cl/Volumen14/TISE2018/121.pdf>

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Gredos. 2001.

LEITE, Tarcísio Arantes. **Seminário V**: Extensão semântica e mudança lexical na Libras. Grupo de Estudos e Pesquisa PORLIBRAS. 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uc9afqdfNLg>

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Formação e Competências de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais em Interpretação Simultânea de Língua Portuguesa-Libras: Estudo de Caso em Câmara de Deputados Federais**. Tese (Doutorado). Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3478/Tese%20Fl%C3%A1via%20Medeiros%20C3%81lvaro%20Machado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MARTINS, Márcia A. P. Novos desafios na formação de tradutores. In: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, 2006. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6855>

NECKEL, F. M. – A questão da metalinguagem em uma disciplina de introdução aos estudos da tradução: uma proposta de unidade didática. **TradTerm**, São Paulo, v. 26, Dezembro/2015, pp. 57-86. <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/113320/111262>

NORD, Christiane. **Texto-Base-Texto Meta**: un modelo funcional de análisis pretrastlativo. Castelló de la Plana: Publicacions Universitat Jaume I. 2012.

PAGANO, Adriana Silvina & VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa. 2003. 'Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990'. In: **DELTA**, 19/especial. Disponível em: <http://goo.gl/Vu6EM> - Último acesso em 07/01/2022.

PYM, Anthony et al. Exploring Translations Theories. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 214-317, 2016.

PYM, Anthony. Localizing localization in translator-training curricula. 1999. Disponível em: <<http://www.fut.es/~apym/on-line/localization.html>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

RODRIGUES, C. H. Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, v. 15, p. 197-222, 2018.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil. **Belas Infiéis**, v. 8, p. 147- 164, 2019.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin- Ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas Didáticas. **Anais do SIGET**, 2007, p. 1761-1776.

SANTOS, P. T. dos. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Brasília – DF, 2017.

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017\\_PatriciaTuxidosSantos.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017_PatriciaTuxidosSantos.pdf)

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. Presença do tradutor no discurso reportado da edição brasileira de madame bovary. **Ao pé da letra**, 6.1:48-62, 2004, pp. 01-15.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da tradução. **Revista de letras**. No 20 vol. 12 jan/dez, 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/r120Art09.pdf> Último acesso em: 22/04/22.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br]. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_16\\_entrevista.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf)

Xavier, André Nogueira. **Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (libras)**. 2014. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271137>

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos estudos da tradução**. 1º período, Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos estudos da tradução: teorias, histórias e prática**. 2º período, - 2. ed. - Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, p. 124, 2011.

WAQUIL, Marina Leivas. **Traduzindo “traducción y traductología”**: problemas terminológicos de tradução. Tese. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Aletre, 2017. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166273/001027759.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Imagens: Ícones extraídos de freepik. <https://br.freepik.com>

## EFEITOS DE MODALIDADE NA INTERPRETAÇÃO INTERMODAL DE FÁBULAS NO PAR LINGUÍSTICO LIBRAS- PORTUGUÊS: RECORTE DE UMA PESQUISA EMPÍRICO- EXPERIMENTAL

### MODALITY EFFECTS IN INTERMODAL INTERPRETING OF FABLES BETWEEN LIBRAS AND PORTUGUESE CONSIDERING AN EMPIRICAL-EXPERIMENTAL RESEARCH

Vitória Tassara<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Rodrigues<sup>2</sup>  
Norma Barbosa de Lima Fonseca<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresenta-se parte dos resultados de um estudo piloto de uma pesquisa que, utilizando uma metodologia empírico-experimental, investigou a direcionalidade na interpretação intermodal entre Libras e português, com enfoque nos possíveis efeitos de modalidade que influenciariam a atuação de um intérprete de Libras-português na interpretação de fábulas. Um questionário foi preenchido por 142 respondentes para selecionar esse participante, que realizou duas tarefas de interpretação simultânea intermodal. Nas tarefas de interpretação, utilizaram-se duas fábulas de Esopo como texto-fonte (TF), que foram interpretadas nas duas direções: direta (Libras-português) e inversa (português-Libras). Baseou-se no referencial teórico sobre interpretação e narração de fábulas em Libras (CASTRO, 2012), interpretação intermodal (RODRIGUES, 2013; 2018) e estratégias interpretativas (BARBOSA, 2020). As análises dos resultados dos efeitos de modalidade identificados na investigação indicaram o uso de classificadores e a utilização de estratégias específicas ligadas à modalidade das línguas envolvidas no processo interpretativo. Conclui-se que, como as fábulas interpretadas no estudo piloto são altamente imagéticas, apenas o conhecimento dos sinais não é suficiente para realizar as tarefas de interpretação, sendo necessário o domínio de classificadores e de outras estratégias específicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpretação intermodal. Libras-português. Efeitos de modalidade.

**ABSTRACT:** In this article, we present some partial results of a pilot study that used an empirical methodology to investigate directionality in intermodal interpreting between Libras and Portuguese, focusing on possible modality effects that would influence the performance of a Libras-Portuguese interpreter when interpreting fables. A questionnaire filed out by 142 respondents was used to select this participant, that performed two tasks of simultaneous intermodal interpreting. In the interpreting tasks, two Aesop's fables

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Estudos da Tradução na mesma instituição. Email para contato: [vitória.tassara@posgrad.ufsc.br](mailto:vitória.tassara@posgrad.ufsc.br)

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Federal de Santa Catarina. Email para contato: [carlos.rodrigues@ufsc.br](mailto:carlos.rodrigues@ufsc.br)

<sup>3</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora no Colégio Militar de Belo Horizonte. Pesquisadora voluntária no LETRA-UFGM. Email para contato: [normabarbosa@gmail.com](mailto:normabarbosa@gmail.com)

were used as source texts (ST), and were interpreted in both directions (direct, Libras-Portuguese and inverse, Portuguese-Libras). We have adopted a theoretical framework about fables' narratives and interpreting in Libras (CASTRO, 2012), about intermodal interpreting (RODRIGUES, 2013; 2018) and interpreting strategies (BARBOSA, 2020). The analyses of the results concerning modality effects identified in the research indicated a high use of classifiers and the adoption of specific strategies linked to the modality of the languages involved in the interpretive process. It is concluded that, as the fables interpreted in the pilot study are highly imagetic, only the knowledge of the signs is not enough to perform the interpreting tasks, requiring knowledge on how to use classifiers and other specific strategies.

**KEYWORDS:** Intermodal interpreting. Libras-Portuguese. Modality effects.

## Introdução

Os Estudos da Tradução (ET), campo disciplinar que abarca pesquisas que se utilizam de diversas abordagens para estudar o fenômeno da tradução em suas diversas manifestações, consolidaram-se na segunda metade do século XX. Posteriormente ao processo de consolidação dos ET também se estruturam os Estudos da Interpretação (EI).

No âmbito desses dois campos disciplinares, na última década surge uma área que enfoca principalmente a pesquisa sobre a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais, a qual passa a se constituir como um campo disciplinar específico, denominado Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS). Nesse campo, localiza-se a pesquisa cujos resultados são relatados neste artigo, a qual objetivou investigar, por meio de um estudo piloto, possíveis efeitos de modalidade das línguas de sinais na interpretação simultânea intermodal de fábulas entre a Libras e o português.

Um questionário *online* foi aplicado para a seleção do participante do estudo piloto, que é um tradutor e intérprete de Libras e português (TILS). Esse participante selecionado realizou duas tarefas de interpretação intermodal, Libras-português, de duas fábulas, além de participar de uma entrevista semiestruturada e de relatar livremente sobre seu desempenho em protocolos verbais retrospectivos.

Salienta-se que as tarefas realizadas no estudo piloto tratam-se de interpretações simultâneas intermodais, visto que o par linguístico envolvido no processo era composto por línguas de modalidades diferentes, a saber: a Libras, uma língua de modalidade gestual-visual, e o português, uma língua de modalidade vocal-auditiva. A modalidade de uma língua pode ser definida como os meios através dos quais a língua é expressada, ou seja, por meio de “[...] sistemas físicos ou biológicos de transmissão nos quais a fonética

da língua se manifesta<sup>4</sup>” (MCBURNEY, 2004, p. 351). Além disso, a partir das discussões sobre modalidade e intermodalidade, também são feitas reflexões sobre a direcionalidade dos processos interpretativos intermodais.

A direção<sup>5</sup> de um processo interpretativo tem relação com as línguas utilizadas pelos intérpretes e tradutores. De acordo com Baker e Saldanha (2009), a direcionalidade refere-se “a tradutores trabalhando de uma língua estrangeira para suas línguas maternas, ou vice-versa<sup>6</sup>” (BAKER; SALDANHA, 2009, p. 84). Considerando a língua materna do TILS que realizou o estudo piloto, adotou-se a seguinte terminologia: interpretação direta ou vocalização (Língua B para Língua A: Libras→português) e interpretação inversa ou sinalização (Língua A para Língua B: português→Libras).

Nesse sentido, discute-se sobre os efeitos de modalidade na interpretação simultânea intermodal entre Libras e português, uma vez que as habilidades e competências requeridas para a efetivação da interpretação nas duas direções são diferentes, haja vista as características operacionais e cognitivas de cada um dos processos. Por exemplo, como aponta Rodrigues (2018), bem como Lourenço (2015) e Padden (2000), a vocalização demanda “[...] habilidades específicas para unidimensionalizar/linearizar informações multidimensionais/simultâneas” (RODRIGUES, 2018, p. 125), enquanto a sinalização requer que o intérprete utilize os parâmetros da Libras de modo a construir imagetivamente as informações que quer transmitir, e os recursos visuais da língua, visto que “a modalidade visual permite a criação de *pictures*<sup>7</sup> [cenas imagéticas]” (NAPOLI; SUTTON-SPENCE, 2014, p. 12).

A partir do conhecimento dessas características de cada língua, questiona-se se cada direção interpretativa requer o uso de estratégias de interpretação distintas, sendo as estratégias definidas como “procedimentos que permitem reduzir dificuldades e possibilitar um uso mais efetivo das habilidades disponíveis para realizar uma determinada tarefa<sup>8</sup> [...]” (HURTADO-ALBIR, 2001, p. 637). Pavan (2018), por sua vez, define estratégias como os “recursos utilizados pelos profissionais para alcançar objetivos específicos durante a interpretação [...]” (PAVAN, 2018, p. 22). Assim, parte-se da

---

<sup>4</sup> Tradução de: “[...] the physical or biological systems of transmission on which the phonetics of a language relies”.

<sup>5</sup> Neste artigo, os conceitos de direção de interpretação e direcionalidade do processo são intercambiáveis.

<sup>6</sup> Tradução de: “[...] usually refers to whether translators are working from a foreign language into their mother tongue or vice versa”.

<sup>7</sup> Tradução de: “[...] the visual modality entails creating pictures”.

<sup>8</sup> Tradução de: “Procedimientos que permiten subsanar deficiencias y hacer un uso más efectivo de las habilidades disponibles al realizar una tarea determinada [...]”

hipótese de que línguas de diferentes modalidades requerem, conforme a direcionalidade, estratégias distintas durante o processo interpretativo.

Dessa forma, para relatar e discutir os resultados encontrados, este artigo está estruturado com esta introdução, com os fundamentos teóricos pertinentes, com os aspectos metodológicos mais importantes da pesquisa e, em seguida, com os principais resultados sobre os efeitos de modalidade e estratégias na interpretação simultânea intermodal de fábulas e as considerações finais.

### Referencial teórico

Como mencionado na introdução, a modalidade<sup>9</sup> de uma língua apresenta especificidades quando considerada em um processo tradutório ou interpretativo. Os efeitos de modalidade resultam das características inerentes às línguas gestuais-visuais, as quais influenciam a interpretação e a tradução intermodal a partir de alguns elementos como a simultaneidade que se destaca nas línguas de sinais, sua sintaxe espacial e o fato de que as línguas gestuais se manifestam nos movimentos do corpo do sinalizante, estabelecendo a visibilidade obrigatória dos interlocutores (RODRIGUES, 2018; SILVA, 2021).

Corroborando esse fato, Rodrigues (2013, p. 114) afirma que as línguas de sinais possuem “dispositivos linguísticos específicos (expressões faciais gramaticais, classificadores, possibilidade de os sinais incorporarem informações etc.)”, o que leva à constatação de que esses elementos específicos influenciam o fazer tradutório e/ou interpretativo intermodal. Sendo assim, dependendo da direção do processo, diferentes habilidades são demandadas, e distintas gamas de estratégias podem ser colocadas em prática pelo intérprete intermodal. Além disso, é interesse mencionar que as línguas gestuais, como a Libras, são tipicamente visuais e as línguas vocais, especificamente o português, tendem a ser mais linearmente organizadas.

As diferenças nas condições de produção e recepção das línguas vocais e das línguas gestuais impactam a condução da interpretação por parte do intérprete intermodal, que, além de lidar com as variáveis inerentes ao processo interpretativo (tipo de interpretação, gênero interpretado, direcionalidade etc.), também precisa lidar com as implicações da intermodalidade. Nessa perspectiva, com relação as especificidades da

---

<sup>9</sup> O termo “modalidade” é polissêmico e também pode ser entendido como o tipo de interpretação, por exemplo como a modalidade da interpretação (simultânea, consecutiva, etc.) ou diferentes modalidades de tradução (tradução literária, legendagem, interpretação de/para/entre línguas de sinais, etc.).

interpretação simultânea intermodal, são detalhadas por Rodrigues (2013):

o processo de IS [interpretação simultânea] entre línguas de modalidades distintas, oral-auditiva e gesto-visual, como um processo singular que se diferencia substancialmente da interpretação entre línguas de mesma modalidade no que se refere ao efeito da diferença de modalidade sobre a interpretação [...]. Portanto, além de ser um processo interlinguístico, a interpretação do Português para a Libras é, também, um processo intermodal, fato que traz significativas implicações à atuação dos tradutores e dos intérpretes de Libras-Português. O denominado efeito de modalidade relaciona-se, por exemplo, às diferentes propriedades dos articuladores das LO [línguas orais] e das LS [línguas de sinais], à diferença na taxa de produção dessas línguas e ao uso dos dispositivos linguísticos específicos da LS na atribuição e maximização da semelhança interpretativa [...]. (RODRIGUES, 2013, p. 226)

Assim, os elementos evidenciados pela intermodalidade demandam do tradutor e do intérprete habilidades específicas, que não necessariamente seriam requeridas em uma situação interpretativa intramodal. Entretanto, além da modalidade das línguas envolvidas no processo interpretativo, sabe-se que outros fatores influenciam o *delivery* do texto-alvo (TA), como o par linguístico, o gênero do TF e a direção do processo.

A direcionalidade do processo tradutório e interpretativo pode influenciar o uso de estratégias e apresentar relação com preferências subjetivas e de ordem formativa dos profissionais. Ferreira (2010, p. 28), por exemplo, ao relatar sobre uma pesquisa acerca dos processos intramodais vocais-auditivos, no par linguístico inglês-português, afirma que “de maneira geral, a tradução inversa foi vista, ainda nos primeiros anos do auge dos estudos tradutórios, de forma extremamente negativa por parte dos pesquisadores”. Em contrapartida, considerando a interpretação intermodal, os resultados da pesquisa de Nicodemus e Emmorey (2013), realizada com intérpretes ouvintes do par linguístico inglês-Língua de Sinais Americana (ASL), apontam para a preferência de intérpretes intermodais em atuar na direção inversa (inglês para ASL).

No caso da língua de sinais, o histórico de seu estabelecimento pode indicar a razão pela qual há uma maior demanda pela interpretação inversa (português-Libras), dado o aumento da inserção das comunidades surdas nos mais diversos segmentos da sociedade. Assim, conforme as pessoas surdas ocupam e se apropriam de variados espaços, há o aumento da demanda por tradução e interpretação para as línguas de sinais (sinalização) — de modo que essas pessoas possam se apoderar das informações circulantes nesses espaços.

Considerando-se outros pares linguísticos e outras circunstâncias, um maior número de traduções pode ser demandado em outra direção. Por exemplo, a circulação de

literatura estrangeira no Brasil requer a tradução direta (línguas estrangeiras para o português), se considerarmos tradutores que possuem o português como sua Língua A e uma determinada língua estrangeira como sua Língua B. Como é apresentado em Silva (2021),

diferentemente dos intérpretes intramodais de línguas vocais, que geralmente preferem atuar na direção B→A, aparentemente a maioria dos intérpretes intermodais preferem interpretar da língua vocal (sua L1) para a língua de sinais (sua L2), ou seja, na direção A→B, isso devido a uma diversidade de fatores linguísticos e não linguísticos, como, por exemplo, a possibilidade de uso de alguns recursos que facilitam a produção em língua de sinais quando não se sabe como traduzir algo, como o *mouthing* (i.e., articulação labial de palavras) e a datilologia. (SILVA, 2021, p. 39)

Dessa forma, é possível afirmar que a interpretação intermodal entre Libras e português apresenta, além das características inerentes a quaisquer processos interpretativos intermodais, especificidades que estão diretamente ligadas à direcionalidade. Indo mais além, na interpretação *simultânea* intermodal entre essas duas línguas, o intérprete também necessita lidar com elementos que surgem em decorrência da modalidade da interpretação, da direção do processo e do gênero textual do TF e do público ao qual o TA se destina.

A interpretação simultânea entre Libras e português pode ocorrer em uma variedade de contextos (contexto educacional, médico, jurídico etc.). A interpretação analisada neste artigo caracteriza-se pela utilização de um gênero textual muito específico como TF, as fábulas. Esse gênero de texto ficcional se configura como histórias curtas, tendo majoritariamente animais falantes como personagens, geralmente apresentando uma lição de moral ao final, e que, normalmente, é considerado literatura infanto-juvenil.

Assim, os contextos nos quais esse gênero textual mais tende a aparecer seriam os contextos educacionais e culturais, podendo a interpretação simultânea intermodal de fábulas ser demandada desde em salas de aulas até em museus e eventos culturais. Nesse sentido, Castro (2012) aponta que as fábulas também apresentam especificidades quando traduzidas ou interpretadas para línguas de sinais destinadas ao público surdo. Segundo o autor,

partindo do princípio de que surdos são pessoas com experiência visual de vida, a visualidade deveria ser sempre mais enfatizada nas produções em língua de sinais, especialmente na tradução das fábulas e contos, que são textos expressivos e necessitam de componentes imagéticos bem constituídos para a visualização das histórias. (CASTRO, 2012, p. 119)

Dessa forma, é possível afirmar que a interpretação intermodal simultânea de fábulas apresenta uma série de desafios ao intérprete intermodal, que necessitará mobilizar estratégias específicas ligadas à modalidade das línguas (aspectos da intermodalidade), ao tipo da interpretação (simultânea), ao gênero do TF (fábulas, um gênero altamente imagético, com aspectos alegóricos) e ao público-alvo do TA (faixa etária e aspectos culturais/sociais das comunidades surdas). Assim, a escolha de estratégias interpretativas empregadas nesse tipo de interpretação será perpassada por todos esses fatores.

Sabe-se que um número significativo de pesquisadores filiados aos ET, EI e ETILS realizaram pesquisas sobre o uso de estratégias tradutórias e/ou interpretativas. Neste artigo, consideram-se as categorias de estratégias rerepresentadas por Barbosa (2020), que, baseado em Leeson (2005), traduz quatro estratégias principais: omissão, adição, substituição e paráfrase. Optou-se por analisar os dados a partir dessas estratégias, visto que são comumente analisadas em variados *corpora* de pesquisas na área de tradução. A conceituação completa das estratégias pode ser encontrada em Leeson (2005), e a tradução utilizada neste artigo foi produzida por Barbosa (2020).

A *omissão* refere-se ao apagamento de alguma informação presente no TF, a qual não é veiculada no TA. A *adição* trata-se de adicionar informações que não estão presentes no TF ou que não estão tão explícitas, oferecendo um TA mais completo ao público. A *substituição* acontece em decorrência do aumento de fluxo de informações recebidas pelo TF, substituindo termos e/ou informações para recuperar o *lag time* entre o recebimento do TF e a produção do TA. A *paráfrase* é utilizada quando as informações do TF não são reconhecidas pelo intérprete, que opta por parafrasear conceitos que não encontra na língua-alvo (LEESON, 2005 apud BARBOSA, 2020). Os procedimentos metodológicos empregados para analisar essas estratégias e para coletar os dados são detalhados na próxima seção.

## Metodologia

A pesquisa empregou uma metodologia empírico-experimental<sup>10</sup> de coleta e de análise, e por ser um estudo que envolve seres humanos, foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina,

---

<sup>10</sup> Abordagens empíricas e/ou pesquisas empírico-experimentais têm relação com o estudo de fenômenos a partir de sua observação. Geralmente utilizam-se ferramentas que permitem ao pesquisador analisar os dados a partir dos acontecimentos espontâneos gerados no/pelo objeto de pesquisa.

com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética número 14651019.1.0000.0121. Assim, com o objetivo de investigar a direcionalidade na interpretação simultânea intermodal, no par linguístico Libras-português, contou-se com a aplicação de um questionário *online*, disponibilizado via redes sociais, para a seleção de um participante para o estudo piloto.

O questionário abrangia perguntas sobre o perfil pessoal, acadêmico e profissional dos respondentes, com o objetivo de selecionar o participante que mais se adequasse aos seguintes critérios previamente estabelecidos: (i) ser tradutor e intérprete de Libras-português, tendo essa como sua principal atuação profissional, por, no mínimo, cinco anos; (ii) ter o português como Língua A e a Libras como Língua B; (iii) não ter preferência por nenhuma direção de interpretação (direta ou inversa); (iv) atuar com frequência similar ou aproximada nas duas direções de interpretação; (v) ter experiência na interpretação de narrativas; e (vi) residir na cidade de Florianópolis ou em sua região metropolitana.

Esses critérios visavam a confiabilidade do estudo piloto, visto que, por exemplo, um tempo maior de atuação evitaria que, na coleta dos dados, aspectos advindos da insegurança de profissionais novatos, desconhecimento de elementos comportamentais da profissão, dentre outros, interferissem nas tarefas de interpretação. Era importante que o participante fosse ouvinte e tivesse o português como L1 e a Libras como L2 para que a variável “direcionalidade” pudesse ser analisada do modo o mais independente possível.

Nesse mesmo sentido, o fato de um intérprete ter preferência por uma determinada direção de interpretação já influenciaria e impactaria (positiva ou negativamente) a tarefa interpretativa; assim como uma frequência desproporcional entre as práticas profissionais nas duas direções também poderia influenciar os resultados. Os dois últimos critérios relacionam-se, respectivamente, à importância de o participante já ter tido familiaridade com textos do gênero narrativo — para que o efeito de um possível desconhecimento das características do gênero dos TFs selecionado para a coleta não se sobrepusesse sobre a análise da direcionalidade—, e à necessidade de o participante residir nas proximidades do local onde a coleta de dados seria realizada, a saber, na Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis.

Os textos utilizados como TFs nas tarefas de interpretação simultânea intermodal eram duas fábulas — *A Lebre e a Tartaruga* e *O Leão e o Camundongo* — da autoria de

Esopo. Dois livros baseados nessas histórias e ilustrados por Jerry Pinkney foram narrados, respectivamente, em português oral por um contador de histórias ouvinte e em Libras oral por uma pessoa surda. Os vídeos dessas narrações foram utilizados como TFs para as tarefas interpretativas realizadas no estudo piloto.

A escolha dessas duas fábulas específicas como os insumos que geraram os TFs baseou-se em parâmetros que garantissem maior semelhança entre os textos para as duas tarefas. Tais parâmetros incluíram um gênero textual de comum circulação no contexto brasileiro e na comunidade surda (em escolas, em eventos culturais etc.), os dois livros serem do mesmo autor e possuírem número de páginas e traços similares.

Assim, justificada a escolha dos TFs, apresenta-se a seguir as etapas da metodologia de coleta de dados: (i) seleção do participante-intérprete por meio de questionário *online*; (ii) contato com o participante para a gravação do estudo piloto na Universidade Federal de Santa Catarina; (iii) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo participante e pela pesquisadora que conduziu a coleta; (iv) gravação das tarefas de interpretação simultânea intermodal direta e inversa; (v) realização de entrevista semiestruturada; e (vi) coleta dos protocolos verbais retrospectivos livres<sup>11</sup>. A condução de todas as etapas da coleta foi registrada em vídeo para posterior transcrição e análise.

A metodologia de análise dos possíveis efeitos de modalidade consistiu na criação de uma categoria de análise para cada direção com base na literatura pertinente e nos dados coletados. Desse modo, para a interpretação inversa (português-Libras), analisou-se a construção imagética da narração e, para a interpretação direta (Libras-português), a linearização de informações da fábula em português.

Em seguida, o uso de estratégias específicas ligadas à modalidade das línguas foi analisado a partir dessas categorias. Na transcrição dos dados, que consistiu em anotação pelo software ELAN das gravações em Libras e transcrição para o português escrito dos dados da narração na língua vocal, foram identificados os trechos em que se constatou a utilização das estratégias de omissão, adição, substituição e paráfrase, os quais evidenciaram os efeitos de modalidade na interpretação simultânea intermodal de fábulas. Alguns desses trechos são apresentados na próxima seção.

---

<sup>11</sup> Os protocolos verbais são ferramentas metodológicas de coleta de dados nas quais os participantes da pesquisa, após realizarem as tarefas do estudo, podem relatar e narrar aspectos que julgam interessantes sobre o que acabaram de realizar. Os protocolos verbais podem ser livres e/ou guiados, retrospectivos e/ou concomitantes.

## Resultados e discussão

Nesta seção são apresentados os resultados relevantes sobre efeitos de modalidade e uso de estratégias interpretativas na interpretação simultânea intermodal de fábulas nas duas direções: inversa e direta, a partir do desenvolvimento de um estudo piloto. Os resultados analisados neste artigo concentram-se naqueles coletados com uma entrevista semiestruturada e com protocolos verbais retrospectivos livres.

Na primeira tarefa, a direta (Libras para português), o participante interpretou a fábula *O Leão e o Camundongo*, da autoria de Esopo. A fábula conta a história de um leão que foi solidário ao não devorar um camundongo que cruzou seu caminho. Posteriormente, na história, o leão é capturado em uma armadilha armada por caçadores, e o mesmo camundongo o salva ao roer as cordas da armadilha.

Nessa tarefa, informações que, muitas vezes, estavam para além da língua em si, foram apresentadas ao intérprete de forma visualmente codificada. Isso pode ser comprovado quando o participante afirma que a dificuldade não foi entender os sinais em Libras, mas, sim, realizar a linearização dos classificadores para o português. Na entrevista ao final do estudo piloto, o participante responde que: “esse tanto de classificador dá *pra* passar pro português? Dá. Mas precisa de tempo *pra* fazer isso” (relato do participante do estudo piloto). Assim, fica explícito que o tempo no qual a interpretação simultânea ocorre é crucial. Muitas vezes, são utilizadas estratégias para interpretar essas informações de forma linear para o português com o uso, por exemplo, de explicações, explicitações, descrições etc.

Este fato é corroborado por Rodrigues (2013), ao afirmar que:

[...] os sinais ao serem enriquecidos com informações gramaticais ou incorporarem as qualidades de um referente, especificando movimento ou posição de pessoas e objetos ou, até mesmo, descrevendo tamanho e forma, demandam um tempo maior dos intérpretes, assim como maior esforço cognitivo, em sua tradução ou interpretação para uma língua oral. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

Assim, a vocalização apresentou ao intérprete dois fatores que foram destacados por ele como fatores dificultadores: (1) o tempo requerido para linearizar os classificadores da Libras para o português; e (2) o público-alvo e suas demandas. Como a fábula é um texto altamente imagético, que possui animais como seus personagens, e é destinado ao público infanto-juvenil, o participante relata que as dificuldades estavam na “questão do tempo [e] os classificadores são difíceis de observar” (relato do participante

do estudo piloto).

Com relação às estratégias mais utilizadas nessa direção (Libras-português), a omissão foi a mais frequente (com cinco ocorrências), seguida da adição (três ocorrências) e da paráfrase (duas ocorrências). Os trechos em que a omissão foi necessária geralmente eram aqueles com alta concentração de classificadores, pois, nessa tarefa, muitas vezes, o intérprete não teve tempo suficiente para desempacotar essas informações, optando por omitir detalhes menos relevantes para a história e substituí-los por generalizações em português.

Um exemplo do uso da estratégia de omissão combinada com a substituição pode ser encontrado no trecho em que o camundongo, ao se sentir ameaçado, corre em direção a um buraco em uma árvore e se esconde ali. A narração do vídeo em Libras (o TF) apresenta que o camundongo fica aliviado ao se sentir seguro. Entretanto, nem todas essas informações foram vocalizadas em português, conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Omissão e substituição na interpretação direta

Texto Fonte em Libras	Vocalização do mesmo trecho em Português
CORRER + CL (buraco-madeira) + CL (rato-entrar-buraco-madeira) + CL (rato-olhar-atrás) + CL (rato-alívio)	“[...] começou a correr atrás do rato que prontamente correu e se escondeu numa toca.”

Fonte: Os autores (2022).

Como é possível observar, esse trecho conta com uma grande concentração de classificadores, e a forma que o intérprete encontra para linearizar essas informações é omitindo o classificador final (rato-alívio) e substituindo a construção “buraco de madeira” por “toca”, ganhando tempo na vocalização. Assim, observa-se a combinação das estratégias de omissão e de substituição para linearizar as informações presentes nos classificadores na interpretação simultânea intermodal direta.

Além disso, a afirmativa de Rodrigues (2018, p. 125) de que “a complexidade de construções em língua de sinais, tais como os classificadores, precisam, muitas vezes, ser descritas e explicadas” foi corroborada pelo participante quando este responde que o mais difícil na tarefa direta foi o desempacotamento dos classificadores e o tempo para realizar tal feito. Nota-se que a omissão, no caso descrito no Quadro 1, também caminha a favor do tempo, pois, ao omitir o fato de o camundongo ter ficado aliviado por ter se escondido

em uma toca, o intérprete ganha tempo para linearizar as informações mais relevantes do trecho.

Na segunda tarefa, a inversa (português-Libras), a fábula *A Lebre e a Tartaruga*, da autoria de Esopo, foi interpretada. A história narra uma corrida entre uma lebre e uma tartaruga, na qual, contra todas as probabilidades, a tartaruga é a ganhadora. A lebre, sendo muito mais rápida que a tartaruga, tira um cochilo no meio da corrida, de modo que a tartaruga, em seu próprio ritmo, ganha a corrida.

Nessa tarefa, é necessário que as informações linearmente apresentadas em português sejam construídas imagetivamente e visualmente em Libras no espaço de sinalização, de modo a veicular a riqueza de detalhes e a grande densidade de informações visuais desse tipo de gênero textual, por exemplo, os sentimentos dos personagens da fábula, seus diálogos etc. Castro (2012) discute o que é necessário na sinalização de narrativas:

nessa composição imagética, é fundamental a utilização de recursos e estratégias narrativas [...] recursos estes que constituirão os meios para a visualização das histórias, com seu tempo e espaço próprio, seus personagens, a concatenação dos fatos e o encadeamento dos acontecimentos, além da determinação do ritmo da narrativa e até mesmo a ênfase que se queira dar a determinada passagem. (CASTRO, 2012, p. 119).

Essas necessidades são relatadas pelo participante-intérprete, quando este afirma que é preciso “conhecer uma vastidão de sinais diferentes, [...] ter recursos linguísticos como por exemplo os classificadores, as descrições imagéticas também [...]” (relato do participante do estudo piloto). Desse modo, há a necessidade de se dominar o uso de classificadores para animais nesse tipo de interpretação intermodal investigada. As estratégias mais utilizadas nessa direção foram a paráfrase (seis ocorrências), omissão (três vezes) e adição (duas ocorrências). Percebe-se que essas estratégias tiveram a função de favorecer a exploração, ao máximo, da visualidade e do espaço de sinalização para a interpretação inversa. Um exemplo de um trecho no qual o intérprete utilizou a estratégia da paráfrase para manter o ritmo da narrativa a seu favor e aproveitar, ao máximo, a iconicidade do trecho narrado é transcrito no Quadro 2:

Quadro 2: Paráfrase na interpretação inversa

Texto Fonte em Português	Sinalização do mesmo trecho em Libras
--------------------------	---------------------------------------

[...] veio um tropeção e a tartaruga saiu rolando, rolando, rolando... e chegou lá embaixo [...]	CL (subir-morro) + CL (tartaruga-cair-rolar) + VELOCIDADE + CL (tartaruga-rolar) + CHEGAR
--	---

Fonte: Os autores (2022).

Como é possível observar na sinalização do participante, o uso de classificadores foi de extrema importância para a construção dessa cena, na qual a tartaruga tropeça e rola morro abaixo. Identificou-se a estratégia da paráfrase, pois o intérprete se vale da iconicidade da Libras para evidenciar a rapidez (sinal [VELOCIDADE]) com a qual a tartaruga rola morro abaixo e utiliza o espaço de sinalização, evidenciando a necessidade de manter a riqueza de detalhes das fábulas na interpretação em Libras.

Dessa forma, ao sinalizar o trecho em que a tartaruga rola morro abaixo, o intérprete opta por utilizar um classificador, que representa imagetivamente a tartaruga rolando. Essa construção imagética e o uso do espaço de sinalização mostram-se como uma característica própria de uma língua de modalidade gestual-visual, podendo ser, portanto, caracterizada também como um efeito de modalidade. Quando o participante foi perguntado na entrevista sobre qual direção foi a mais difícil na interpretação, ele respondeu: “mais difícil achei de português *pra* Libras por causa da questão dos classificadores. Tive muito mais dificuldade de português *pra* Libras. A outra, de Libras *pra* português, você enxerga os classificadores, você vê, isso não é um problema” (relato do participante do estudo piloto).

Essa resposta do participante é interessante, pois parece indicar a preferência dele pela direção direta. Em pesquisa realizada com intérpretes de inglês-ASL, conduzida por Nicodemus e Emmorey (2013), os resultados apontam para uma preferência geral em interpretar da língua vocal para a língua gestual. As autoras também apontam que a datilologia pode ser uma das variáveis que influencia essa preferência, pois, na falta de um sinal, a estratégia da datilologia poderia auxiliar na interpretação. Entretanto, na presente pesquisa, conduzida sobre a interpretação intermodal de fábulas, essa estratégia não seria útil, dado o gênero do texto e o público-alvo da interpretação, como o participante do estudo piloto afirma.

Com relação ao uso de estratégias, conforme o próprio participante do estudo piloto respondeu na entrevista, elas variaram a depender da direção do processo interpretativo:

as estratégias em cada direção foram diferentes. De Libras para português eu usei muitas omissões, muitas simplificações, fui juntando as categorias. Ao invés de falar elefante girafa leão, junta tudo em animais. Agora de português pra Libras, tem que usar outras estratégias, explicitação, tive que usar compensação, que é trazer esse estilo narrativo pra dentro da interpretação. As estratégias foram bem diferentes. (relato do participante do estudo piloto).

Dessa forma, os resultados da pesquisa evidenciaram que habilidades diferentes são requeridas dependendo da direção do processo interpretativo. Além disso, também se observou, por meio da análise, que a modalidade gestual-visual apresenta uma série de especificidades para o intérprete intermodal, o qual, ao se deparar com tais aspectos, usa diferentes estratégias para lidar com tais efeitos, ou seja, a direcionalidade influencia a escolha de estratégias. Esse fato, sendo constatado na literatura pertinente, também se faz presente nas análises dos dados que foram empiricamente coletados.

### **Considerações finais**

Neste artigo, foram relatados alguns dos resultados de um estudo piloto sobre a direcionalidade na interpretação simultânea intermodal de fábulas entre Libras e português. Utilizando uma metodologia empírico-experimental, como a gravação de tarefas de interpretação nas direções inversa e direta, e o uso de protocolos verbais e entrevistas, o estudo piloto foi realizado com um participante-intérprete, selecionado por meio de um questionário *online* para seleção de participantes.

Visando analisar os possíveis efeitos de modalidade e o uso de estratégias específicas na interpretação simultânea intermodal, foram utilizados TFs que permitiram investigar a construção imagética na sinalização e a linearização de informações na vocalização. O gênero textual escolhido, fábulas, permitiu que esses elementos fossem analisados nas duas direções (direta e inversa), com enfoque também na análise das estratégias mais frequentes, em cada direção, pelo participante do estudo piloto.

Com relação à modalidade das línguas envolvidas em processos intermodais, a partir dos resultados obtidos, foi possível constatar que a Libras e o português podem apresentar demandas operacionais e cognitivas distintas para o intérprete intermodal, que precisa utilizar diferentes estratégias durante o processo interpretativo. Ademais, o tipo de interpretação também é um fator que impacta a tomada de decisão e o desempenho do intérprete. Como foi possível observar nos relatos do participante do estudo piloto, no caso da linearização dos classificadores na interpretação direta, seria necessário mais

tempo hábil — o qual a interpretação simultânea não oferece — para veicular essas informações em português.

Além disso, evidenciou-se que as estratégias interpretativas mais utilizadas em cada direção das tarefas de interpretação foram diferentes, fato que o participante-intérprete inclusive afirma na entrevista semiestruturada. A estratégia da omissão foi mais utilizada na interpretação direta (Libras-português) e a paráfrase a mais aplicada na interpretação inversa (português-Libras). Como é possível encontrar na literatura, por exemplo em Ferreira (2010), Nicodemus e Emmorey (2013), Pavlović (2013), dentre outros, a direcionalidade influencia o processo tradutório e interpretativo, sendo necessárias pesquisas empiricamente orientadas para que o papel da direcionalidade seja cada vez mais esclarecido.

A realização da pesquisa relatada neste artigo demonstrou a necessidade de se levar em consideração fatores como gênero textual, direcionalidade, perfil do participante-intérprete, dentre outros elementos que influenciam a interpretação intermodal entre Libras e português. Além disso, o uso de ferramentas metodológicas em uma perspectiva empírica pode oferecer insumos para uma análise mais completa do processo interpretativo, por meio da triangulação dos dados, com um maior número de participantes.

Dessa forma, foi possível identificar nos resultados da pesquisa o fato de os efeitos de modalidade estarem atrelados ao uso e à compreensão de classificadores e de aspectos visuais da Libras, sendo necessária também a utilização de estratégias específicas para lidar com esses elementos. Espera-se que estudos, como o apresentado aqui, contribuam com os ETILS, gerando novos conhecimentos sobre as especificidades da interpretação simultânea intermodal de narrativas de/para línguas de sinais.

## Referências

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2nd ed. London: Routledge. 2009.

BARBOSA, Diego Maurício. Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – Língua Brasileira de Sinais em contexto de Conferência. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

CASTRO, Nelson Pimenta de. A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais. *Dissertação de Mestrado*. 165 f.

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

FERREIRA, Aline Alves. Direcionalidade em tradução: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português. *Dissertação de Mestrado*. 137 f. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

HURTADO ALBIR, Amparo. Traducción y Traductología: introducción a la Traductología. 8. ed. Madrid: *Ediciones Cátedra*, 2001.

LEESON, Lorraine. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. In: *Topics in Signed Language Interpreting*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins. 2005.

LOURENÇO, Guilherme. Investigando a produção de construções de interface sintático gestual na interpretação simultânea intermodal. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015.

MCBURNEY, Susan Lloyd. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 329-369. 2004.

NAPOLI, Donna Jo.; SUTTON-SPENCE, Rachel Louise. Order of the major constituents in sign languages: implications for all languages. *Frontiers in Psychology/Language Sciences*, vol. 5, 2014.

NICODEMUS, Brenda; EMMOREY, Karen. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (3), p. 624-636, 2013.

PADDEN, Carol Ann. Simultaneous Interpreting across modalities. *Interpreting*. n. 5, v. 2, 2000/01, p. 169-185.

PAVAN, Grasielle. Mapeamento de estratégias utilizadas nas interpretações de Libras para Língua Portuguesa: as diferentes escolhas interpretativas de uma narrativa surda. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Bacharelado em Letras Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

PAVLOVIĆ, Tanja. Exploring Directionality in translation studies. *ExELL – Explorations in English Language and Linguistics*, 1.2, pp. 149-165, 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique. A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 254 f. *Tese de Doutorado* - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. *Revista da Anpoll*, [S.L.], v. 1, n. 44, p. 111-129, 29 abr. 2018.

SILVA, Vitória Tassara Costa. Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português. *Dissertação de Mestrado*. 201 f. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

## Entrevista com Ricardo Ernani Sander

Ernani Sander  
Flávia Machado  
Vânia de Aquino Albres Santiago  
Neiva de Aquino Albres

Professor adjunto na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Sander coordena o Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão e Membro do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais”. Possui doutorado em educação pela Universidade Estadual Paulista e mestrado em Educação pela UEM. Convidamos para uma breve entrevista, considerando sua vasta experiência enquanto tradutor e intérprete de Libras.

### **Fale sobre o seu primeiro trabalho como intérprete de Libras, compartilhe com os leitores como foi essa experiência.**

Primeiramente, eu gostaria de dizer que me sinto honrado por participar neste artigo. Lembro-me de que, no início de 1980, mais precisamente em março, foi quando eu conheci surdos e o que era, na época, chamado de língua de sinais. Era uma fase de transição entre o oralismo e a comunicação total. Em contato com os alunos da então escola especial Concórdia, eu aprendi rapidamente os sinais da época e logo comecei a ser chamado para festas de aniversário, por exemplo, e outros encontros de surdos, para que eu interpretasse algumas palavras que eram ditas na ocasião. Mas, de modo mais enfático e oficial, em 15 de novembro de 1981, foi celebrado um culto na igreja luterana Concórdia, em Porto Alegre, onde o meu colega, amigo e compadre Ely Prieto e eu ministramos o culto em língua de sinais. À época, foi um feito de grande importância, revolucionário, e todos os participantes ficaram maravilhados. Era a Palavra de Deus em uma outra língua, uma língua visual - língua de sinais. Lembro-me de que a gente fazia a comunicação total e o texto que eu lia e interpretava ao mesmo tempo era um dos evangelhos da Bíblia Sagrada, o qual falava sobre a ovelha perdida. Era a história da ovelha perdida. Durante a leitura, lembro que a minha perna direita tremia. Foi um acontecimento único em que eu fiquei muito nervoso. Esse momento me marcou muito. Era meu início oficial como TILS.

### **Qual ou quais conselhos você daria a um(a) intérprete de língua de sinais iniciante no Brasil?**

Há muitos conselhos que se poderia dar a um intérprete iniciante. Mas, vou me restringir a alguns poucos: primeiro, estude a língua dentro da cultura, ou seja, aprenda a língua de sinais em uma comunidade surda junto aos surdos. Isso não significa que você não possa aprender a língua de sinais com pessoas ouvintes ou com um professor surdo. Ao contrário, em todos os momentos e em todas as oportunidades, esse contato com a língua, seu aprendizado e a prática da língua são muito bem-vindos, sempre. Nos dias atuais, a língua de sinais é aprendida na universidade com professores surdos e ouvintes. Na minha época, a língua de sinais não era conhecida na universidade e muito menos aprendida lá. Segundo, espelhe-se em intérpretes mais experientes, observe como eles atuam. Eles podem ser seus conselheiros, mentores e ajudar você a melhorar cada vez mais na atuação. Terceiro, tenha contato com surdos de diferentes lugares. Você vai observar que sinalizam

diferentemente a Libras. As variações linguísticas existem na Libras e elas devem estar conscientes em nós. Tudo isso, nos anos 1980, era conteúdo desconhecido por nós.

**E qual ou quais conselhos você daria a uma pessoa que decida se dedicar especificamente à atividade de tradução?**

Do meu ponto de vista, a tradução diz respeito a texto escrito, o que a torna uma atividade bem mais complexa. Nem sempre você tem o termo adequado na hora, para se lembrar e usar. A tradução exige o uso de teóricos e de caminhos metodológicos que determinam regras a serem seguidas. É uma área que exige estudos e aprofundamentos na área da tradução, bem como discussões e estudo dos teóricos e seus postulados. A meu ver, tanto a área da interpretação quanto a área tradução exigem estudos. Entretanto, a tradução exige uma elaboração maior quanto à escrita e ao passar a língua visual ou oral para o texto escrito.

**Se você estivesse atuando profissionalmente como TILS hoje, conte que trabalho que você ainda não fez e que gostaria de fazer.**

Entre tantas atuações em diferentes lugares, poderia dizer que nunca atuei em uma maternidade. Neste momento é disso que posso me lembrar.

**O que você considera que uma pessoa coda precisa fazer para se tornar um TILS?**

A pessoa, por ser um/uma coda, não significa que é automaticamente um TILS. Há codas que não usam a língua de sinais, ou mesmo, não sabem a língua de sinais. Outros codas não participam da associação de surdos ou mesmo não querem ser TILS. Codas devem estudar a língua de sinais na universidade, objetivando uma formação acadêmica para serem TILS. No meu tempo, nem se pensava em cursos universitários para TILS.

**Na sua opinião, quais são os maiores problemas enfrentados pelos TILS hoje?**

Não me sinto competente para responder a esta questão. Entretanto, vejo que há uma falta de cursos de formação em muitos lugares no Brasil, cursos em nível universitário para TILS, bem como a questão do reconhecimento da profissão e, conseqüentemente, os baixos salários por muitas horas trabalhando. Penso que os TILS devam atuar em duplas. Sempre em duplas, como um padrão, a não ser que seja para uma rápida consulta médica ou entrevista, por exemplo. Mas, nas aulas de escolas e universidades, em eventos e programas de TV, sempre deveriam poder atuar em duplas.

**A partir dos seus estudos, qual seria a relação entre a atividade do TILS e a acessibilidade?**

A relação entre atividade do tradutor intérprete e acessibilidade é muito pertinente e muito importante. O profissional deve saber o seu lugar como uma ferramenta de acessibilidade. O profissional não deve pensar que é mais importante do que o interlocutor surdo ou ouvinte. Ainda vejo TILS atuando como se fossem o centro das atenções do evento, da

sala de aula, do consultório médico. Ele/ela é a ferramenta de acessibilidade fundamental entre surdos e ouvintes - muitas vezes para os surdos, outras vezes para os ouvintes. Isso significa que ele deve ser humilde na atuação profissional e não chamar atenção sobre si. Ele deve ser discreto, saber o lugar, onde se posicionar, onde e quando atuar ou não. Claro, em um show de rock, por exemplo, a atuação do TILS é condizente ao grupo que se apresenta. Em uma cerimônia de casamento, a atuação do TILS deve ser discreta e formal, pois o ambiente assim define.

### **O que é ser bilíngue? Qual perspectiva teórica te ajuda a responder essa pergunta?**

Ser bilíngue significa duas línguas e duas culturas. Não existe língua sem cultura e não existe cultura sem língua. Quer dizer: teoricamente, a gente faz conjecturas sobre, mas é impossível separar a cultura da língua ou separar língua de cultura. É um casamento indissociável. Porém, eu gosto da ideia, segundo o professor Carlos Skliar, de que uma língua e a outra língua ajudam no desenvolvimento da linguagem, do pensamento. Ambas não são para confrontarem-se, mas para se agregarem. Isso é muito importante, então, quando falamos em educação bilíngue para surdos, de modo específico a língua de sinais em primeiro lugar, em todos os âmbitos, em todos os níveis, desde o berço seguindo para a escola e depois na vida em sociedade. O Português, então, é assumido como uma segunda língua na modalidade escrita.

Quanto ao TILS, ele é bilíngue. Quando se fala em tradutor intérprete, a gente sempre remonta, no mínimo, a um ser bilíngue, mas pode ser trilíngue, pode ser poliglota. Entretanto, o ser bilíngue não é 100% bilíngue na escrita em ambas as línguas, ou 100% na fala, ou 100% na interpretação ou na tradução. A gente é sempre um pouquinho menos em uma dessas modalidades, em uma dessas variantes. É natural que a gente não seja competente 100% em todas as línguas. Posso dar um exemplo de mim mesmo: muitas vezes penso em uma língua, falo na outra e tenho mais facilidade em escrever na terceira língua. Muitas vezes me pego pensando em alemão, falando em inglês, ou fazendo um sinal da Libras para me lembrar do português. Logo, eu não sou 100% eficiente nas línguas que eu digo que sei. Tudo isso é relativo.

### **O que você tem a dizer sobre o desenvolvimento da língua de sinais no Brasil? E sobre a cultura surda?**

Este tema é fantástico! Nos últimos 40 anos nós crescemos muito. Por um lado, 40 anos é pouco tempo quando nós falamos em língua, em cultura. Por outro, 40 anos é bastante tempo para uma geração. Vejo maravilhado e, se comparo o início dos anos 1980 com os dias atuais, posso dizer com segurança que o desenvolvimento da língua de sinais no Brasil foi enorme. Hoje, temos pesquisas da Libras e de outras línguas de sinais nas universidades, como nunca houve. Temos a visibilidade da cultura da língua de sinais como jamais ocorrido anteriormente, aparecendo em muitos programas de televisão e nos seus comerciais, com intérpretes da língua de sinais nas seções do Congresso Nacional, nos mais diferentes eventos da sociedade e do mundo acadêmico. Não há evento sem que seja oferecida a acessibilidade através do profissional tradutor intérprete de língua de sinais.

### **O que é a comunidade surda?**

Para mim, comunidade surda não é apenas formada por pessoas surdas usuários de uma língua de sinais. A comunidade surda é muito maior: ela diz respeito também às pessoas ouvintes que usam a língua de sinais que convivem com surdos, pois podem ser os pais de surdos, ouvintes casados com surdos, professores ouvintes de alunos surdos, amigos ouvintes de surdos e um monte de outros. É um monte de outros âmbitos. É um horizonte alargado que constitui a comunidade surda, mas cujo protagonista é o próprio surdo e a sua língua.

### **A partir do advento da internet, o que mudou na atividade do TILS?**

As atividades do tradutor intérprete de língua de sinais tiveram um enorme desenvolvimento e um espaço como nunca se imaginava. Hoje é possível contratar virtualmente intérpretes para todas as situações, ou melhor, contratar profissionais especializados em determinadas áreas da tradução e interpretação através da internet, que possibilita trabalho on-line. Isso é fantástico!

### **Qual é o papel da tradução de e para a língua de sinais na esfera acadêmica hoje?**

Penso que o papel do tradutor intérprete de e para a língua de sinais na esfera acadêmica deva acontecer através de profissionais que tiveram formação na área em que atuam. Isso é muito importante por causa das especificidades das áreas aprofundadas do conhecimento que temos hoje. É fundamental, do meu ponto de vista, que o profissional tenha formação na área em que atua.

### **Qual o lugar da Educação Especial na educação de surdos hoje? Qual a sua opinião sobre a atuação do Estado na implementação da educação bilíngue para surdos?**

A educação de surdos não deveria estar na educação especial, porque a educação de surdos diz respeito à língua de sinais, essa língua de sinais não é uma questão de “ser especial”. Não se trata de deficientes aqui. A educação bilíngue para surdos deveria ter uma Secretaria em nível federal para isso. Penso que os surdos deveriam ter acesso a uma escola fundamental onde a língua de sinais teria curso livre com professores surdos fluentes em Libras, professores ouvintes fluentes em Libras, onde Libras seria a língua mais importante na escola, a língua de instrução. Todos deveriam saber a língua de sinais - desde o porteiro, à pessoa da cozinha e da limpeza, à coordenação e à direção. Os pais deveriam ter cursos contínuos de língua de sinais. Já no Ensino Médio haveria intérpretes para a acessibilidade dos alunos surdos, assim como nas universidades. É dever do Estado se responsabilizar pela educação de surdos e das escolas especiais no Ensino Fundamental.

### **O que se estudava para ser intérprete antes nos cursos das formações atuais no Brasil? É importante que o TILS, além de estudar sobre os aspectos da tradução e interpretação, se aproprie dos aspectos linguísticos do uso da língua?**

O primeiro curso de formação de tradutor intérprete aconteceu em 1997, em Porto Alegre, e foi uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a FENEIS. Na

grade curricular, havia algumas pinceladas sobre linguística, mas não linguística da língua de sinais, e sim do português. Também foi estudada a primeira versão do Código de Ética - tradução dos TILS dos Estados Unidos de 1966. Só havia isso de parte teórica. Agora, a parte prática era com diferentes contextos de interpretação, por exemplo, no consultório médico, no juiz, na delegacia de polícia, na escola, em família. Então, eram situações bem práticas do dia a dia. A gente discutia questões mais de modo empírico, subjetivo. Não havia questões de conhecimento mais aprofundado, de argumentos plausíveis e acadêmicos. Foram apenas 80 horas o total do curso.

Penso que, atualmente, o aluno da área de formação da tradução e interpretação da língua de sinais deva, sim, estudar questões e aspectos linguísticos do uso da língua de sinais em contextos diferentes. O mundo exige que os profissionais se especializem cada vez mais, para que possam atuar plenamente e com a competência que deles é exigida.

### **De que um Tils precisa para atuar em contextos comunitários e contextos de conferências no Brasil?**

Contextos comunitários: formação profissional (se possível), competência, responsabilidade, com características de empatia, humildade.

Contextos de conferência: formação profissional (necessário), competência, responsabilidade, com características de humildade.

Conclusão: o associativismo é muito importante para a formação e a manutenção da classe trabalhadora do profissional TILS. FEBRAPILS e as APILS são o lastro dos TILS para sua formação e atuação permanentemente. Os movimentos associativos são fundamentais para a constituição desse profissional. Não se pode constituir-se sozinho como TILS. O outro me constitui. Precisamos uns dos outros.

## POLÍTICA EDITORIAL

A Revista PERcursos Linguísticos publica minimamente 3 (três) números anualmente e tem como objetivo a publicação de textos científicos nas diversas áreas da Linguística e Linguística Aplicada. Com esse propósito, abre um espaço para a um diálogo acadêmico, que possibilita o debate em torno de diferentes orientações teóricas, transitando desde os paradigmas relacionados com a descrição e a análise linguística até às instigantes perspectivas do discurso e da análise textual, e às questões típicas da ampla área de linguística aplicada.

Por definição da política editorial da Revista, são aceitas contribuições de artigos redigidos em português de pesquisadores doutores, mestres e estudantes de pós-graduação do Brasil e do exterior, bem como estudantes de graduação, em conjunto com seus respectivos orientadores.

Os textos submetidos para publicação na revista são avaliados anonimamente por dois pareceristas do Conselho Editorial. Caso o artigo não seja da área de avaliação desses pareceristas, consultores ad hoc emitirão o parecer também no sistema de avaliação duplo cego. No caso de discrepâncias na avaliação do artigo, ele será avaliado por um terceiro parecerista. Depois da análise, cópias dos pareceres serão encaminhadas aos autores, juntamente com instruções para modificações, quando for o caso. Os trabalhos que não responderem no devido tempo hábil para resposta, não serão publicados na edição a qual foi inserido. Dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Só será admitido um artigo por chamada por autor(es).

Os artigos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

Os dados e conceitos contidos nos artigos, bem como a exatidão das referências, serão de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Os originais apresentados não devem ter sido submetidos a outro periódico simultaneamente.

Não serão aceitos artigos de autoria de mais de três autores sem a devida justificativa que deverá ser aceita pelo conselho editorial da PERcursos.

Os direitos autorais referentes aos artigos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista PERcursos Linguísticos, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98.

Os autores devem providenciar autorização para uso das imagens. Caso contrário, será necessário retirá-las e apenas descrevê-las.

Os direitos autorais referentes aos trabalhos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista PERcursos Linguísticos, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O trabalho publicado poderá ser acessado pela rede mundial de computadores, sendo permitidas, gratuitamente, a consulta e a reprodução de exemplar do trabalho para uso próprio de quem o consulta. Essa autorização de publicação não tem limitação de tempo, ficando o site da revista responsável pela manutenção da identificação do autor do artigo. Casos de plágio ou quaisquer ilegalidades nos textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

#### **DIRETRIZES PARA PROPOSIÇÃO DE DOSSIÊ TEMÁTICO (MEMBROS EXTERNOS À REVISTA)**

Os proponentes deverão contatar a Revista PERcursos com o título e proposta (resumo de até 400 palavras) do dossiê, para que seja analisada sua convergência com o escopo da revista.

Havendo aceite à proposta, os organizadores deverão encaminhar uma lista de, no mínimo, 10 (dez) especialistas na área do dossiê, para colaboração na avaliação dos artigos.

A edição de texto é de responsabilidade dos organizadores do dossiê, que deverão seguir as diretrizes editoriais da revista. É necessário informar à comissão da PERcursos aquele (s) que ficará (ão) responsável (is) por essa tarefa.

#### **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

O trabalho deve ser digitado em Word for Windows, versão 6.0 ou superior, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior e esquerda de 3 cm e direita e inferior de 2 cm, sem numeração de páginas. A fonte deverá ser Times New Roman, tamanho 12, em espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos, com alinhamento justificado. Os trabalhos devem ter extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas, incluindo todos os dados, como tabelas, ilustrações e referências.

O trabalho deve obedecer à seguinte estrutura e ordem

- Título: centralizado, em maiúsculas com negrito, na fonte 14, no alto da primeira página.
- Título na língua estrangeira escolhida (inglês ou espanhol, quando estas não forem a língua do texto do artigo): centralizado, em maiúsculas com negrito, na fonte 14, no alto da primeira página.
- Nome do(s) autor(es): por extenso, com letras maiúsculas somente para as iniciais, em fonte 12, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, com um número que remeterá à nota de rodapé para identificação da titulação e instituição a que pertence(m) o(s) autor(es) e e-mail de contato. A identificação não deve exceder duas linhas da nota para cada autor.
- Resumo: em português para os textos escritos em português; na língua do artigo e em português para artigos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do nome do autor.
- Palavras-chave: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, com um espaço simples após o resumo.
- Resumo na língua estrangeira: precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do nome do autor.
- Palavras-chave em língua estrangeira: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, com um espaço simples após o resumo.
- Texto do artigo: iniciado duas linhas abaixo das palavras-chave em língua estrangeira, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, com a inicial da primeira palavra em maiúscula. Deverá haver espaço duplo de uma linha entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo. Todo destaque realizado no corpo do texto será feito em itálico.

Caso seja necessário apresentar uma sequência ou ordem dentro do próprio corpo de texto, a informação deverá ser numerada, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses. Se a informação for fora do parágrafo principal, essa deverá ser

enumerada como algarismos arábicos, ser escrita com tamanho 10, com recuo de 4 cm da margem esquerda, o espaçamento das entrelinhas da citação deve ser simples.

Para citações no corpo do texto, são seguidas as diretrizes abaixo:

- Texto com menos de três linhas completas: tamanho 12, com aspas e dentro do texto. Deve ser acompanhado da referência. Exemplo: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

- Textos com mais de três linhas completas: tamanho 10, com recuo de 4 cm da margem esquerda, o espaçamento das entrelinhas da citação deve ser simples. Deve ser acompanhado da referência. Exemplo: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula. Quando a referência estiver junto ao texto, deve-se aplicar ponto-final no trecho citado, inserir a referência e aplicar novamente o ponto-final.

- Referências: precedidas desse subtítulo, iniciadas à esquerda, justificadas, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto. Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal). Só devem ser inseridos nas referências textos que foram utilizados ao longo do artigo.

Devem ser seguidos os exemplos abaixo:

Artigos científicos:

SOBRENOME, Nome por extenso. Título do artigo. *Nome da revista*, v. 1, n. 1, p. 1-10, Ano.

Livros autorais:

SOBRENOME, Nome por extenso. *Título do livro*. Número da edição. Cidade da editora: Editora. Ano.

SOBRENOME, Nome por extenso. *Título do livro*: subtítulo. Número da edição. Cidade da editora: Editora. Ano.

Livros organizados:

SOBRENOME, Nome do primeiro organizador por extenso; SOBRENOME, Nome do segundo organizador por extenso (Orgs.). *Título do livro*. Número da edição. Cidade da editora: Editora. Ano.

SOBRENOME, Nome do primeiro organizador por extenso; SOBRENOME, Nome do segundo organizador por extenso (Orgs.). *Título do livro*: subtítulo. Número da edição. Cidade da editora: Editora. Ano.

Livros com mais de 3 (três) organizadores poderão utilizar o recurso *et al.*

Capítulos de livro:

SOBRENOME, Nome por extenso. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome do organizador por extenso (Org.). *Título do livro*. Número da edição. Cidade da editora: Editora. Ano.

Teses e dissertações:

SOBRENOME, Nome por extenso. *Título da tese*: subtítulo. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação (Sigla da Universidade), ANO.

Trabalho publicado em anais de congresso:

SOBRENOME, Nome por extenso. Título do trabalho. *Nome do Congresso sem abreviações*. Instituição responsável (quando houver). Cidade, ano, p. 1-10.

Páginas da internet:

Notícias:

SOBRENOME, Nome por extenso. Título da notícia. *Nome do portal/jornal*, data de publicação. Disponível em: (link da notícia). Último acesso em: (data do último acesso).

Redes sociais:

SOBRENOME, Nome por extenso. *Post em rede social* (inserir título quando houver). Cidade, mês, ano. Nome da rede social. Disponível em: (link da postagem). Último acesso em: (data do último acesso).

Os autores serão requeridos a ajustarem seus textos até que se adequem às normas da revista, sendo condição para publicação dos manuscritos.

No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: silDoulosIPA, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente por meio do site: <[http://scripts.sil.org/DoulosSIL\\_download](http://scripts.sil.org/DoulosSIL_download)>.

Anexos, caso existam, devem ser colocados após as referências, precedidos da palavra Anexo, em negrito, sem adentramento e sem numeração.

Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas aqui expostas serão recusados.

Serão devolvidos aos autores trabalhos que não obedecerem tanto às normas aqui estipuladas quanto às normas de formatação.

### **Declaração de Direito Autoral**

O autor de submissão à Revista PERcursos Linguísticos cede os direitos autorais à editora da revista (Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFES), caso a submissão seja aceita para publicação. A responsabilidade do conteúdo dos artigos é exclusiva dos autores. É proibida a submissão integral ou parcial do texto já publicado na revista a qualquer outro periódico.

Os trabalhos aqui apresentados utilizam a licença Creative Commons CC BY: Attribution- NonCommercial- NoDerivatives 4.0 International. Para mais informações, verificar:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

**Equipe editorial**

A/C Patrick Rezende (editor-gerente)

Guilherme Brambila

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910 Vitória – ES

Tel: 0 XX 4009-2801

E-mail: [percursoslinguisticos@hotmail.com](mailto:percursoslinguisticos@hotmail.com)

[patrickrezende@hotmail.com](mailto:patrickrezende@hotmail.com)

[guilhermebrambilamanso@hotmail.com](mailto:guilhermebrambilamanso@hotmail.com)